

**UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA
SETOR DE CIÊNCIAS SOCIAIS APLICADAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM JORNALISMO**

FERNANDO LOPES

**CULTURA EM REVISTA: OS ENQUADRAMENTOS DAS EDITORIAS DE
CULTURA DAS REVISTAS VEJA E CARTACAPITAL**

PONTA GROSSA

2019

FERNANDO LOPES

**CULTURA EM REVISTA: OS ENQUADRAMENTOS DAS EDITORIAS DE
CULTURA DAS REVISTAS VEJA E CARTACAPITAL**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Jornalismo para obtenção do título de Mestre pela Universidade Estadual de Ponta Grossa, na área de concentração “Processos Jornalísticos”.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Karina Janz
Woitowicz

Coorientador: Prof. Dr. Ivan Elizeu Bomfim
Pereira

PONTA GROSSA

2019

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

L864 Lopes, Fernando

Cultura em revista: os enquadramentos das editorias de cultura das revistas *Veja* e *CartaCapital*. / Fernando Lopes, 2019.
129 f. : il. ; 30 cm.

Orientadora: Profa. Dra. Karina Janz Woitowicz
Coorientador: Prof. Dr. Ivan Elizeu Bomfim Pereira

Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Setor de Ciências Sociais Aplicadas, Programa de Pós-Graduação em Jornalismo, Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2019.

1. Jornalismo. 2. Cultura. 3. Editoração. 4. Periódicos. I. Woitowicz, Karina Janz. II. Pereira, Ivan Elizeu Bomfim. III. Universidade Estadual de Ponta Grossa. IV. Título.

CDD 070

FERNANDO LOPES

**CULTURA EM REVISTA: OS ENQUADRAMENTOS DAS EDITORIAS DE
CULTURA DAS REVISTAS VEJA E CARTACAPITAL**

Dissertação apresentada para obtenção do título de mestre na Universidade Estadual de Ponta Grossa. Área de concentração: Processos jornalísticos; Linha de Pesquisa: Processos Jornalísticos e Práticas Sociais.

Ponta Grossa, 15 de fevereiro de 2019.

Professora Dra. Karina Janz Woitowicz
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Professor Dr. Ivan Elizeu Bomfim Pereira
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Professor Dr. Carlos Willians Jaques Moraes
Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG)

Professor Dr. Francisco de Assis
FIAM-FAAM

TERMO DE RESPONSABILIDADE

Declaração de Compromisso Ético com a Originalidade Científico-Intelectual

Eu, Fernando Lopes, CPF número 064.859.966-30, RG número 13.068.172, responsabilizo-me pela redação do trabalho, aqui apresentado como dissertação de Mestrado em Jornalismo (UEPG), sob o título “Cultura em revista: os enquadramentos das editorias de cultura das revistas Veja e CartaCapital, atestando que todos os trechos que tenham sido transcritos de outros documentos (publicados ou não), e que não sejam de minha exclusiva autoria, estão citados entre aspas, com a devida indicação de fonte (autor e data) e a página de que foram extraídos (se transcrito literalmente) ou somente indicados fonte e ano (se utilizada a ideia do autor citado), conforme normas e padrões da ABNT vigentes. Declaro, ainda, ter pleno conhecimento de que posso ser responsabilizada legalmente caso infrinja tais disposições.

Ponta Grossa, 14 de março de 2019



FERNANDO LOPES

RA nº 3100117004018

RESUMO

O presente trabalho busca identificar como a cultura é apresentada em revistas generalistas semanais. Para a consecução deste objetivo, foi utilizado como recorte temporal o primeiro semestre de 2018 das editorias de cultura das revistas Veja e CartaCapital. A partir da perspectiva indireta da *framing analysis*, na qual os quadros são fornecidos por elementos presentes no texto, são identificadas características como escopo, atores sociais protagonistas, subtemas e posicionamentos. O agrupamento destas informações pela semelhança que possuem entre si e pela diferença que possuem em relação às demais permite a identificação de padrões persistentes que, de acordo com a metodologia utilizada, apresentam os *frames* de cultura destes veículos.

Palavras-chave: Jornalismo. Cultura. Editoração. Periódicos.

ABSTRACT

The present research intends to identify how culture is presented in weekly magazines. To achieve this objective, it was observed as timespan the first semester of 2018 of the culture sections of the magazines *Veja* and *CartaCapital*. Using the indirect perspective of framing analysis, in which the frames are given by textual elements, characteristics are identified such as scope, subthemes and placements. The grouping of these informations by the resemblance they had with each other, and the difference they had with the others allows us to identify persistent patterns which, according to the methodology, presents the cultural frames of these magazines.

Keywords: Journalism. Culture. Editing. Periodicals.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1 - Distribuição de quadros em Veja	61
Gráfico 2 - Distribuição de quadros em CartaCapital	61
Gráfico 3 - Escopo em Veja	62
Gráfico 4 - Escopo em CartaCapital	62
Gráfico 5 - Protagonismo em Veja	63
Gráfico 6 - Protagonismo em CartaCapital	63
 Quadro 1 - Elementos estruturais dos <i>frames</i>	 47

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 - Autores dos textos de Veja.....	56
Tabela 2 - Autores dos textos de CartaCapital	56
Tabela 3 - Frequência mensal de textos.....	58
Tabela 4 - Elementos de frame em Veja e CartaCapital.....	59
Tabela 5 - Subeditorias de Veja e CartaCapital.....	60
Tabela 6 - Resumo dos elementos de consumo	66
Tabela 7 - Elementos do quadro de consumo.....	67
Tabela 8 - Subeditorias do quadro de consumo.....	67
Tabela 9 - Resumo dos elementos de políticas e processos culturais.....	71
Tabela 10 - Subeditorias do quadro de políticas e processos culturais	72
Tabela 11 - Resumo dos elementos identitários	78
Tabela 12 - Subeditorias do quadro identitário	79
Tabela 13 - Resumo dos elementos políticos	86
Tabela 14 - Subeditorias do quadro político.....	86

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO.....	9
1.1 PRIMEIRAS INCURSÕES.....	14
1.2 ESTADO DA ARTE OU A PESQUISA DA PESQUISA	15
1.3 CONTRIBUIÇÕES DESTE TRABALHO PARA A PESQUISA EM JORNALISMO	19
2 CULTURA, JORNALISMO, JORNALISMO CULTURAL.....	21
2.1 A CULTURA NO JORNALISMO	21
2.2 JORNALISMO CULTURAL	24
2.3 JORNALISMO DE REVISTA.....	29
3 OS ENQUADRAMENTOS DA MÍDIA.....	32
3.1 ENQUADRAMENTOS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE.....	32
3.2 EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO DE <i>FRAMING</i>	34
4 DA TEORIA AO MÉTODO.....	42
4.1 DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS	42
4.2 DOS ELEMENTOS DO QUADRO AOS OPERADORES ANALÍTICOS	45
4.3 OS OBJETOS DE ANÁLISE	48
4.3.1 Apresentando Veja e CartaCapital	48
4.3.1.1 Veja.....	48
4.3.1.2 CartaCapital	52
5 COLETA DE DADOS: RECORTE, AMOSTRAGEM E DETALHAMENTO	55
5.1 ASSINATURA, EDITORIAS, QUADROS E ESCOPO.....	55
6 OS QUADROS DE VEJA E CARTACAPITAL	65
6.1 ENQUADRAMENTO DO CONSUMO.....	66
6.2 CULTURA PARA ALÉM DO CONSUMO IMEDIATO.....	70
6.2.1 Enquadramento de Políticas e Processos Culturais.....	71
6.2.2 Enquadramento Identitário.....	78
6.2.3 Enquadramento Político	86
6.2.4 Outros Temas	91
6.3 INTERPRETAÇÕES E HIPÓTESES	92
6.4 O QUE OS QUADROS DIZEM.....	96
6.5 META-ANÁLISE: AVALIANDO A APLICAÇÃO METODOLÓGICA	101
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	105
REFERÊNCIAS	108
APÊNDICE A - LIVROS DE CÓDIGOS (VEJA).....	111

1 INTRODUÇÃO

A função do jornalismo cultural é revelar de forma clara e acessível que, em toda grande obra, de literatura, de poesia, de música, de pintura, de escultura, há um pensamento profundo sobre a condição humana.
(Edgar Morin)

Em março de 2018, os editores da revista musical britânica *NME* (*New Musical Express*) anunciaram o fim da versão impressa do periódico, que se tornaria exclusivamente digital. O prelúdio do fim já havia sido anunciado em 2015, quando a *NME* passou de uma revista paga para um folheto gratuito, devido ao baixo número de vendas nos anos anteriores. Em seu auge, o *NME* chegou a vender 300 mil exemplares semanais. Nos últimos anos, a tiragem era de pouco mais de 15 mil exemplares.

A mudança de plataforma foi encarada, por muitos críticos culturais, como a morte do periódico. Ainda em 2015, quando do início da gratuidade do *NME*, o crítico André Barcinski publicou algo próximo de um obituário, com o espirituoso título “o jornalismo musical não vale mais um centavo”¹.

Amargurado com a nova realidade da revista, Barcinski questiona: “Quem poderia imaginar que, um dia, o *NME* teria o mesmo valor de folhetos de promoção de supermercados ou anúncios imobiliários?”. Na sequência de seu texto - publicado no portal R7 -, Barcinski culpa a internet pelo declínio do periódico, dedicando-se, nos parágrafos seguintes, a uma retrospectiva histórica do *NME*, encerrando com um simbólico “bons tempos”.

A nostalgia com pitadas de revolta voltou a dar o tom no início de 2018, com o fim da versão impressa. Álvaro Pereira Júnior, na Folha², escreveu que

nos últimos anos, a *NME* veio perdendo relevância, como de resto todo tipo de crítica (exceto, talvez, a gastronômica, um fenômeno ainda por explicar). Em um ambiente pulverizado, no qual todo o mundo é crítico e todo o mundo tem certezas e todo o mundo grita, mesmo sem nenhuma qualificação, veículos norteadores de tendências, como *NME*, perderam a razão de ser.

¹ Disponível em <http://entretenimento.r7.com/blogs/andre-barcinski/o-jornalismo-musical-nao-vale-mais-um-centavo/2015/07/09/>. Acesso em: 9 mar. 2018.

² Disponível em <https://www1.folha.uol.com.br/mercado/2018/03/revista-nme-era-a-biblia-e-o-evangelho-da-musica.shtml>. Acesso em: 9 mar. 2018.

O fim da versão impressa do *NME* foi apenas mais um capítulo na recorrente noção de morte da crítica cultural - e, por extensão, da morte do bom jornalismo cultural. Há dezesseis anos, Rodney Brocanelli escrevia ao Observatório da Imprensa ³que, “depois de provocar estragos à indústria do disco, o Mp3 (arquivos de áudio com qualidade próxima à do CD) parece estar fazendo uma nova vítima: o jornalismo musical”. Citando a colunista Ana Maria Bahiana, o autor justifica sua afirmação inferindo que “quem não compra CD dificilmente comprará revistas que falam de música”. Em um momento de internet ainda incipiente no país, Brocanelli também afirma que “dois vilões dessa crise que assola o jornalismo musical já são conhecidos: os *blogs* e os *e-zines*”.

Três anos mais tarde, em 2006, Brocanelli escreveria ao Observatório da Imprensa⁴ sobre os *blogs* de música com um tom mais apaziguador. Citando o crítico Leandro Schonfelder, Brocanelli escreve que “o preconceito [em relação aos *blogueiros* de música] nada mais é do que um mecanismo de defesa dos chamados jornalistas profissionais - justificável, por sinal, já que a internet e todas as suas implicações ainda estão longe de serem devidamente assimiladas”. Hoje, Brocanelli é responsável pelo *blog* Radioamantes, com notícias e comentários sobre rádio, além de participar da equipe da *webradio* Premium Esportes.

Em 2009 o crítico Camilo Rocha, de forma concisa, apresentou uma perspectiva que, ao invés de demonizar novas práticas, reforçou o papel do crítico cultural⁵. Falando sobre sua área de atuação, a música, Camilo inicia seu texto afirmando que “na era pré-digital, o crítico musical era uma figura bastante poderosa. Nesse tempo, ele era o cara que ouvia o disco antes de todo mundo e sacramentava no papel do jornal ou da revista um veredito sobre o álbum X ou a banda Y”. A crítica, desta forma, atuava como “um orientador, uma peneira, estimulando ou não a compra de um disco”.

Com a era digital, o conteúdo “saiu da cadeira cativa para a geral”. Para alguns críticos, como o Brocanelli de 2003 e o Pereira Júnior do início de 2018, o jornalismo cultural se tornaria financeiramente inviável, pois o público não teria mais a necessidade de se orientar pela opinião do crítico. Camilo Rocha discorda, argumentando que “um crítico de música pode e deve ser bem mais do que um jurado de programa de auditório, um cara que faz nada

³ Disponível em <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/artigos/jd111120036.htm>. Acesso em 9 mar. 2018.

⁴ Disponível em: <http://observatoriodaimprensa.com.br/e-noticias/blog-de-musica-forma-opinioao> Acesso em: 12 mar. 2018.

⁵ Disponível em:

https://www.digestivocultural.com/ensaios/ensaio.asp?codigo=293&titulo=Pra_que_serve_um_critico_musical Acesso em: 14 nov. 2018.

mais que dar uma nota para um disco. Tampouco deve ser o crítico um cara que apenas descreve um disco de maneira técnica e fria, como muitos fãs antigamente achavam que devia sair (quantas cartas para a *Bizz* não falavam ‘não quero saber sua opinião, quero saber como é o disco’) [...] A boa escrita musical vai muito além disso. O bom crítico oferece contexto, teorias, informações pouco conhecidas sobre o artista, faz ligações entre uma obra e eventos culturais do presente, momentos históricos ou outros artistas”.

Novas práticas sociais implicam em novos comportamentos que demandam um período de assimilação. A anedota sobre a trajetória de Rodney Brocanelli - que já considerou os *blogs* “vilões dessa crise que assola o jornalismo musical” e, hoje, é responsável por um *blog* - é ilustrativa de uma noção permanente de crise no jornalismo, de forma geral, e no jornalismo cultural, em particular. Não raro, como no caso dos *blogs*, as crises são atribuídas a novas práticas sociais advindas de avanços tecnológicos⁶.

A crise apresentada por Brocanelli era principalmente mercadológica, mas ela também pode aparecer como crise de formatos, de ética, de temas etc. Faro (2007, p. 2), por exemplo, afirma que, na crise do jornalismo cultural,

[...] os sintomas manifestam-se com a especificidade de sua própria trajetória na história da imprensa. Visto em suas origens como um espaço autêntico de veiculação de idéias, em especial pelo papel que a crítica literária adquiriu em sua formulação ao longo do tempo, o jornalismo cultural teria perdido suas características em razão de uma decorrência quase lógica da preeminência que o valor de troca imprimiu à produção cultural, passando a incorporar a forma definitiva geral (ainda que não exclusiva) que tudo adquire sob o capitalismo, a forma da mercadoria.

O autor identifica uma crise em duas camadas no jornalismo cultural. De forma geral, este gênero jornalístico não escapou às novas regras que ditam o comportamento da imprensa como um todo; de forma específica, os interesses empresariais envolvidos na comercialização da cultura também atingiram o jornalismo cultural. Assim, este se tornaria mero reprodutor de agendas e teria como razão de ser o simples entretenimento.

Ao mesmo tempo, e de maneira aparentemente contraditória, Faro (2007, p. 4) afirma que o jornalismo cultural.

⁶ A título de ilustração: em 1981, um tribunal da Califórnia sustentou que a tecnologia VCR (os populares videocassetes) poderia ser proibida, pois possibilitava que os consumidores violassem leis de proteção autoral. Esta história, bem como diversas outras que tratam da relação entre novas tecnologias e práticas sociais, pode ser encontrada em mais detalhes no livro *Cultura Livre*, de Lawrence Lessig.

[...] pode ser ainda espaço de reflexão e de produção que vai no sentido inverso ao da hegemonia dessa lógica, isto é, amplifica questões de natureza estético-conceituais e políticas que o transformam em local privilegiado da produção intelectual de uma determinada formação social.

Seguindo o raciocínio do autor, podemos inferir que 1) o jornalismo cultural mudou porque o jornalismo mudou e 2) o jornalismo cultural mudou porque a cultura mudou. Neste sentido, o fim do *NME* não significa que “o jornalismo musical não vale mais um centavo”; os *blogs* não foram “vilões da crise que assola o jornalismo”. Na perspectiva deste trabalho, optamos pela noção de transformação. Por exemplo, como defende Schoenherr (2005), podemos falar no desaparecimento de um certo modo de fazer crítica, ao invés de decretarmos a morte da crítica. Assis concorda com esta perspectiva ao afirmar que,

[...] embora enfrente uma série de problemas, os quais nem sempre têm encontrado esforços para serem sanados, o jornalismo cultural ainda tem um forte peso na imprensa brasileira. Sua morte ainda não foi anunciada (e, certamente, não será proclamada tão cedo). Mas é necessário que suas condições de produção e de recepção sejam constantemente repensadas (ASSIS, 2008, p. 190).

O objetivo deste trabalho é observar, a partir de duas revistas generalistas semanais (Veja e CartaCapital⁷), como o jornalismo cultural é praticado na atualidade. Apesar de todas as crises e transformações no jornalismo, há elementos essenciais que transcendem mudanças de formato, de linguagem, de perspectiva. Alguns destes elementos estão presentes no ensaio de Camilo Rocha - contexto, informações para além da obra, relações com seu momento de produção. Implícita nesta concepção está a importância de que os textos culturais consigam superar as meras valorações atribuídas aos seus objetos (avaliações positivas, neutras ou negativas). Afinal, há anos o crítico perdeu seu papel de mero divulgador e juiz. A cultura é causa e efeito de determinado momento histórico, de embates que transcendem sua materialidade enquanto produtos consumíveis. Produtos culturais suscitam debates, apontam mudanças e permanências, mesmo que por omissão. A cultura, como este trabalho mostrará, não se dissocia das questões contemporâneas por onde circula. Sem a intenção de adiantar resultados, isso é explicitado pelo alto índice de textos culturais encontrados, tanto em Veja quanto em CartaCapital, que tematizam questões de cunho político-partidário ou identitário. Estas são demandas de nossos tempos das quais a cultura não se furta.

⁷ Neste trabalho, optamos por utilizar a grafia CartaCapital, como o veículo utiliza em suas publicações, com exceção, por motivos de legibilidade, dos casos em que o nome aparece em caixa alta.

Para compreender como a cultura se manifesta em *Veja* e *CartaCapital*, foi adotado o paradigma do enquadramento, tanto em sua perspectiva teórica quanto em sua aplicação metodológica. O enquadramento enquanto método se consagrou nas pesquisas em jornalismo que têm a política como tema, a partir dos estudos de Erving Goffman. Nos trabalhos relacionados à política, a controvérsia se apresenta de forma mais explícita, com entendimentos bem demarcados - e, por vezes, opostos - sobre questões como o impeachment de Dilma Rousseff, privatizações, construções imagéticas de candidatos. Ao falarmos sobre cultura, entretanto, tais posicionamentos não necessariamente se apresentam de maneira perceptível, tornando subjacentes as questões em torno dos temas culturais.

Neste ponto a *framing analysis* possibilita que percebamos, em outras camadas de compreensão, os embates que norteiam a percepção sobre cultura. Estes embates se apresentam de forma mais sutil do que aquela presente em temas controversos: são escolhas, silenciamentos, ênfase em determinados circuitos culturais, produtos, eventos, políticas. Neste cenário, as valorações apresentadas pelos autores adotam uma perspectiva relacional: estas não devem ser descartadas, mas não constituem, per se, as definidoras de posicionamentos.

Há, tanto na literatura sobre jornalismo cultural quanto no senso comum - ou nas falas de alguns críticos culturais, como apresentado nas páginas anteriores -, uma noção de decadência que acompanha a cronologia do jornalismo cultural. Retomando Faro (2007), o jornalismo cultural seria, outrora, um espaço autêntico de veiculação de ideias. Hoje, sua posição seria antagônica: o mero entretenimento, impulsionado pelo valor de troca da produção cultural, no qual tudo é reduzido à mercadoria. Esta visão pressupõe uma linearidade na história do jornalismo cultural, que, exatamente por ser linear, não admite nuances, entremeios.

A opção pela *framing analysis* surge como tentativa de superação desta perspectiva. Ideias e mercadorias não são excludentes: as primeiras estão contidas nas segundas, são sua matéria-prima. O jornalismo cultural, pressupõe-se, não está alheio a isso. Este trabalho objetiva transformar a suposição em verificação. Em outras palavras, busca-se responder à clássica pergunta de Goffman em seus estudos pioneiros sobre enquadramento: “O que está acontecendo aqui?”. Ou seja, quando estes veículos estão falando sobre cultura, sobre o que estão falando? Desta forma, objetiva-se identificar, através da *framing analysis*, quais os processos sociais de significação de *Veja* e *CartaCapital* em suas editorias de cultura. O antagonismo destes veículos, perceptível em suas editorias hard e em suas autoimagens, também se faz presente no jornalismo cultural?

As escolhas conceituais sobre *framing* se aliam ao arcabouço teórico sobre jornalismo cultural para estruturar a metodologia de análise indireta de quadros. Esta opção metodológica não apresenta os quadros *a priori*, mas busca, a partir dos textos observados, elementos que irão compor o *frame*. A vantagem deste método é a redução da subjetividade no momento empírico da pesquisa. Aplicar a análise indireta de *frames* no jornalismo cultural constitui-se, também, em um esforço de construção metodológica na pesquisa em jornalismo.

Este trabalho se organiza em seis capítulos. O primeiro deles, ainda de caráter introdutório, apresenta noções iniciais da relação entre jornalismo e cultura; o estado da arte (ou a “pesquisa da pesquisa”, tópico no qual são apresentados o levantamento bibliográfico sobre jornalismo cultural e investigações acadêmicas que tiveram Veja e CartaCapital como objetos de análise); e as possíveis contribuições deste trabalho para a pesquisa em jornalismo.

O segundo capítulo apresenta a revisão teórico-conceitual sobre cultura, jornalismo e jornalismo cultural, com destaque para as relações específicas construídas entre a revista e seu público - relações que, embora possuam similaridades com outros tipos de veículos, são demarcadas por suas especificidades.

O terceiro capítulo, ainda de caráter teórico, traz as noções de enquadramento utilizadas neste trabalho. O capítulo seguinte, por sua vez, apresenta a transposição do arcabouço teórico em operadores metodológicos. Neste momento do trabalho há também o detalhamento das editorias de cultura de Veja e CartaCapital, e como estes veículos se posicionam no mercado editorial brasileiro.

O quinto capítulo traz o detalhamento da coleta de dados, com as justificativas relacionadas a recorte e amostragem. O sexto capítulo apresenta, descreve e interpreta os quadros identificados em Veja e CartaCapital.

Embora tenha sido utilizada uma metodologia consagrada nos estudos em Jornalismo, neste trabalho propusemos algumas adaptações ao enquadramento, adotando a análise indireta e adaptando os operadores para o Jornalismo Cultural. Por esta razão, dedicamos o último capítulo a uma breve meta-análise, no qual será feito um balanço dos acertos e fragilidades da metodologia aqui utilizada.

1.1 PRIMEIRAS INCURSÕES

A introdução deste trabalho dá a dimensão de conceitos que precisam ser trabalhados para a consecução dos objetivos. Inicialmente, há a necessidade de se compreender as noções

de cultura e as especificidades do jornalismo cultural, sua linguagem e efeitos na estruturação do gosto do público. De forma ainda mais específica, é preciso compreender as características do jornalismo de revista, que pressupõe diferentes acordos entre veículo e público do que aqueles encontrados, por exemplo, no jornalismo impresso diário.

Outra questão a ser abordada, fundamental na compreensão dos quadros apresentados pelos veículos, é o posicionamento editorial de *Veja* e *CartaCapital* no mercado brasileiro. Enquanto a primeira encontra-se consolidada como a revista mais vendida do país, a segunda se identifica como um produto anti-hegemônico, uma “alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira”, como diz em seu texto de apresentação. Ainda na fase exploratória deste trabalho, durante leituras assistemáticas das editoriais de cultura dos veículos, surge um questionamento: em outros trabalhos de pós-graduação analisados durante a pesquisa sobre o estado da arte, como veremos no tópico seguinte, *Veja* e *CartaCapital* apresentam construções discursivas opostas sobre uma série de temas, principalmente aqueles de natureza política e econômica. Este antagonismo das editoriais consideradas *hard* também se apresenta no jornalismo cultural? Antes de avançarmos nesta questão, entretanto, é preciso explicitar o caminho teórico-conceitual que embasa este trabalho, além de explorar outras dissertações e teses que se utilizam de *Veja* e *CartaCapital* como objetos de pesquisa.

1.2 ESTADO DA ARTE OU A PESQUISA DA PESQUISA

A identificação do estado da arte - ou seja, o que vem sendo produzido em determinada área de conhecimento - é, ao mesmo tempo, um movimento preliminar e constante de entrada no objeto de pesquisa. Como movimento preliminar, a observação do estado da arte nos dá uma noção panorâmica e atualizada daquilo que vem sendo pesquisado na área, visando identificar opções teóricas e resultados; contudo, devido ao constante desenvolvimento de novas pesquisas, esta etapa da produção do trabalho não se encerra após uma primeira observação.

O levantamento bibliográfico sobre jornalismo cultural nos dá indícios do interesse acadêmico relacionado a este segmento do jornalismo. Há cinco obras que orientam a revisão bibliográfica sobre jornalismo cultural deste trabalho - e que, embora apareçam com frequência distinta nas citações diretas, tiveram papel similar na concatenação de ideias e conceitos aqui utilizados. Destas, a publicação mais “antiga” data de 2003: *Jornalismo Cultural*, de Daniel Piza. Com vasta e eclética produção bibliográfica, Piza atuou

principalmente como jornalista de cultura. Embora seu texto careça de aprofundamentos teóricos, sua visão introdutória sobre jornalismo cultural referenda muitos trabalhos posteriores.

Seguindo cronologicamente, temos a obra Rumos [do] Jornalismo Cultural, parceria do Itaú Cultural com a editora *Summus*. Coletânea lançada em 2007 (2007) que envolve mais de 15 autores, dentre eles Cremilda Medina e Mauricio Stycer, o livro também apresenta uma visão ampla sobre o jornalismo cultural, englobando práticas profissionais, reflexões sobre crítica, tecnologia, dentre outros assuntos.

Duas obras de 2009 ajudam a reforçar o referencial teórico sobre jornalismo cultural deste trabalho: a primeira delas é 7 propostas para o Jornalismo Cultural: reflexões e experiências, coletânea de sete artigos que têm como característica a preocupação com questões mais específicas, como, por exemplo, a formação acadêmica na área e características da linguagem do jornalismo cultural.

Sérgio Gadini, no mesmo ano, publica Interesses Cruzados: A produção da cultura no jornalismo brasileiro. Com maior densidade teórico-conceitual dentre as obras observadas, o livro traz subsídios para a compreensão do campo cultural e, analisando 20 diários brasileiros, apresenta a elaboração da construção midiática da cultura.

Jornalismo Cultural no século 21, de Frantjesco Ballerini, publicado em 2015, traz considerações sobre a história do jornalismo cultural, além de apresentar especificamente algumas “sub-editorias”, como literatura, artes visuais, cinema, teatro e música, com ênfase na posição destes temas no jornalismo cultural de nosso século.

Embora não seja um texto teórico sobre jornalismo cultural, o relatório O que dizem as capas dos cadernos culturais dos principais jornais brasileiros, produzido pelo Observatório Itaú Cultural em 2013, contribuiu na configuração dos operadores analíticos (os elementos de quadro) utilizados na *framing analysis*, especialmente no que tange à definição das editorias (música, literatura, artes visuais etc) e dos elementos de quadro (produtos, agenda etc).

Pesquisa no Catálogo de Teses & Dissertações da Capes apresentou 47 trabalhos recentes⁸ pertinentes ao Jornalismo Cultural. Nestes, os veículos especializados aparecem de maneira mais recorrente, com análises de produtos como Rolling Stone, Bravo!, Cult, dentre outros. Suplementos culturais como Caderno B, Ilustrada e Caderno de Sábado também são objetos de análise.

⁸ Para fins deste trabalho, foram observadas as dissertações e teses publicadas de 2013 a 2017, a partir da busca pelo termo-chave “jornalismo cultural”, área de conhecimento “comunicação”.

Outro movimento recorrente nas pesquisas sobre jornalismo cultural, já identificado por Reis (2017), é a utilização deste “como pano de fundo para identificar representações ou construções da cultura, identidade cultural ou até mesmo da cidade” (REIS, 2017, p. 22). O jornalismo cultural praticado especificamente em revistas generalistas semanais atrai menor atenção acadêmica. Não há, no período observado, qualquer menção à produção cultural destes veículos.

Se a editoria de cultura destas revistas não foi alvo de investigações acadêmicas nos últimos cinco anos, o mesmo não pode ser dito de outras editorias, o que acaba por reforçar o antagonismo entre *Veja* e *CartaCapital*, com uma servindo de parâmetro comparativo à outra. Nos últimos cinco anos, 24 teses e dissertações se dedicaram a comparar discursos, construções e enquadramentos de *Veja* e *CartaCapital*. A tônica são as editorias hard, principalmente os assuntos políticos. A fim de identificar as aproximações e distanciamentos dos veículos sobre estes temas, observamos uma amostragem de quatro destes trabalhos.

A dissertação *Privatizando a opinião: um estudo sobre enquadramento nas revistas Veja e CartaCapital*, de Luana Meneguelli Bonone (PUC-SP), apresenta, em suas considerações finais, que, em sua análise, foi possível

[...] identificar que o enquadramento realizado pela revista *Veja* é pró-privatizações, o enquadramento do semanário *CartaCapital* se apresentou como antiprivatizações - ao menos as privatizações em curso no país - e nenhuma das duas publicações ofereceu perspectiva plural de cobertura sobre o tema. (BONONE, 2013, p. 111).

Túlio Gonçalves Gomes, com a dissertação *A construção dos escândalos de corrupção: repertórios interpretativos das revistas Veja e CartaCapital sobre a Operação Lava-Jato* (UFU), alcança resultados semelhantes. Ao falar sinteticamente sobre os posicionamentos das revistas em relação à Operação Lava-Jato, o autor explana que

[...] na revista *Veja*, um veículo que se posiciona em oposição ao PT, partido do governo à época, os repertórios evidenciam esse posicionamento: “A Lava-Jato é um Petrolão”; “o PT criou o esquema de corrupção na Petrobras” e “A Lava-Jato é o maior esquema de corrupção da história do país”. Na revista *CartaCapital*, veículo que se posiciona contrariamente à *Veja*, temos três repertórios que evidenciam essa posição, ora defendendo que a corrupção não é exclusividade do PT, ora atacando que a operação e a mídia “nativa” (direita-conservadora) são instrumentos para atacar o partido de esquerda: “A Lava Jato é um recurso político-eleitoral”; “A corrupção não é exclusiva do PT ou de outro partido” e “A mídia nativa está a serviço dos grandes grupos de poder” (GOMES, 2016, p. 88).

A dissertação *O discurso da cobertura da eleição presidencial de 2014: uma análise das posições ideológicas de Veja e CartaCapital*, de Luciana Gomes da Silva (UEMS), também tem em sua conclusão a marca do antagonismo entre as duas publicações. De acordo com a autora,

Veja constrói a imagem discursiva de Dilma Rousseff como uma figura política pouco competente e guiada pelo Ex-presidente Luis Inácio Lula da Silva e pelo seu partido, o PT. Sob seu comando o Brasil transformou-se em um caos. Deste modo, o Governo Dilma seria uma extensão da Era Lula ou, simplesmente, o Governo do PT, que após o fim deste mandato encerra um ciclo de 16 anos.

Já CartaCapital constrói a imagem de Dilma Rousseff como sendo uma mulher forte e competente, capaz de enfrentar os desafios da presidência e as acusações de corrupção em seu governo. É importante destacar que, apesar de declarar apoio a presidenta, a revista produziu menos discursos que Veja em suas capas relacionadas, direta ou indiretamente, à Dilma Rousseff e ao PT (SILVA, 2016, p. 93).

O último trabalho selecionado para esta amostragem, *O discurso da imagem: Lula e Serra por Veja e CartaCapital nas eleições de 2002*, de Ana Luiza Marques de Tovar Faro (UFRJ), confirma as impressões dos trabalhos anteriores. Em suas conclusões, a autora afirma que “Veja dedicou a maior parte das fotografias de Lula a evidenciar a ideia de que a imagem do candidato era, na verdade, uma montagem artificial, fruto da competência de um marqueteiro” (FARO, 2014, p. 175), enquanto as abordagens de CartaCapital em relação a Lula buscaram “ênfasis suas habilidades em falar em público, seja em ocasiões mais formais, seja na rememoração de sua capacidade de mobilização popular, enfatizando de maneira positiva seu histórico de militância em comícios junto à grande população” (FARO, 2014, p. 176).

O antagonismo também está presente nas representações do candidato derrotado, José Serra. A autora afirma que

não foram raras as fotografias de Serra feitas a partir de uma angulação de baixo para cima, evidenciando a tentativa de elevação do candidato. Sua seriedade também foi constantemente o contraponto da descontração inadequada apresentada por Lula, especialmente nas ocasiões em que ambos os candidatos apareciam juntos (FARO, 2014, p. 176).

Esta pequena recuperação de pesquisas que tratam das características editoriais de *Veja* e *CartaCapital* têm a oposição como mote. Não houve, em nenhum caso, aproximações das construções realizadas pelos veículos.

É necessário reforçar, entretanto, que, em todos os trabalhos observados, há uma noção evidente de controvérsia. Bonone, por exemplo, ao analisar os “enquadramentos” relacionados à privatização, dá maior ênfase às valorações praticadas pelas revistas do que pela construção de quadros. Embora, como já observado na introdução deste trabalho, as valorações componham a análise de quadros, deve haver relativização de seu papel na *framing analysis*. Não se trata propriamente de um erro, mas de certa desvirtuação do conceito - ou, nas palavras de Entman, Matthes e Pellicano (2009) e Vimieiro (2010), uma fragmentação. Neste trabalho, as valorações surgem como mais um dentre diversos elementos de análise, o que será explicado nos tópicos metodológicos.

1.3 CONTRIBUIÇÕES DESTE TRABALHO PARA A PESQUISA EM JORNALISMO

Esta dissertação é resultado da trajetória do autor no Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa (UEPG). Autorizado pela Capes em 2012 e com início de atividades no primeiro semestre de 2013, o programa foi o primeiro da área no Paraná e segundo no país, resultado de esforços para a consolidação de um campo jornalístico de pesquisa com autonomia em relação ao espectro amplo das pesquisas em Comunicação.

A consolidação deste campo inclui o desenvolvimento de bases teóricas e metodológicas. Embora não se deva desconsiderar os avanços de pesquisas de outras áreas - notadamente das Ciências Sociais, Sociologia e Comunicação -, a pesquisa em Jornalismo intenta desenvolver objetos, conceitos e métodos próprios (ou, ao menos, adaptados para suas especificidades). Em outras palavras, há a busca pela compreensão de qual conhecimento advém da prática jornalística. Nas palavras de Meditsch,

[...] o Jornalismo não revela mal nem revela menos a realidade do que a ciência: ele simplesmente revela diferente. E ao revelar diferente, pode mesmo revelar aspectos da realidade que os outros modos de conhecimento não são capazes de revelar (MEDITSCH, 2008, p. 3).

Azubel (2013) segue esta linha de pensamento, mas apresenta especificidades do conhecimento produzido em revistas. Devido à periodicidade, estas são capazes de aprofundar

histórias, explorando diferentes ângulos, o que estabelece um contrato identitário próprio com o leitor. A autora defende que, nessa deliberada intersecção entre objetividade e subjetividade, própria da linguagem interpretativa das revistas, reside a multidimensionalidade do conhecimento. Em suas palavras,

[...] é válido enfatizarmos que a apreensão da realidade nunca é direta, mas se realiza através da mediação tradutora de sinais/signos/símbolos. É por meio da linguagem que temos acesso a nós mesmos, ao outro, aos acontecimentos, ao jornalismo de revista. Portanto, é pela interpretação que chegamos ao conhecimento - e isso vale para o jornalista, em relação ao mundo dos acontecimentos, e para o leitor e para o analista, em relação aos magazines. Percebemos o conhecimento em sua multidimensionalidade; nele, objetividade e subjetividade se interpenetram em grandes ondas (AZUBEL, 2013, p. 16).

Nesta confluência entre o jornalismo enquanto forma de conhecimento e principal divulgador de práticas culturais, podemos inferir que, ao falar sobre cultura, os veículos jornalísticos contribuem para construir a própria noção de cultura na atualidade. É esta noção de cultura que pretendemos identificar neste trabalho. Para além disso, a adaptação da metodologia de análise indireta de quadros, com vistas à sua utilização em uma pesquisa sobre jornalismo cultural, constitui-se também em um esforço de fortalecimento acadêmico do Jornalismo. Temos a pretensão de que a metodologia aqui apresentada seja reutilizada, readaptada, lapidada pelas próximas gerações de pesquisadores deste e de outros programas de pós-graduação em Jornalismo.

Antes de apresentarmos este esforço metodológico de forma detalhada, faz-se necessário situar nosso objeto de pesquisa. Ou seja, para que viabilizemos a aplicação da vertente indireta da *framing analysis* ao jornalismo cultural, é preciso que, inicialmente, saibamos o que há de específico neste segmento jornalístico, o que, dentre tantas similaridades, torna-o singular em relação a outros fazeres jornalísticos.

2 CULTURA, JORNALISMO, JORNALISMO CULTURAL

O objeto desta dissertação apresenta múltiplos recortes: o primeiro deles diz respeito à especialização jornalística (o jornalismo cultural); o segundo, ao suporte no qual este jornalismo especializado se apresenta ao público (revista). Cada um destes recortes traz especificidades que serão tratadas neste capítulo.

Inicialmente, pensamos no que é cultura e sua inserção na prática jornalística. Para tal, utilizamos a conceituação sociossemiótica de cultura apresentada por Canclini (2005), além da perspectiva histórica desenvolvida pelo autor. Gadini (2009), Kellner (2001) e Ballerini (2015) também apresentam contribuições sobre a cultura e suas intersecções com o jornalismo.

Autores como Anchieta (2009), Assis (2008) e Braga (2006) participam da discussão em torno dos conceitos do jornalismo cultural. A diluição da crítica, apresentada na introdução deste trabalho, é embasada por Golin (2009) e, principalmente, Schoenherr (2005). Por fim, discutimos a especificidade do jornalismo em revista, com contribuições de Scalzo (2003) e Azubel (2013).

2.1 A CULTURA NO JORNALISMO

O termo “cultura” é de difícil conceituação, graças à sua amplitude e polissemia. Canclini (2005), citando a obra dos antropólogos Alfred Kroeber e Clyde K. Klukhohn, identifica quase trezentas definições possíveis de cultura. De acordo com o autor,

[...] até há poucas décadas, pretendia-se encontrar um paradigma científico que organizasse o saber sobre a cultura. Mesmo quem reconhecia a coexistência de múltiplos paradigmas aspirava a estabelecer algum que fosse o mais satisfatório ou o de maior capacidade explicativa (CANCLINI, 2005, p. 36).

Para Canclini, a diversidade de paradigmas advém da própria pluralidade de culturas. Em termos antropológicos, a postura diante das definições de cultura deve se aproximar daquela utilizada com os informantes do trabalho de campo, sem preferências apriorísticas sobre uma versão dos processos sociais. Desta forma, Canclini opta pela identificação das principais narrativas quando falamos sobre cultura.

Uma das primeiras concepções sobre cultura se aproxima daquela utilizada coloquialmente, descrevendo cultura como “o acúmulo de conhecimentos e aptidões intelectuais e estéticas” (CANCLINI, 2005, p. 37). Apropriando-se da filosofia alemã do final do século XIX, esta concepção distingue cultura e civilização: extrair um pedaço de mármore de uma pedra é um objeto de civilização, enquanto a transformação deste objeto em algo belo torna-se cultura. Canclini considera que esta definição se mostra insuficiente por seu caráter eurocêntrico, no qual há “um conjunto de conhecimentos e gostos que seriam os únicos que valeria a pena difundir” (CANCLINI, 2005).

Uma segunda concepção supera as formas mais primárias do etnocentrismo, ao desenvolver as oposições natureza-cultura e sociedade-cultura. Contudo, ao englobar todas as instâncias de determinada formação social, o conceito perde operacionalidade. Em outras palavras, se tudo é cultura, então rigorosamente nada é⁹.

O conceito se torna operacional a partir da perspectiva sociossemiótica. Nas palavras de Canclini,

[...] pode-se afirmar que a cultura abarca o conjunto dos processos sociais de significação ou, de um modo mais complexo, a cultura abarca o conjunto de processos sociais de produção, circulação e consumo da significação na vida social (CANCLINI, 2005, p. 41).

Os termos “produção”, “circulação” e “consumo” - que, oportunamente, são também caros à pesquisa jornalística - trazem consigo uma noção de continuum, de construção permanente. O jornalismo sobre cultura, neste sentido, explicita mais uma de suas especificidades: ao mesmo tempo em que é, per se, um produto cultural, é também um produto que fala sobre cultura. Gadini (2009) reforça este papel do jornalismo cultural ao inseri-lo no campo (ou universo, ou circuito) cultural. Para o autor, o campo cultural

[...] é formado pelas criações artísticas postas em circulação; pela crítica jornalística que gira em torno destes produtos; por pautas, agências e assessorias comunicacionais voltadas à produção cultural; pelas secretarias e departamentos públicos do setor; pelo mercado de consumo, envolvendo os usuários desses mesmos serviços; pelos espaços sociais afins, como galerias, livrarias, lojas de CDs, feiras, entre outros; além das emissoras de rádio e televisão culturais/educativas ou mesmo privadas, na medida em que a mídia também vai forjando modos de pensar que são projetados nas expectativas e nos hábitos dos consumidores; enfim, no cotidiano da população (GADINI, 2009, p. 40).

⁹ Parafraseando o professor Mark Lilla, que afirma que “se tudo é político, então rigorosamente nada é”.

É possível perceber, portanto, a relevância do jornalismo cultural dentro deste circuito de divulgação de cultura. Embora a arte possa chegar ao público por diversos caminhos, como universidades, museus e eventos - como exemplifica Ballerini (2015) -, não há mediador mais eficiente do que o jornalismo cultural. Através da *framing analysis*, busca-se identificar quais são os múltiplos processos sociais de significação do jornalismo cultural em Veja e CartaCapital.

A questão, portanto, vai além da divulgação jornalística de produtos e eventos culturais. Nesta confluência entre circuito cultural e jornalismo, o segundo acaba por (re)configurar a própria noção de cultura na experiência cotidiana. E o que é cultura para o jornalismo cultural? Nas palavras de Gadini,

[...] na discussão sobre o jornalismo cultural, interessa, fundamentalmente, a cultura como expressões materializadas em produtos, discursos e afins, que são agendados, pautados - ou, em certos momentos, parcialmente “silenciados”- pelos meios de produção jornalística (GADINI, 2009, p. 43).

A noção de cultura da mídia, apresentada por Douglas Kellner, também é central na relação entre cultura e jornalismo cultural. Segundo o autor,

[...] a expressão “cultura da mídia” tem a vantagem de designar tanto a natureza quanto a forma das produções da indústria cultural (ou seja, a cultura) e seu modo de produção e distribuição (ou seja, tecnologias e indústrias da mídia). Com isso, evitam-se termos ideológicos como “cultura de massa” e “cultura popular” e se chama a atenção para o circuito de produção, distribuição e recepção por meio do qual a cultura da mídia é produzida, distribuída e consumida (KELLNER, 2001, p. 52).

A perspectiva acima apresentada nos permite pensar no lugar do jornalismo - e, mais especificamente, do jornalismo cultural - na sociedade contemporânea. Adotando uma perspectiva construtivista, Gadini afirma que a vida social deve ser pensada como “processos de instituição dos sentidos e valores que orientam as ações e percepções dos grupos humanos” (GADINI, 2009, p. 46). Esta realidade social se institui por diversas formas de interação que englobam os dispositivos comunicacionais.

Assim, os mass media participam consideravelmente, com sua capacidade de mediação, da instituição das relações sociais. Neste cenário,

[...] o jornalismo, em especial, não só por uma linguagem técnica e articulação específicas, mas fundamentalmente por padrões de credibilidade historicamente legitimados, aciona uma gama de significações, forjando processos e produtos que, por sua vez, tentam envolver e “seduzir” o consumidor, usuário ou receptor. A informação jornalística institui, no processo de produção de sentido, um conhecimento que vai agregar, questionar ou negar a relação e o comportamento que o usuário mantém no espaço coletivo (GADINI, 2009, p. 47).

Após pensarmos sobre o universo cultural e o papel do jornalismo enquanto construtor da realidade social, é possível a adoção de uma definição pertinente de jornalismo cultural para o presente trabalho. Neste caso, também recorreremos a Gadini, que sintetiza o conceito de jornalismo cultural como

[...] os mais diversos produtos e discursos midiáticos orientados pelas características tradicionais do jornalismo - atualidade, universalidade, interesse, proximidade, difusão, clareza, dinâmica, singularidade etc. - que, ao abordar assuntos ligados ao campo cultural, instituem, refletem e projetam modos de ser, pensar e viver dos receptores, efetuando assim uma forma de produção singular do conhecimento humano no meio social onde ele é produzido, circula e é consumido (GADINI, 2009, p. 80-81).

Em uma primeira camada, mais evidente - a do consumo -, o jornalismo cultural opera na estruturação do gosto, das percepções sobre determinado produto, evento, estilo, cena cultural. Contudo, se identificarmos camadas subjacentes no jornalismo cultural, que ultrapassem a lógica de produtos e agendas, podemos inferir que os textos sobre cultura podem operar também construções sobre temas que ultrapassam o mero consumo cultural, organizando sentidos relacionados a outras esferas da experiência cotidiana, como, por exemplo, a política, racial, de gênero, econômica.

2.2 JORNALISMO CULTURAL

Em uma retrospectiva histórica, os primeiros indícios do jornalismo cultural apareceram em 1655, através do jornal *The Transactions of the Royal Society of London*. O *News of Republic of Letters*, de 1684, também se dedicava à cobertura de obras literárias e artísticas. Foi neste contexto que a resenha de livros começou a se desenvolver (BRIGGS; BURKE, 2006).

Mas foi com *The Spectator*, de 1711, que o jornalismo cultural começou a ganhar traços mais claros. De acordo com Briggs e Burke, “o objetivo declarado era trazer a filosofia

para fora das instituições acadêmicas, para ser tratada em clubes e assembleias, em mesas de chá e cafés” (2006, p. 77). O sucesso de *The Spectator* originou traduções para outros idiomas e uma série de novos veículos nele inspirados, em países como Alemanha, Holanda, Inglaterra e França. Briggs e Burke (2006, p. 78) consideram que esta proliferação estimulou o surgimento da opinião pública, termo que foi identificada pela primeira vez na França, em 1750.

Décadas mais tarde, no início do século XIX, a crítica cultural ganhou protagonismo em um período no qual a Europa se industrializava. Foi neste período, também, que este gênero jornalístico chegou aos Estados Unidos (PIZA, 2003). No Brasil, a imprensa sugeria apenas com a Proclamação da Independência, em 1822 (alguns periódicos datam da década anterior, entretanto, precisavam ser impressos em outros países). Havia, neste período, forte caráter de atrelamento político nestes veículos (ROMANCINI e LAGO, 2007).

A partir do final do século XIX, a profissionalização do jornalismo se reflete nas pautas sobre cultura. A crítica cultural recebe espaços fixos nos veículos, contando, no Brasil, com nomes como Euclides da Cunha, Machado de Assis e Lima Barreto. É possível identificar, já neste período, uma perspectiva relacional nos textos sobre cultura: além da apreciação de obras, aparecem reflexões sobre movimentos culturais a elas relacionados (PIZA, 2003).

A mediação do conhecimento, identificada ainda no século XVIII por Burke, é considerada por Anchieta como uma das permanências do jornalismo cultural. A autora afirma que

[...] o jornalismo cultural nasce com a função de mediar o conhecimento e aproximá-lo do maior número de pessoas. A intenção [*do Spectator*] era não restringir a uma elite a esfera das artes, da filosofia e da literatura. Havia nisso um entendimento da função social do jornalismo cultural como locus adequado para dar acesso irrestrito a todo o saber, fato esse que se torna uma regularidade no jornalismo cultural (ANCHIETA, 2009, p. 59).

Outra característica própria do jornalismo cultural diz respeito às pautas, que, mesmo que tratem de temas considerados amenos, como roteiros gastronômicos ou comportamento, devem comportar elementos pertinentes a editorias *hard* do jornalismo. Ou, nas palavras de Assis,

[...] por mais que as pautas dessa natureza sejam descontraídas, elas devem ser planejadas e executadas com objetivos bem definidos: apontar tendências, revelar novidades, tratar de aspectos intrínsecos à vida das pessoas, elaborar roteiros com dicas precisas, descrever personagens, enfim, primar por um jornalismo de variedades com qualidade, com a atuação de profissionais capacitados e com vasto conhecimento sobre temas dessa natureza (ASSIS, 2008, p. 186).

A noção de atualidade, no jornalismo cultural, também apresenta alguns elementos específicos, que Braga define como “circunstância de atualidade”. O jornalismo cultural lida com o atual - festivais, lançamentos, exposições, novas tendências. Essa atualidade, como Braga exemplifica ao falar de cinema, está presente mesmo quando o produto cultural é antigo - “filme de Cronenberg de 1999 estreia na HBO”, exemplifica o autor (2006, p. 210). Assim,

[...] a crítica jornalística pode ser portanto caracterizada (junto com tantos outros produtos diferenciados da mídia, como o próprio noticiário, os debates sobre questões de momento e entretenimentos mais perecíveis) como um gênero vinculado ao presente.

Por outro lado, essa vinculação não determina necessariamente a perecibilidade. Ao lado do elo com a “estréia”, com o “em cartaz”, outra vinculação oferece pelo menos a possibilidade da duração (seletiva): aquela entre a crítica e o próprio filme criticado. Na medida da relevância e durabilidade deste, mas também da seriedade, da abrangência e acuidade perceptiva da crítica, esta pode atravessar a barreira da atualidade e durar, seja na forma de antologias e seleções, seja na de referências em torno do filme, de abertura para o debate, ou ainda (sempre seletivamente) de “obra do autor crítico”. Ainda que possa ser considerado gênero menor, pode assim aceder ao patamar de “obra”. De certa forma, é entre esses dois pólos, do efêmero e da duração, que o gênero se difunde (BRAGA, 2006, p. 210).

Ou seja, ao mesmo tempo em que compartilha de determinados critérios comuns a outros gêneros jornalísticos, o jornalismo cultural também possui elementos próprios. Outros destes elementos são apresentadas por Anchieta (2009), que identifica duas regularidades fundamentais no gênero: “a necessidade de democratizar o conhecimento e seu caráter reflexivo” (2009, p. 58).

Em suas origens, o jornalismo cultural trazia como missão “mediar o conhecimento e aproximá-lo do maior número de pessoas” (ANCHIETA, 2009, p. 59), ampliando o acesso cultural antes restrito a uma elite intelectual. Sobre a segunda regularidade, ou seja, o caráter reflexivo, Anchieta afirma que

[...] é a reflexividade que distingue, efetivamente, o jornalismo cultural de outras editoriais. Enquanto o caderno de Economia, de Cidades, de Política vai noticiar as práticas, o jornalismo cultural vai fazer uma reflexão sobre essas práticas em suas críticas e crônicas, o que fica claro quando observamos os gêneros textuais consagrados nessa editoria, que são a crítica, a resenha e a crônica (ANCHIETA, 2009, p. 59).

Na prática jornalística cultural cotidiana, há também de se levar em conta o fator de previsibilidade. Diferente do que ocorre nas notícias de editoriais *hard*, nas quais há, comumente, a necessidade de um fato já ocorrido para que os jornalistas possam se organizar, o jornalismo cultural costuma usufruir da previsão de determinados acontecimentos, permitindo o planejamento antecipado (STRECKER; VENTURA, 1989).

A perspectiva do jornalismo cultural enquanto organizador de sentidos e experiências que ultrapassam a cultura em seu sentido *stricto* é reforçada por Kellner, ao afirmar que os textos da cultura na mídia (nos quais se insere o jornalismo de maneira geral, e o jornalismo cultural em particular)

[...] não são simples veículos de uma ideologia dominante nem entretenimento puro e inocente. Ao contrário, são produções complexas que incorporam discursos sociais e políticos cuja análise e interpretação exigem métodos de leitura e crítica capazes de articular sua inserção na economia política, nas relações sociais e no meio político em que são criados, veiculados e recebidos (KELLNER, 2001, p. 11-12).

Com esta perspectiva em mente, utilizando a análise de quadros, buscamos compreender quais discursos sociais se incorporam nas produções sobre cultura em *Veja* e *CartaCapital*, além de identificar as abordagens utilizadas.

Outra especificidade do jornalismo cultural é sua linguagem - e os efeitos por ela causados. Não raro, jornalismo cultural se torna sinônimo de uma de suas ramificações, a crítica cultural - seja em textos acadêmicos ou na metacrítica (textos de crítica cultural nos quais o objeto é a própria crítica cultural). É o que acontece, por exemplo, no texto *Crise à vista com a geração mp3*, citado no início deste trabalho, no qual podemos encontrar trechos como “o jornalismo cultural praticado por aqui, porém, tem peculiaridades que devem ser levadas em consideração na hora de se fazer uma análise mais profunda. Nossa crítica musical se caracterizou durante anos por tentar furos de reportagem”. “Crítica musical”, aqui, aparece muito mais como um elemento retórico, para evitar a repetição no texto do termo “jornalismo cultural”, do que como um gênero específico do jornalismo cultural.

Ricardo Seelig, no *Collector's Room*, faz um movimento similar logo no segundo parágrafo do texto intitulado O jornalismo musical brasileiro e a incapacidade de pensar além do umbigo¹⁰, ao afirmar que “há que se fazer um apontamento em relação à cobertura do evento [Rock in Rio 2015] pela crítica especializada em música, em suas mais variadas esferas”.

Esta percepção nos leva a dois caminhos principais em relação à crítica cultural. Por um lado, temos a crítica enquanto gênero jornalístico, ou seja, formatos específicos que adotam a concepção tradicional de apreciação de produtos culturais, com um julgamento da obra por parte de quem escreve. O gênero jornalístico que, por excelência, se enquadra neste formato, é a resenha crítica.

Em um primeiro contato com o objeto empírico deste trabalho, este caminho de concepção de crítica cultural nos pareceu insuficiente, tanto em questões empíricas de análise da crítica quanto em relação à própria definição do jornalismo sobre cultura. Havia, neste primeiro momento, a intenção de se analisar a crítica cultural em Veja e CartaCapital. Mas, em termos operacionais, uma análise exploratória da revista Veja identificou a presença de reportagens culturais que, embora tragam elementos de crítica em seu interior, teriam de ser descartadas na análise se adotássemos a noção de crítica cultural restrita aos gêneros jornalísticos assim identificados. Embora as reportagens tornassem esta característica mais evidente, o mesmo pôde ser percebido em textos de menor fôlego. Um mesmo texto podia apresentar elementos de resenha, crítica e agenda, por exemplo.

A hibridação de formatos e linguagens é vista por Golin (2009) como uma das características do jornalismo cultural, o que dificulta a separação estanque entre espécies argumentativas e narrativas. Diz a autora que

[...] um exercício didático para pôr à prova a configuração e o hibridismo dos formatos, típica característica do jornalismo cultural, é analisar a intenção narrativa e argumentativa dos textos de cada produto, revista, caderno, suplemento. Não é fácil enquadrar esses discursos em categorias estanques (informação, opinião, interpretação, análise); é perceptível o baralhamento, a hibridação dos modelos de construção (GOLIN, 2009, p. 32).

¹⁰ Disponível em: <http://www.collectorsroom.com.br/2015/09/o-jornalismo-musical-brasileiro-e.html>. Acesso em: 25 out. 17.

A partir daí, podemos repensar a noção de crítica cultural. Ao falar especificamente sobre a tematização da música, mas com uma lógica que pode se estender a outros temas culturais no jornalismo, Schoenherr traz uma resposta possível, ao afirmar que

[...] ocorrem retornos diários sobre o campo musical - seja na forma de noticiário, avaliação de obras, agenda de eventos, colunismo, notas informativas, destaques até mesmo na programação televisiva, entre tantas outras modalidades. Uma primeira anotação aí é de que se torna redutora a concepção da crítica apenas como julgamento de obras artísticas, como quer grande parte dos manuais de ensino do jornalismo. A preferência, mais uma vez, é entender crítica jornalística como esse aglomerado de estruturas editoriais listadas e ainda outras possíveis, comentários, portanto, que têm a música (nas suas variadas manifestações e materializações) como objeto. A depender da situação, uma nota em certa coluna vale então como crítica, um editorial pode também realizar a crítica (SCHOENHERR, 2005, p.9).

A crítica, assim, chega a seu segundo caminho, extrapolando os limites de formatos jornalísticos preestabelecidos, passando a ser compreendida como uma “conversação” (SCHOENHERR, 2005), incorporando outros discursos jornalísticos em um mesmo texto. Por esta razão, este trabalho não se ocupa da identificação e categorização de gêneros jornalísticos no interior do jornalismo cultural de *Veja* e *CartaCapital*. A diluição e hibridação, perceptíveis durante todo o processo de coleta empírica, fez com que a análise dos gêneros jornalísticos se tornasse por demais dispendiosa e, principalmente, infrutífera.

2.3 JORNALISMO DE REVISTA

Após apresentar as características do jornalismo cultural e o que o individualiza em relação aos demais fazeres jornalísticos, precisamos pensar em mais uma especificidade deste trabalho antes de partirmos para os aportes metodológicos que serão utilizados: o que diferencia uma revista dos outros meios jornalísticos?

Scalzo define as revistas como “um encontro entre um editor e um leitor, um contato que se estabelece, um fio invisível que une um grupo de pessoas e, nesse sentido, ajuda a construir identidade, ou seja, cria identificações, dá sensação de pertencer a um determinado grupo” (SCALZO, 2003, p. 12). Embora esta característica não seja exclusiva das revistas, nelas se faz presente com maior evidência, segundo a autora.

A questão da periodicidade também tem impacto direto na linguagem das revistas. Há, nelas, menos notícias “quentes” e mais informação com o objetivo de “ajudar na complementação da educação, no aprofundamento de assuntos, na segmentação, no serviço

utilitário que podem oferecer a seus leitores” (SCALZO, 2003, p. 14). Neste sentido, imagina-se que a linguagem da editoria de cultura de uma revista semanal se aproxime daquela praticada por suplementos culturais de jornais diários que possuam periodicidade similar.

Ainda de acordo com a autora, a posição editorial do produto revista (grosso modo, algo entre o jornal e o livro) é uma constante na história deste meio. Mesmo no período em que os jornais se filiavam explicitamente a causas públicas e partidos políticos, as revistas tinham uma relação mais próxima com a ciência e a cultura.

Esta posição única - “mais” que um jornal e “menos” que um livro, considerando a profundidade da informação - pressupõe um tratamento específico na transformação de acontecimentos em notícias. Diz Azubel (2013, p. 3-4) que

[...] revistas são veículos amplificadores, capazes de confirmar, explicar e aprofundar histórias já veiculadas por mídias mais imediatas. Em função da periodicidade, têm mais tempo para elaborar a pauta, checar e analisar informações, explorar diferentes ângulos, aprofundar o tema e ajustar o foco ao leitor. Abordam assuntos e suas reportagens assumem caráter de recuperação dos acontecimentos para construção de textos interpretativos, atravessados, em variáveis graus, pela opinião.

Ainda nesta perspectiva, Schwaab e Tavares (2009) apontam outra especificidade do jornalismo em revista. Pensando inicialmente no jornalismo diário, os autores afirmam que, para se encaixar nas lógicas temporais deste fazer jornalístico, o tema acaba por “concorrer” com o acontecimento. Desta forma, “o tema não é o extraordinário” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 181). Ou seja, no jornalismo diário, o tema acaba emergindo apenas em ocasiões especiais, como nas chamadas “matérias frias”.

Por outro lado, no jornalismo de revista, “o tema pode ser visto como um elemento que opera sentidos, ou seja, que atua sobre o seu fazer e sobre sua materialidade. Mais que dizer sobre o mundo, participa no como se diz, incidindo sobre práticas, conteúdos e formas” (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 182). O tema no jornalismo de revista, desta forma, atua como um eixo operador, que acaba por destacar alguns dos aspectos canônicos do jornalismo. Nas palavras dos autores:

Um primeiro [aspecto canônico] diz respeito à imbricação do discurso jornalístico com a atualidade (FRANCISCATO, 2005). Na revista, apesar de não se focalizar o acontecido, não se perde o vínculo com o atual, conferindo aos temas um ar de novidade e de ligação entre diferentes atores sociais, não limitado a um aspecto espacial/físico, e também ligado ao compartilhamento de sentidos e à orientação sobre formas de ação social. Um segundo aspecto está relacionado ao efeito de relevância do recorte jornalístico e sua ocorrência como amostra possível e natural sobre um tema. Permanece no jornalismo de revista a liberdade do veículo em escolher a temática a ser tratada. E um terceiro aspecto diz da reiteração da relevância pública de um tema que, convertido em matéria jornalística, assume o efeito de indispensável ao cotidiano do leitor, uma vez que este mesmo tema advém das próprias demandas contemporâneas, da vida social enquanto espaço de colheita da revista, retornando, por meio dela, na qualidade de abordagem importante, interpretativa e completa (SCHWAAB; TAVARES, 2009, p. 186-187).

Nas revistas de periodicidade semanal, que compõe o objeto deste trabalho, os temas operam através de três aspectos complementares: a abordagem de assuntos não factuais; a discursivização de questões factuais a partir de um tema atual, não apenas de um fato *per se*; e, em alguns casos, quando ocorrem edições especiais, a compilação de um eixo temático em determinado período (SCHWAAB; TAVARES, 2009).

As revistas são grandes sistemas de comunicação (AZUBEL, 2013). Desta forma, seu todo não é apenas a soma de seus textos e fotos, mas “uma visão de mundo, um imaginário acerca do leitor, um sistema ético próprio, normas e modos de operação singulares” (AZUBEL, 2013, p. 6). A identificação e análise dos quadros presentes nas editorias de cultura de *Veja* e *CartaCapital* pretende, também, observar se há consonância entre estas editorias e a imagem que estes veículos propagam sobre si próprios. Os capítulos seguintes explicitarão como os quadros se constituem teórica e metodologicamente, e de que forma eles nos auxiliam na compreensão do conteúdo do jornalismo cultural dos veículos em questão.

3 OS ENQUADRAMENTOS DA MÍDIA

Identificar como a cultura se manifesta nos veículos selecionados para este trabalho demanda uma especificidade de olhar. O objetivo desta dissertação, como já elencado, é observar as concepções de cultura das revistas Veja e CartaCapital a partir daquilo que é publicizado em suas respectivas editorias de cultura. Para tal, há a necessidade de fundamentação conceitual que permita a operacionalização metodológica. Considerando os objetivos e a natureza do fenômeno que se pretende observar, a noção de enquadramento - ou *framing* - se mostra apropriada para este trabalho. Segundo Vimieiro,

[...] o conceito de frame apresenta afinidades teóricas e aportes metodológicos que permitem a articulação necessária para identificarmos entendimentos gerais, construídos com base na cultura, de forma ampla, e que se materializam discursivamente, criando então uma trajetória discursiva (VIMIEIRO, 2010, p. 57).

Ao observar as interpretações públicas materializadas no discurso jornalístico, o conceito de enquadramento permite um olhar amplo, mas aprofundado, sobre o objeto empírico, superando tanto uma perspectiva meramente conteudística quanto uma excessivamente subjetiva. Para tal, entretanto, faz-se necessária a definição de quais variáveis do *framing* serão utilizadas neste trabalho, o que será discutido nas próximas páginas.

3.1 ENQUADRAMENTOS E A CONSTRUÇÃO SOCIAL DA REALIDADE

As teorias construtivistas, quando aplicadas à mídia, afirmam que esta não se limita a espelhar a realidade, mas tem papel ativo em sua construção. Alsina (2009), por exemplo, observa esta construção social da realidade a partir das fases de produção, circulação e consumo de notícias. Neste movimento, a indústria jornalística tem como *inputs* os acontecimentos e *outputs* as notícias. A mídia é a responsável por estabelecer “parâmetros para delimitar os fatos que podem ser enquadrados como acontecimentos” (2009, p. 13). Para o autor, a construção social da realidade é um processo

[...] de institucionalização das práticas e dos papéis na vida quotidiana. Esse processo é, ao mesmo tempo, socialmente determinado e intersubjetivamente construído. Isso nos levaria a caracterizar o processo da comunicação como sendo uma atividade socialmente legitimada, para gerar construções da realidade publicamente relevantes. (RODRIGO ALSINA, 2009, p. 20)

Fishmann (1980) recorre ao paradigma da construção social da realidade para escrever sobre a “fabricação da notícia”. O autor ilustra sua perspectiva com uma pesquisa sobre uma onda de crimes contra idosos em New York, na qual houve a percepção de que o processo de produção das notícias estava, na verdade, “criando” a onda de crimes sobre a qual informava - estatisticamente, tais crimes estavam diminuindo. Contudo, os jornalistas e editores relacionavam acontecimentos similares - um assalto a um casal de idosos e uma reunião sobre prevenção a crimes contra idosos, por exemplo - e criavam um quadro de violência contra idosos.

Importante ressaltar que esta “criação da onda de crimes” não era uma invenção. Ao invés disso, “[...] as agências noticiosas criaram a onda, não no sentido de que inventaram os crimes, mas no sentido de que deram uma forma e um conteúdo determinantes a todos os incidentes sobre os quais informaram.”¹¹ (FISHMANN, 1980, p.18)

O autor enfatiza, portanto, “o caráter dos feitos sociais que os jornalistas produzem cotidianamente e nos métodos que empregam para gerá-los¹²” (1980, p. 9). Coerente com o paradigma construtivista, Fishmann afirma que a construção social da realidade é algo intrínseco à natureza da interação humana. O mundo social se torna conhecido através das *notificaciones* trocadas entre as pessoas, mas estas mesmas “notificações” formam o mundo e o tornam inteligível (1980, p. 10).

Voltando à pesquisa sobre a “onda de crimes” contra idosos, Fishmann afirma que as histórias, vistas independentemente, não atrairiam a atenção; contudo, seu agrupamento alterou a percepção dos fatos - como, por exemplo, agregar uma notícia de assalto a um casal de idosos com outra sobre a reunião de um conselho para discutir a criminalidade contra idosos. Este sistema acabava por se retroalimentar, trazendo o assunto para a agenda pública. Nas palavras do autor, “ao menos em parte, as notícias criam o entorno acerca do qual

¹¹ “las agencias noticiosas crearon la ola, no en el sentido de que inventaron los crímenes, pero sí en el sentido de que dieron una forma y un contenido determinantes a todos los incidentes sobre los que informaron” (tradução nossa).

¹² “el carácter de los hechos sociales que los periodistas producen cotidianamente y en los métodos que emplean para generarlos” (tradução nossa).

informam. Uma notícia tem como efeito produzir mais notícias¹³” (1980, p. 19). Ou, em outras palavras, a seleção e saliência de determinados acontecimentos criou um *frame* de violência contra uma parcela específica da população.

Fishmann falava, especificamente, sobre noções de *gatekeeping*, mas sua construção teórica evidencia a relação entre determinados quadros e sua contribuição para a construção social da realidade. Esta aproximação também pode ser encontrada em Tuchman (1976), que vê os *frames* jornalísticos como dispositivos que permitem que os jornalistas lidem com a maré de informações que recebem diariamente. Os jornalistas, portanto, têm um papel ativo na construção das notícias - e, por consequência, na (re)produção social da realidade. Como se opera esta construção?

3.2 EM BUSCA DE UMA DEFINIÇÃO DE *FRAMING*

Os estudos de enquadramento têm adquirido certa proeminência nas últimas décadas, em especial nas pesquisas que relacionam o campo jornalístico ao campo político. Contudo, ainda é possível identificar (talvez pelo excesso de perspectivas oferecidas pelo paradigma) indefinições de ordem teórica e metodológica, o que levou Entman (2009) a considerar o *framing* um “paradigma fraturado”.

Há, ao mesmo tempo, a busca acadêmica por delimitações teórico-metodológicas. Além de Entman, autores como Porto (2004), Scheufele (2007), Antunes (2009), MATTHES e Kohring (2008), dentre outros, contribuem para a sistematização do conceito, buscando operacionalizá-lo como ferramenta de pesquisa.

Um dos pioneiros nos estudos sobre enquadramentos é o sociólogo Erving Goffman (2012). Seguindo a tradição de William James, Goffman apresenta uma perspectiva sobre a noção de realidade. O autor afirma que “o importante acerca da realidade, segundo ele [James], é a impressão que temos de seu caráter real, em contraposição ao sentimento que temos de que algumas coisas não têm esta qualidade” (2012, p. 24). Esta realidade, entretanto, aparece em uma perspectiva psicológica. Não se trata, aqui, do mundo externo ao indivíduo, mas do “mundo atual de uma determinada pessoa” (2012, p. 25).

Este raciocínio leva Goffman a um panorama sobre as realidades múltiplas, conceito apresentado por autores como Schutz e Garfinkel. Contudo, há a crítica à explicação destes

¹³ “al menos en parte, las noticias crean el entorno acerca del cual informan. Una noticia tiene como efecto producir más noticias” (tradução nossa).

autores sobre quantos “mundos” existem e “se a vida cotidiana, a vida em estado de plena vigília, pode ser realmente considerada como apenas um plano de ser produzido por regras, se é que tal plano existe” (2012, p. 28).

A perspectiva de Goffman é situacional, ou seja, traz “uma preocupação com aquilo a que um indivíduo pode estar atento em determinado momento, e isto muitas vezes envolve alguns outros indivíduos determinados” (2012, p. 30), complexificando ainda mais as perspectivas anteriormente apresentadas. Com isso, o que o autor busca é

[...] tentar isolar alguns dos esquemas fundamentais de compreensão disponíveis em nossa sociedade, a fim de compreender os acontecimentos e analisar as vulnerabilidades especiais a que estão sujeitos estes quadros de referência. Parto do fato que, do ponto de vista particular de um indivíduo, enquanto uma coisa pode momentaneamente aparentar ser aquilo que está realmente ocorrendo, de fato o que está acontecendo na realidade é simplesmente uma brincadeira, ou um sonho, ou um acidente, ou um erro, ou um mal-entendido, ou um engano ou uma representação teatral etc. (GOFFMAN, 2012, p. 33)

O uso do termo “quadro” é definido na sequência, da seguinte maneira:

Pressuponho que as definições de uma situação são elaboradas de acordo com os princípios de organização que governam os acontecimentos - pelo menos os sociais - e nosso envolvimento subjetivo neles; quadro é a palavra que uso para me referir a esses elementos básicos que sou capaz de identificar (GOFFMAN, 2012, p. 34)

A análise dos quadros seria, então, a observação da organização de experiências. Reforçando o caráter psicológico de sua perspectiva, o autor afirma que não trata da organização da sociedade, mas da “organização da experiência - algo que um ator individual pode admitir mentalmente” (2012, p. 37).

Robert Entman, um dos “discípulos” de Goffman, advoga pela viabilidade do *framing* enquanto paradigma para os estudos de comunicação, se propondo a “clarificar um paradigma fraturado”. O que seria esta fratura? Para o autor,

[...] devido à falta de intercâmbio entre as disciplinas, hipóteses completamente desacreditadas em um campo podem receber ampla aceitação em outro. Potenciais paradigmas de pesquisa permanecem fraturados, com pedaços aqui e ali, mas sem afirmações compreensivas para guiar a pesquisa¹⁴ (ENTMAN, 1993, p. 51)

O autor, então, defende que a disciplina da comunicação pode trazer uma contribuição única “sintetizando os usos discrepantes de um conceito-chave, mostrando como eles invariavelmente envolvem a comunicação, e construindo uma teoria coerente a partir deles¹⁵” (ENTMAN, 1993, p. 51)

Framing envolve seleção e saliência. O ato de enquadrar (*to frame*) significa selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torna-los mais salientes em um texto comunicacional, de forma a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento (*treatment recommendation*) para o item em questão. Em outras palavras,

os *frames*, então, definem problemas - determinam o que um agente causal está fazendo, com que custos e benefícios, normalmente medidos em termos de valores culturais comuns; diagnosticam causas - identifica as forças que criam o problema; fazem julgamentos morais - avaliam agentes causais e seus efeitos; e sugerem soluções - oferecem e justificam tratamentos para os problemas e preveem os efeitos prováveis¹⁶ (ENTMAN, 1993, p. 52)

Os *frames* atuam evidenciando pedaços de informação sobre um item que é assunto da comunicação, elevando-o em saliência. Esta saliência, para o autor, significa “tornar um pedaço de informação mais noticiável, significativo ou memorável para as audiências¹⁷” (ENTMAN, 1993, p. 53). Em um sentido oposto, os *frames* também se definem por aquilo que omitem, e estas omissões “podem ser tão críticas como as inclusões para guiar a audiência¹⁸” (ENTMAN, 1993, p. 54).

Para Entman, é viável que o *framing* se torne um paradigma de pesquisa em comunicação de massa. A título ilustrativo, o autor apresenta alguns debates teóricos no

¹⁴ “because of the lack of interchange among the disciplines, hypotheses thoroughly discredited in one field may receive wide acceptance in another. Potential research paradigms remain fractured, with pieces here and there but no comprehensive statement to guide research” (tradução nossa).

¹⁵ “synthesizing a key concept’s disparate uses, showing how they invariably involve communication, and constructing a coherent theory from them” (tradução nossa).

¹⁶ “Frames, then, define problems - determine what a causal agent is doing with what costs and benefits, usually measured in terms of common cultural values; diagnose causes-identify the forces creating the problem; make moral judgments - evaluate causal agents and their effects; and suggest remedies - offer and justify treatments for the problems and predict their likely effects” (tradução nossa).

¹⁷ “making a piece of information more noticeable, meaningful, or memorable to audiences” (tradução nossa).

¹⁸ “may be as critical as the inclusions in guiding the audience” (tradução nossa).

estudo da comunicação de massa que podem se beneficiar da concepção do conceito de *frames*:

1. Autonomia da audiência. O conceito de *framing* oferece uma definição operacional para a noção de significado dominante que é central nos debates sobre polissemia e independência da audiência na decodificação de textos da mídia (FISKE, 1987)
2. Objetividade jornalística. Jornalistas podem seguir as regras para o jornalismo “objetivo” e, ainda assim, transmitir um *framing* dominante no texto das notícias que impede a maioria dos membros da audiência de fazer uma avaliação equilibrada de uma situação.
3. Análise de conteúdo. A principal tarefa de determinar o significado deve ser identificar e descrever quadros; a análise de conteúdo informada por uma teoria do *framing* deve evitar tratar todos os termos positivos ou negativos, ou enunciados, como igualmente salientes e influentes.
4. Opinião pública e teoria democrática normativa. Em Zaller (1992), *framing* parece ser um poder central no processo democrático, pois as elites políticas controlam os *framings* das questões. Estes *frames* podem determinar exatamente o que a “opinião pública” é - um frame diferente, de acordo com Zaller -, e avaliar evidências. Mesmo votar pode indicar uma opinião pública diferente¹⁹ (ENTMAN, 1993, p. 56-57)

Em 2009, juntamente com Matthes e Pellicano, Entman se aprofunda na problemática do *framing* ao apresentar seus efeitos na prática jornalística. Se, anteriormente, o autor buscava definições do conceito, agora parte para sua aplicação. Mas alguns problemas permanecem. De acordo com os autores,

¹⁹ “1. Audience autonomy. The concept of framing provides an operational definition for the notion of dominant meaning that is so central to debates about polysemy and audience independence in decoding media text (Fiske, 1987)

2. Journalistic objectivity. Journalists may follow the rules for “objective” reporting and yet convey a dominant framing of the news text that prevents most audience members from making a balanced assessment of a situation.

3. Content analysis. The major task of determining textual meaning should be to identify and describe frames; content analysis informed by a theory of framing would avoid treating all negative or positive terms or utterances as equally salient and influential.

4. Public opinion and normative democratic theory. In Zaller’s (1992) account, framing appears to be a central power in the democratic process, for political elites control the framing of issues. These frames can determine just what “public opinion” is - a different frame, according to Zaller -, and survey evidence and even voting can indicate a different public opinion” (tradução nossa).

[...] *framing* é indiscutivelmente uma vítima de seu próprio sucesso. Na prática de pesquisa, isso significa muito, com pesquisadores aplicando uma mistura indisciplinada de conceitos sob a rubrica do *framing* em uma vasta matriz de contextos e questões²⁰” (ENTMAN *et al.*, 2009, p. 175).

Para tentar dar melhores contornos ao conceito, os autores apresentam dois gêneros de definição. Alguns definem *framing* de forma mais geral, como uma ideia organizadora central que dá sentido a *eventos*. Esta visão é considerada insuficiente pelos autores. Uma segunda definição especifica o que os *frames* fazem, ou seja, aquelas categorias já apresentadas por Entman - definir problemas, fazer julgamentos morais, oferecer soluções.

Os autores diferenciam, também, os *frames* de meras mensagens persuasivas. Um frame, para eles,

[...] invoca repetidamente os mesmos objetos e traços, utilizando palavras idênticas ou sinônimas e símbolos em uma série de comunicações similares que estão concentradas no tempo. Estes *frames* servem para promover uma interpretação de uma situação problemática ou ator e (implícita ou explicitamente) oferecer uma resposta desejável, geralmente acompanhada de um julgamento moral que provê uma carga emocional²¹ (ENTMAN *et al.*, 2009, p. 177).

Diferente da perspectiva psicológica de Goffman, os autores afirmam que os *frames* não devem ser entendidos como esquemas individuais, mas como padrões compartilhados de um grupo social. Partindo desta premissa, os autores podem identificar diferentes “espécies” de framing, como político e jornalístico. Neste último caso, um frame jornalístico é visto como

²⁰“framing is arguably a victim of its own success. In research practice, it means too much, with scholars applying an unruly mélange of concepts under the framing rubric to a vast array of contexts and issues” (tradução nossa).

²¹ “repeatedly invokes the same objects and traits, using identical or synonymous words and symbols in a series of similar communications that are concentrated in time. These frames function to promote an interpretation of a problematic situation or actor and (implicit or explicit) support of a desirable response, often along with a moral judgment that provides an emotional charge” (tradução nossa).

[...] um esquema ou heurística, uma estrutura de conhecimento que é ativada por algum estímulo e, então, é empregada por um jornalista através da construção da história (DUNWOODY, 1992, p. 78). Estes *frames* são centrais para a experiência adquirida pela troca de conhecimento do jornalismo e devem ser diferenciados dos *frames* nos textos da mídia; tais *frames* profissionais são mais próximos de scripts ou menus que guiam a seleção de questões e a construção das notícias (DUNWOODY, 1992). Tuchman (1976) descreve os *frames* jornalísticos como ferramentas úteis que os jornalistas aplicam para lidar com a maré de informação²². (ENTMAN *et al.*, 2009, p. 179).

Há, também, diferentes approaches possíveis ao se analisar os *frames* nos conteúdos de mídia. Os autores identificam, por exemplo, *qualitative approach*, *manual-holistic approach*, *manual-clustering approach* e *computer-assisted approach*. Estas abordagens também auxiliam no momento de pensarmos em metodologias para o uso do *framing* em pesquisa, e serão abordadas de forma detalhada adiante.

Os autores também apresentam outras noções relacionadas ao *framing*, como ênfase - que pode produzir diferentes opiniões sobre a mesma questão -, persuasão, extensão do *Priming*,²³ além de atributos para o sucesso dos efeitos de *framing*, como disponibilidade, acessibilidade e aplicabilidade (2009, p. 183).

Quanto à possível rejeição de uma mensagem enquadrada por parte do público, os autores afirmam que “pode aparecer quase axiomático que as atitudes que as pessoas têm hoje, que podem impeli-las a rejeitar uma mensagem enquadrada, estão construídas sobre quadros que as influenciaram no passado²⁴” (2009, p. 185-186).

Na pesquisa brasileira, Antunes (2009) apresenta uma perspectiva temporal, na qual afirma que “a notícia é um dos sinais temporais utilizados pela sociedade para sua orientação” (2009, p. 85). Desta forma, o jornalismo ganha o importante status de quadro de referência para que possamos nos situar no tempo. O autor, entretanto, deixa claro que não devemos pensar em tempo numa perspectiva de senso comum, como o “direto na TV” ou o “tempo real na web”. Ao invés disso,

²² “a ‘schema or heuristic, a knowledge structure that is activated by some stimulus and is then employed by a journalist throughout story construction’ (DUNWOODY, 1992, p. 78). These frames are central to the tradecraft of journalism and should be differentiated from frames in media texts; such professional frames are more akin to scripts or menus that guide selections of issues and construction of news reports (DUNWOODY, 1992). Tuchman (1976) describes journalistic frames as useful tools that journalists apply in order to cope with the tide of information” (tradução nossa).

²³ Oriunda da psicologia, mas utilizada em diversos estudos sobre comunicação, a teoria do *Priming* afirma, resumidamente, que como as pessoas não podem considerar tudo o que sabem sobre um evento ou questão em dado momento, elas considerarão um subconjunto das informações potencialmente relevantes, confiando no que é acessível, facilmente recuperável ou ativado recentemente em suas mentes, de acordo com um modelo de acessibilidade cognitiva (ZALLER, 1992).

²⁴ “it would appear almost axiomatic that the attitudes people have today, which may impel them to reject a framing message, are built upon the frames that influenced them in the past” (tradução nossa).

[...] o discurso jornalístico pode ser entendido como um dos dispositivos sociais que operam na produção de regimes de historicidade, no sentido pensado por Hartog de formas de enquadramento da experiência do tempo que conformam modos de discorrer acerca de e de vivenciar nosso próprio tempo (ANTUNES, 2009, p. 86).

A noção de enquadramento trazida por Antunes deriva daquela apresentada por Goffman. Retomando Quéré e Scheufele, Antunes identifica os *frames* como “recursos simbólicos que asseguram aos atores a atribuição de inteligibilidade e pertinência ao seu mundo social” (2009, p. 86). Scheufele (2007) define os enquadramentos

[...] (1) como um complexo cognitivo de esquemas de assuntos relacionados para diferentes aspectos da realidade, (2) estabelecidos no discurso público, político ou entre-mídias, e (3) tornando-se manifesto como uma estrutura textual de mensagens tais como em press releases e artigos de jornal (SCHEUFELE, 2007, p.66)

Antunes identifica dois momentos do frame:

O primeiro momento, o *frame-building*, diz respeito aos fatores internos que influenciam as qualidades estruturais de enquadramento das notícias, em particular as concepções e entendimentos com as quais operam a comunidade profissional e as organizações produtivas, e aos fatores externos, que dizem respeito ao contato e interação do campo do jornalismo com os outros atores e agentes sociais. Tais fatores estarão fundamentalmente manifestos no texto da notícia. Já o segundo momento, o do *frame-setting*, trata-se da relação entre essa moldura engendrada no campo midiático e os meios de interpretação e avaliação das notícias acionados pelos agentes sociais, aquilo que nos termos de Charaudeau (2006) chamaríamos de o saber compartilhado pelos interlocutores, distinguidos em saberes de conhecimento - fundados em uma representação racionalizada dos fenômenos do mundo - e os saberes de crença - apoiados em juízos que fabricam normas de referência para ação no mundo. (ANTUNES, 2009, p. 88)

Retomando Entman, Matthes e Pellicano (2009), os *frames* não se limitam a mensagens com caráter persuasivo. Neste sentido, os autores estão em consonância com Gitlin (1980), que especifica a dinâmica dos *frames* no trabalho jornalístico. Para o autor,

[...] media *frames* são padrões persistentes de cognição, interpretação e apresentação, de seleção, ênfase e exclusão, pelos quais aqueles que tem a produção simbólica em mãos rotineiramente organizam o discurso, seja ele verbal ou visual. Enquadramentos possibilitam que os jornalistas processem altos níveis de informação rapidamente e rotineiramente: para reconhecer algo como informação, alocar em categorias cognitivas, e empacotar para transmitir eficientemente para suas audiências (GITLIN, 1980, p. 7).

Este apanhado teórico buscou trazer definições de *framing* que, num momento posterior, devem ser convertidos em operadores metodológicos para que seja possível identificar, a partir de pacotes interpretativos, as noções de cultura apresentadas por Veja e CartaCapital. Para a constituição de quadros, como proposto por Entman e Gitlin, é imprescindível a persistência de padrões, que serão apresentados no capítulo de detalhamento da amostra.

4 DA TEORIA AO MÉTODO

Diferente dos exemplos apresentados em nosso estado da arte, não há, na temática do presente trabalho, uma noção evidente de controvérsia, de oposição - algo comumente encontrado no jornalismo sobre política, por exemplo. O jornalismo cultural, inclusive, tende a ser visto em uma perspectiva *soft*. Seus debates internos, portanto, se apresentam de forma mais diluída, sendo necessário identificar suas diferentes camadas discursivas, buscando o que não se apresenta de maneira explícita. Ao analisar, por exemplo, a imagem discursiva de Dilma Rousseff nas revistas *Veja* e *CartaCapital*, Silva (2016) já parte de uma pressuposição de antagonismo entre os veículos - considerando suas posições ideológicas bem demarcadas -, que se confirma em suas conclusões.

Além da aparente ausência de controvérsia, outro fator teve peso no momento da construção dos operadores analíticos: neste trabalho, não há um acontecimento específico - eleições, impeachment, Operação Lava-Jato - a ser analisado, mas uma multiplicidade de acontecimentos, nos quais se buscam padrões de apresentação, saliência, ênfase etc.

Outra dificuldade inicial é a transposição do *framing* enquanto teoria para o *framing* enquanto método. Apesar do grande volume de trabalhos que utilizam a análise de *frames*, há pouca explicitação metodológica. Este problema já havia sido identificado por Vimieiro (2010), que observou serem poucos os autores a descreverem a “cozinha” da pesquisa, ou seja, o relato do caminho intelectual que os levou a determinadas escolhas, como a conversão do referencial teórico em operadores analíticos. Portanto, assim como a autora - e inspirados nela -, dedicamos este capítulo ao detalhamento da metodologia, à descrição da formulação dos operadores e da definição dos *frames*.

4.1 DEFINIÇÕES METODOLÓGICAS

Dado o nível de abstração inerente aos *frames*, este capítulo busca definir um quadro de análise que nos permita, no momento da empiria, observar a perspectiva cultural dos textos, indo além de uma vertente conteudística, imediata - mas sem desconsiderar a importância do conteúdo para a análise.

Os textos serão observados em diferentes camadas. A primeira delas, menos abstrata, tem como objetivo identificar o nível de cobertura dos textos - regional, nacional ou internacional -, além da origem dos produtos e eventos abordados - cinema, literatura, TV.

Embora ainda careça de uma perspectiva qualitativa, este momento da análise permite identificar alguns indícios do significado de cultura para os veículos abordados - valorização da cultura nacional, de determinada manifestação artística em detrimento de outras etc.

Em um momento posterior, serão observados elementos mais específicos, como perspectivas abordadas - cultura como consumo, como suporte a debates identitários, políticos etc -, elementos salientes, silenciados, combatidos. Esta segunda camada demanda a utilização de informações externas aos textos: por exemplo, a observação de silenciamentos temáticos demanda uma leitura contextual do momento em que o texto foi publicado; a escolha por determinados produtos para resenhas demanda a observação de elementos contextuais²⁵. Neste momento também serão observados os elementos de estruturação dos *frames*, que serão explicados abaixo.

Desta forma, é possível observar tanto a característica mais explícita dos quadros, relacionada à escolha de pautas e seu escopo, quanto a mais implícita, que se relaciona com elementos contextuais e com a cultura. Para avançarmos na definição metodológica, é preciso ter em mente que os enquadramentos são compostos por pacotes interpretativos de sentido. Dada a natureza abstrata do *frame*, há a necessidade de transformação dos pacotes interpretativos em operadores analíticos. Assim, os enquadramentos não são definidos aprioristicamente; ao invés disso, estão em constante negociação com a leitura dos textos dos veículos abordados.

Neste sentido, a metodologia se aproxima daquela utilizada por Vimieiro (2010), que propõe uma análise indireta dos *frames*. Esta análise se define a partir das perspectivas metodológicas apresentadas por Entman, Matthes e Pellicano (2009) para extração dos *frames* do conteúdo da mídia. Como mencionado acima, os autores identificam quatro *approaches* para a identificação destes quadros: qualitativo, holístico manual, agrupamento manual e assistido por computador²⁶.

A perspectiva qualitativa se baseia em amostras relativamente pequenas que devem refletir o discurso de uma questão ou evento. Normalmente os *frames* são descritos em profundidade, e praticamente não há elementos quantitativos. Nestes estudos, os *frames* são identificados pela análise da seleção, posicionamento e estrutura de palavras e frases

²⁵ Por exemplo, no mês de janeiro de 2018, Veja se dedicou a uma verdadeira maratona de resenhas de filmes, chegando a publicar três delas em uma mesma edição. Nos textos, não há menção ao fato de tais filmes serem concorrentes ao Oscar, mas esta informação contextual é essencial para compreender a estruturação da editoria de cultura no mês em questão.

²⁶ No original: qualitative approach, a manual-holistic approach, a manual-clustering approach, and a computer-assisted approach.

específicas em um texto. Segundo os autores, uma das lacunas desta perspectiva é a falta de clareza sobre como é realizada a extração dos *frames* no material observado. Também há um alto nível de subjetividade, que pode induzir o pesquisador a encontrar aqueles *frames* que já está buscando *a priori*.

Na perspectiva holística manual, os quadros são codificados manualmente como variáveis holísticas em uma análise de conteúdo quantitativa, de forma indutiva ou dedutiva. Nos estudos indutivos, os *frames* são inicialmente gerados por uma análise qualitativa de alguns textos, que originam variáveis holísticas em uma análise manual de conteúdo. Como exemplo, Entman, Matthes e Pellicano citam os estudos de Simon e Xenos (2000), nos quais foram gerados seis *frames* a partir de alguns artigos de jornal. Posteriormente, estes *frames* serviram como base para a análise de outros textos. O problema deste método é que, a partir do momento em que os quadros foram definidos, outros quadros deixam de ser descobertos. Esta perspectiva dificulta a análise aqui pretendida, pois *frames* que porventura apareçam na parte final da coleta podem não ser identificados.

Na perspectiva de agrupamento manual, elementos do *frame* são codificados em uma análise quantitativa de conteúdo. Estes elementos são, posteriormente, agrupados por semelhança. Ou seja, ao invés de identificar os quadros *a priori*, esta perspectiva os divide em elementos de *frame* que são agrupados por semelhança entre si e diferença entre os outros. Neste momento, o *frame* é revelado.

Por fim, a perspectiva assistida por computador se baseia na noção de *frame mapping*. Nela, presume-se que os *frames* se manifestam no uso de palavras específicas, que são identificadas através de algoritmos. Como exemplo, Entman, Matthes e Pellicano (2009) citam a identificação do *frame* “caridade” a partir de buscas por termos como “caridade”, “caridades”, “caridoso” e “dinheiro”. Estudos mais avançados se utilizam de uma perspectiva de regras sintáticas, que capturam o significado das sentenças para além do isolamento de termos. Uma das lacunas nesta perspectiva é a pouca importância dada ao contexto, pois, para o algoritmo, uma palavra ou frase terão o mesmo significado em situações distintas. E, como em outros métodos, não costuma haver clareza sobre o momento em que os *frames* são identificados.

A perspectiva de agrupamento manual, acima descrita, é desenvolvida por Matthes e Kohring (2008), buscando superar as perspectivas que se baseiam exclusivamente nos aspectos textuais ou as que carregam consigo um alto nível de subjetividade ao ignorar os aspectos quantitativos. Os autores defendem o *frame* como um certo padrão composto por diversos elementos. Estes elementos “não são palavras, mas componentes ou dispositivos dos

frames, previamente definidos” (2008, p. 263). O agrupamento destes elementos cria um padrão que pode ser identificado em diversos textos de uma amostra.

Este tipo de análise, chamada de indireta por Vimieiro (2010) - por não buscar o framing de forma imediata -, demanda um conceito de enquadramento que permita a operacionalização do método. Para Matthes e Kohring, é suficiente a definição apresentada por Entman (1993), ²⁷ citada acima.

Vimieiro aponta algumas vantagens da utilização desta perspectiva:

A partir da quebra do enquadramento em elementos componentes de um “pacote interpretativo”, os *frames* não são identificados de antemão e nem codificados em uma variável singular. Ao invés disso, as variáveis que formam o enquadramento são agrupadas de forma a criar grupos com baixas diferenças internas e altas diferenças entre eles. Logicamente, o problema da confiabilidade não está completamente resolvido. Todavia, ele muda da avaliação de um único elemento abstrato, o enquadramento, para a avaliação de diversos elementos mais objetivos (VIMIEIRO, 2010, p. 80).

A utilização da análise indireta também faz com que o pesquisador não saiba quais enquadramentos está codificando, pois estes não se apresentam como elementos apriorísticos, o que também possibilita uma maior dinâmica na identificação de novos *frames*. Estes, por sua vez, são empiricamente determinados, não subjetivamente definidos.

Ao adotar a análise indireta como perspectiva metodológica para este trabalho, subdividindo o *frame* em elementos interpretativos, faz-se necessário, inicialmente, definir quais elementos são estes, partindo das escolhas teóricas acima apresentadas.

4.2 DOS ELEMENTOS DO QUADRO AOS OPERADORES ANALÍTICOS

Reese (2001) aponta como características do enquadramento as funções de organização e estruturação. No primeiro caso, os enquadramentos ajudam a organizar a realidade social cultural e cognitivamente. A organização cultural da realidade social pode ser realizada, por exemplo, através de imagens, exemplos e metáforas.

Sobre a estruturação, Reese (2001) menciona a inclusão e exclusão de determinadas ideias. Também podem se incluir, nesta função, as características apresentadas por Entman

²⁷ *Framing* envolve, necessariamente, seleção e saliência. O ato de enquadrar (*to frame*) significa selecionar alguns aspectos da realidade percebida e torna-los mais salientes em um texto comunicacional, de forma a promover uma definição particular de um problema, interpretação causal, avaliação moral e/ou uma recomendação de tratamento (*treatment recommendation*) para o item em questão.

(1993): definir problemas, fazer julgamentos morais, oferecer soluções. Para Matthes e Kohring (2008), a definição do problema se subdivide em qual o assunto ou subtópico e qual ator social é protagonista. Por se tratarem de elementos do *frame* objetivamente identificáveis, estes permitem uma operacionalização do conceito.

Ao lidarmos com o jornalismo cultural, é comum que não haja fontes diretas nos textos, especialmente em resenhas e críticas. Nestes casos, podemos considerar que o produto cultural que originou o texto é o ator social que o protagoniza. Se levarmos em conta que os enquadramentos são constituídos por disputas de sentidos, pressupõe-se uma predominância do caráter autoral no jornalismo cultural: o crítico emite suas opiniões e julgamentos sobre determinado produto, construindo sentidos sobre este. Por este motivo, é importante também, em nossa análise, considerar quem assina os textos de cultura dos veículos em questão.

Em relação ao segundo elemento apresentado por Entman, “fazer julgamentos morais”, o jornalismo cultural é permeado pelo gênero opinativo. Como mencionado anteriormente, neste trabalho não analisaremos os formatos jornalísticos utilizados - crítica, resenha, reportagem etc -, devido à hibridização de formatos observada já na primeira incursão exploratória ao objeto. A crítica, entretanto, segue presente, mesmo que diluída em outros formatos jornalísticos. Considerando que crítica envolve julgamento de obras, autores, eventos etc, este elemento deve estar bem demarcado nos textos observados.

Embora não necessariamente, a crítica pode vir acompanhada da oferta de soluções (o terceiro elemento apresentado por Entman). Este tópico contribui para a disputa de sentidos sobre determinado produto/evento/política cultural: se há, por exemplo, uma crítica negativa a determinada manifestação cultural, qual manifestação poderia ser considerada positiva (para o crítico)?

Neste capítulo utilizamos elementos apresentados na literatura sobre pesquisa em *framing*, acrescentando outros que se adequam à necessidade do objeto aqui apresentado. O quadro a seguir apresenta um resumo dos operadores analíticos elencados neste tópico, que farão parte de nossa codificação. Os “componentes ou dispositivos dos *frames*”, assim nomeados por Matthes e Kohring (2008), originam a quadro abaixo, elaborada por Vimieiro (2010) e adaptada para o objeto desta dissertação.

Quadro 1 - Elementos estruturais dos *frames*

Tema	-Assunto ou subtópico -Ator social protagonista -Escopo -Editoria ²⁸
Subtemas	
Valorações	
Recomendações, soluções e/ou julgamentos (posicionamentos)	
Assinatura do texto	

Fonte: Autoria própria (2018)

Em uma primeira versão deste quadro, havia tópicos próprios para os elementos “recomendações”, “soluções” e “julgamentos”. Mas, devido à natureza dos textos observados, que raramente trazem os três elementos, estes foram agrupados em um tópico único, que recebeu o nome de “posicionamentos”. Estes diferem das valorações. Enquanto estas se resumem a positiva, neutra e negativa (e dizem respeito ao ator social protagonista), os posicionamentos são mais amplos, referindo-se a apreciações do autor em relação aos temas e subtemas presentes no texto. A título de ilustração, tomemos a análise do texto *As entranhas de concreto*, presente na edição 1004 da revista CartaCapital. Nele, Pedro Alexandre Sanches apresenta uma crítica positiva do filme *Construindo Pontes* (ou seja, o tópico “valorações” recebe a informação “positiva”). A obra trata do desgaste das relações familiares devido a divergências políticas. Heloisa, a cineasta, vive em conflito com o pai, Álvaro, engenheiro civil que construiu sua carreira no período ditatorial brasileiro.

O subtópico do texto, portanto, é a política, que tem como subtemas a ditadura militar e o governo Dilma - com ênfase no processo de impeachment. O trecho “o pai chama Dilma, presidenta deposta, de 'a moça'. A filha se enfurece”, por exemplo, inclui-se na lista de posicionamentos do autor, que, ao longo da crítica, constrói uma relação de concordância com a cineasta. Os cruzamentos entre subtópicos, portanto, são os responsáveis pela definição dos quadros - ao mesmo tempo em que a ausência de subtópicos implica em uma perspectiva meramente de consumo, como será explicitado na sequência. Subtemas, valorações e posicionamentos auxiliam na análise e detalhamento destes quadros.

Devido ao recorte temporal (que será explicado na sequência), a análise foi realizada manualmente, com a leitura aprofundada dos textos e codificação dos elementos acima apresentados. Em um segundo momento, estes textos foram agrupados pela semelhança que

²⁸ Embora todos os textos compoñham a editoria de cultura dos veículos, há divisões como, por exemplo, música, cinema, teatro, TV. Embora não façamos uma análise isolada destas editorias (pois os quadros as permeiam), a identificação destas editorias nos ajuda a preencher o quadro sobre o que é cultura para Veja e CartaCapital.

possuem entre si e a diferença que possuem em relação aos outros, identificando assim os *frames*.

4.3 OS OBJETOS DE ANÁLISE

Após a definição do aporte teórico e da metodologia a ele pertinente, o passo seguinte é definir os elementos empíricos do trabalho. Como já mencionado, *Veja* e *CartaCapital* são veículos que se posicionam de maneira antagônica no espectro político, o que pressupõe diferentes pacotes interpretativos e quadros de referência em assuntos desta esfera (algo que se reforçou pelas percepções apresentadas no estado da arte). De acordo com Azubel,

[...] podemos compreender o *modus operandi* de uma revista ao analisar algumas edições. Do mesmo modo, se temos uma noção generalista do significado de determinada revista, possuímos também elementos para desvendar seus porquês específicos, o que motiva cada edição ou mesmo cada texto ou foto. Somos capazes de ler não apenas o óbvio e o denotado, mas o obtuso, o conotativo e o não dito (AZUBEL, 2013, p. 8).

Em consonância com esta percepção, inicialmente apresentaremos algumas características dos veículos analisados e de suas respectivas editorias de cultura, além do período selecionado para o trabalho.

4.3.1 Apresentando *Veja* e *CartaCapital*

4.3.1.1 *Veja*

Em relação à *Veja*, as informações disponibilizadas pelo próprio veículo acerca de suas estratégias editoriais são pouco elucidativas, embora tragam alguns elementos importantes como, por exemplo, o abandono do que chamam de “conforto da imparcialidade”. Em seu catálogo de marcas, a editora Abril afirma que seu produto

[...] busca informar, esclarecer, entreter, gerar reflexão, enriquecer a vida pessoal e profissional do leitor e ampliar sua compreensão do Brasil e do mundo. Os jornalistas de *Veja* não se limitam ao conforto da imparcialidade e travam diariamente um debate intelectual com seus leitores, caracterizando uma marca sólida assentada em uma maneira de ver o mundo. Como resultado, *Veja* tem um perfil de leitores fidelizados com mais confiança, segurança, clareza e poder a partir do conhecimento²⁹.

Impressões externas oferecem mais informações em relação ao conteúdo editorial da revista. Alberti afirma que “se trata de um veículo que expressa claramente, na maioria das edições, sua preferência partidária, criticando com veemência integrantes e aliados do Partido dos Trabalhadores” (2015, p. 62). Augusto Nunes, que atuou como redator-chefe de *Veja* nos anos 1980, também contribui para que compreendamos a linha editorial da revista. De acordo com Nunes, em entrevista a Alberti (2015, p. 62)

[...] a editora Abril tem que defender os valores da livre iniciativa, sistema no qual ela deu certo. Se o sr. Victor Civita [fundador da editora Abril] apoiasse o PT ou quisesse a implantação da cogestão, ele seria um louco e, se fosse um louco, a Abril não existiria porque todo o seu passado reflete uma trajetória coerente.

Em entrevista à revista *Reflexão*, da Associação Paulista do Ministério Público, Augusto Nunes reforça seu antipetismo ao afirmar que “nenhum partido na história foi tão bem tratado pela imprensa como o PT. Por quê? 98% dos jornalistas de qualquer redação eram do PT. Eles faziam a censura na origem, que é a mais perigosa e a mais eficiente” (2013). Embora não atue mais como redator-chefe de *Veja*, Augusto Nunes é figura frequente nas páginas da revista, inclusive assinando, esporadicamente, páginas da editoria de cultura - no período observado nesta dissertação, dois textos da editoria tiveram sua assinatura.

Inspirada por revistas internacionais como *Paris-Match*, *Newsweek* e *Der Spiegel*, *Veja* surgiu em setembro de 1968, no esteio da revista *Realidade*, também da editora Abril. Desde seu primeiro número, a revista apresentou a busca pelo formato interpretativo, diferenciando-se de outras publicações da época, que priorizavam o uso de imagens. Segundo Casadei, já na primeira edição de *Veja*.

²⁹ Disponível em: <http://publiabril.abril.com.br/marcas/veja/plataformas/revista-impressa>. Acesso em: 20 nov. 2018.

[...] é possível apontar a tentativa de lidar, ao mesmo tempo, com a apresentação das notícias da semana e com a interpretação de seu significado, a partir de um modelo de jornalismo que busca alinhar conjecturas acerca do que um fato exprime em relação a um contexto mais amplo (CASA DEI, 2013, p. 367).

Este “novo” código narrativo apresentado por Veja preconizou o “apagamento do repórter enquanto actante narrativo” (CASA DEI, 2013, p. 363), apresentando aos leitores um código impessoal que, com o trabalho do *copy desk*, buscava trazer a impressão de que todos os textos haviam sido escritos por uma mesma pessoa.

Em seu primeiro editorial (que traz a reprodução da assinatura de Victor Civita, fundador da revista), Veja ressalta a busca pelo jornalismo interpretativo, ao mesmo tempo em que explicita suas pretensões nacionais. Diz o texto que

[...] o Brasil não pode mais ser o velho arquipélago separado pela distância, o espaço geográfico, a ignorância, os preconceitos e os regionalismos; precisa de informação rápida e objetiva a fim de escolher rumos novos. Precisa saber o que está acontecendo nas fronteiras da ciência, da tecnologia e da arte no mundo inteiro. Precisa acompanhar o extraordinário desenvolvimento dos negócios, da educação, do esporte, da religião. Precisa, enfim, estar bem informado (VEJA, 11/09/1968, p. 21).

As pretensões editoriais de Veja permanecem. O editorial da edição 2206, de dois de março de 2011, reforça este caráter, na busca por reafirmar a respeitabilidade dos veículos impressos em relação à internet. O texto afirma que

a missão primordial de uma revista semanal de informação é organizar os fatos de modo que o leitor possa entender a realidade de uma forma coerente, contextualizada e útil para a vida dele. Esse papel já era preponderante antes do advento da internet e se tornou essencial com o surgimento da rede que conecta bilhões de computadores ao redor do mundo, permitindo a disseminação instantânea de volumes gigantescos de informação sobre determinado assunto. Ocorre, porém, que o rumor, a versão e o fato comprovado desfrutam na internet a mesma prioridade (VEJA, 02/03/2011, p.11).

Em linhas gerais, a autoimagem de Veja é marcada por um jornalismo interpretativo, que permite ao leitor “estar bem informado” (1968) para “entender a realidade” (2011). Se, na prática, os leitores críticos da revista a veem como ideologicamente orientada (ou, mais especificamente, partidariamente orientada), o veículo busca assumir para si contornos interpretativos. Ou, nas palavras mais diretas de Augusto Nunes em sua entrevista à revista *Reflexão*, “é um absurdo um diretor de redação ser fiel a algum partido. Eu não sou. Eu

escrevo contra todos, agora especialmente contra o PT. Por quê? Porque é o vilão do momento” (2013).

Em termos de circulação, Veja lidera o ranking de revistas semanais mais vendidas do país. Os últimos dados disponíveis na página da Associação Nacional dos Editores de Revistas (Aner³⁰), referentes a 2014, apresentam uma circulação média de pouco mais de 1,1 milhão de unidades por semana. Época, a segunda colocada na ocasião, apresentou uma circulação quase três vezes menor, de pouco mais de 390 mil exemplares semanais.

Estes números, *per se*, poderiam servir como justificativa para a escolha deste objeto empírico. Contudo, para além da circulação, Veja se apresenta como um objeto prolífico de análise devido às suas posições bem demarcadas, que a situam em determinada posição ideológica - que, como pretendemos saber, pode ou não influenciar as produções voltadas para a cultura no veículo. Também merece destaque o fato de Veja dedicar, desde seu primeiro exemplar, páginas exclusivas para o jornalismo cultural.

No período analisado, a editoria de cultura da revista Veja é marcada pela constância estrutural e em número de páginas. A editoria ocupa a parte final da revista, normalmente contando com dez páginas. Os textos aparecem setorizados de acordo com o tipo de produção cultural ou seu meio de difusão, como, por exemplo, Televisão, Cinema, Livros e Música. Estas subeditorias não aparecem necessariamente em todos os exemplares, mas são recorrentes.

A parte final da editoria de cultura é composta por quatro seções fixas, que apareceram em todos os exemplares no período observado. São elas Veja Recomenda - seção de no máximo uma página, na qual são apresentados lançamentos culturais em um formato próximo ao de ficha técnica, normalmente com apenas um parágrafo, sem assinatura -, Os livros mais vendidos - seção que também não supera uma página, onde são apresentados os livros de maior sucesso comercial em segmentos como Ficção, Autoajuda e Esoterismo e Infanto-Juvenil, também sem assinatura - e duas colunas de opinião, com temas que não necessariamente têm relação direta com a cultura em seu sentido *stricto*.

Estas quatro subseções foram desconsideradas na amostragem deste trabalho. No caso de Veja Recomenda e Os livros mais vendidos, o formato dos textos apresentados se mostrou insuficiente para o preenchimento do quadro de elementos estruturais do frame. As colunas, por sua vez, não se mostraram em consonância com o restante do conteúdo da

³⁰ Disponível em: <http://www.aner.org.br/dados-de-mercado/circulacao>. Acesso em: 29 jan.19. Estes são os últimos dados sobre circulação disponíveis na página da associação.

editoria de cultura. Já nas primeiras incursões à revista, houve a impressão de que as colunas de opinião aparecem listadas na editoria de cultura, no índice das revistas, por mera dificuldade de enquadrá-las em outras rubricas. A opção editorial por apresentá-las nas páginas finais da revista parece ter contribuído para esta escolha, pois Cultura é a última editoria de cada exemplar.

Embora seja possível debater a existência ou não de jornalismo cultural nas seções Veja Recomenda e Os livros mais vendidos, estas foram retiradas da análise por se tratarem de espaços dedicados exclusivamente ao consumo, sem quaisquer desdobramentos para outros possíveis quadros. Também foram levadas em conta algumas ausências, como a de assinatura, posicionamentos (embora a presença de determinado produto/evento na seção, per se, indique um posicionamento) e esforços de apuração/redação.

A coluna que encerra a seção, por sua vez, foi descartada por se deslocar do tema desta dissertação. Embora, na diagramação do índice, a coluna faça parte da editoria de cultura, é a política que predomina nestes textos. Portanto, para fins desta dissertação, foram utilizados os textos que se enquadram em subeditorias como TV, Cinema, Teatro etc.

4.3.1.2 CartaCapital

A revista CartaCapital, por sua vez, foi Fundada por Mino Carta (que, curiosamente, também participou da fundação das revistas Veja e Istoé) em 1994, tendo início como uma publicação mensal, passando a ser semanal apenas em agosto de 2001. Seu posicionamento é apresentado de forma clara em texto apropriadamente chamado de Manifesto. O texto afirma que

[...] o jornalismo vigia a fronteira entre a civilização e a barbárie. Fiscaliza o poder em todas as suas dimensões. Persegue incansavelmente a verdade factual. Respeita a inteligência de quem lê, ouve ou assiste. Está a serviço da democracia e da diversidade de opinião, contra a escuridão do autoritarismo do pensamento único, da ignorância e da brutalidade. CartaCapital pratica jornalismo em sua essência, crítico e transparente, desde a sua fundação, em 1994. Pois não há esperança de sobrevivência humana sem homens e mulheres dispostos a dizer o que acontece, e o que acontece porque é.³¹

³¹ Disponível em: <https://www.CartaCapital.com.br/editora/CartaCapital>. Acesso em: 20 nov. 2017.

Em um texto de apresentação utilizado em diversos meios - como, por exemplo, no anúncio de seu aplicativo³² -, a revista se apresenta da seguinte forma: Alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira, CartaCapital, publicada pela Editora Confiança, nasceu calcada no tripé do bom jornalismo baseado na fidelidade à verdade factual, no exercício do espírito crítico e na fiscalização do poder onde quer que se manifeste.

Em termos de circulação, CartaCapital ocupa apenas a 18ª posição no ranking nacional, com uma tiragem de pouco mais de 29,5 mil exemplares semanais. Para fins desta análise, a distância entre as duas publicações no ranking das revistas mais vendidas do país é menos importante do que o posicionamento que cada uma apresenta. Como descrito acima, Carta se coloca como “alternativa ao pensamento único da imprensa brasileira”, presumindo uma homogeneidade ideológica da qual pretende se afastar.

A editoria dedicada à cultura, em Carta, é composta por duas grandes seções - Plural e Bravo! -, embora não existam fronteiras bem definidas sobre esta escolha editorial: tanto Plural quanto Bravo! têm os mesmos autores e temas, o que possibilitou a análise em conjunto. Semelhante ao que ocorre em Veja, as páginas finais de cada editoria de cultura se dedicam a recomendações curtas de produtos e eventos.

Há, entretanto, uma diferença: a página que fecha a editoria - que, em Veja, é ocupada por uma coluna política - não possui formato fixo, transitando entre textos de maior extensão (que, neste caso, foram utilizados nesta análise), recomendações (descartadas pelos mesmos motivos apresentados em Veja) ou resenhas de dois ou mais produtos que têm um fio condutor temático, como, por exemplo, os discos *The thread that keeps us*, da banda Calexico, e Camila, de Camila Cabello, que foram agrupados no texto Canções acima do muro, tendo a musicalidade mexicana como ponto em comum. Este formato, que predominou nos meses iniciais de 2018, foi incluído na análise. Nos meses finais da amostra, Carta abandonou progressivamente este tipo de texto. Portanto, em Carta, foram utilizados todos os textos da parte inicial da seção de Cultura. Mas, enquanto em Veja, a parte final da editoria foi excluída em todo o período, devido à sua constância de formato, em Carta isso nem sempre ocorreu, variando de acordo com o formato adotado em cada edição.

O distanciamento editorial entre Veja e CartaCapital já foi objeto de análise, por exemplo, em temas como privatizações (BONONE, 2013), caso mensalão (BRAZ, 2015), corrupção (GOMES, 2016) e eleições presidenciais (FARO, 2014; IWANIKOW, 2013;

³² Disponível em:

https://play.google.com/store/apps/details?id=air.com.editoraconfiancarevistaCartaCapital&hl=pt_BR
Acesso em: 7 mar. 2018.

SILVA, 2016). Em todos estes casos, as conclusões dos estudos apontaram para percepções distintas dos veículos sobre os temas em questão. Ou seja, academicamente há uma percepção de diferenças bem demarcadas em temas pertinentes, principalmente, a acontecimentos políticos.

5 COLETA DE DADOS: RECORTE, AMOSTRAGEM E DETALHAMENTO

O delineamento da amostra tem como objetivo recortar períodos suficientemente representativos do universo que se pretende observar. Ao fragmentar o quadro em elementos que compõem um pacote interpretativo, deixamos de avaliar um único elemento abstrato - o *frame* - para observar parcelas mais objetivas deste. A questão qualitativa, entretanto, segue preponderante na análise.

Como já apresentado nesta dissertação, o enquadramento enquanto metodologia é visto com maior frequência em trabalhos que têm determinado episódio (*impeachment*, eleições) como objeto de análise. São temas controversos, nos quais é possível identificar os ciclos de atenção. No caso da cultura como aqui observada, estes elementos não se fazem presentes: não há uma questão controversa, nem um acontecimento específico.

O *corpus* foi recortado buscando um equilíbrio entre representatividade e exequibilidade. Inicialmente foi cogitada a observância de um ano - 2017 ou 2018 -, mas, dado o caráter qualitativo da análise, isto se mostrou inviável já no momento das coletas-piloto. Desta forma, definiu-se que o primeiro semestre de 2018 equacionaria um tamanho representativo de amostra com a viabilidade temporal necessária para a execução do trabalho.

No período analisado, cada revista apresentou 26 edições. Veja disponibiliza seu acervo na íntegra, gratuitamente. Carta, por sua vez, oferece seus conteúdos de edições anteriores mediante o plano Sócio CartaCapital. A assinatura do plano, entretanto, não se mostrou frutífera para esta análise: diferente do anunciado no site da Editora Confiança, o plano não dá, de fato, acesso ao acervo. A primeira solução, então, foi adquirir a versão digital de cada exemplar. Mas isto também não resolveu o problema de acesso ao material, pois, embora o conteúdo seja integralmente disponibilizado, são feitas adaptações para o meio digital, como a retirada da paginação, a inserção de hyperlinks e alterações na diagramação. Este formato de certa forma híbrido - meio impresso, meio digital - dificultou a equivalência entre os veículos. A solução, portanto, foi adquirir os exemplares físicos de CartaCapital.

5.1 ASSINATURA, EDITORIAS, QUADROS E ESCOPO

No período observado, todos os textos apresentaram assinatura. Veja trouxe 17 autores em um total de 97 textos, enquanto Carta apresentou seis em 88 textos. O

levantamento dos autores que publicaram em ambas as revistas é apresentado nas tabelas a seguir:

Tabela 1 - Autores dos textos de Veja

Autor	Textos
Augusto Nunes	2
Bruno Meier	1
Eduardo Wolf	2
Filipe Vilicic	1
Isabela Boscov	39
Jerônimo Teixeira	10
João Cezar de Castro Rocha	1
Joel Pinheiro da Fonseca	2
José Francisco Botelho	2
Leonardo Coutinho	1
Marcelo Marthe	15
Maria Carolina Maia	1
Maria Clara Vieira	1
Nelson Ascher	2
Raquel Carneiro	3
Rinaldo Gama	1
Sérgio Martins	13
TOTAL	97

Fonte: Autoria própria (2018)

Tabela 2 - Autores dos textos de CartaCapital³³

Autor	Textos
Eduardo Nunomura	19
Jotabê Medeiros	36
Márcia Bechara	1
Nirlando Beirão	1
Pedro Alexandre Sanches	33
Sergio Lirio	1
TOTAL	91

Fonte: Autoria própria (2018)

Apesar da considerável diferença no número de autores encontrados nas duas revistas, ambas se aproximam no que tange à quantidade de autores regulares. Dos 97 textos de Veja, 77 têm a assinatura de Isabela Boscov, Jerônimo Teixeira, Marcelo Marthe ou Sérgio Martins. Em Carta, das 91 assinaturas encontradas, 88 pertencem a Eduardo Nunomura, Jotabê Medeiros ou Pedro Alexandre Sanches. Para observar a existência ou não de especialização nas editorias de cultura de Veja e CartaCapital, falaremos brevemente sobre os autores predominantes destes veículos.

Isabela Boscov, responsável pela editoria de cinema, se formou em Jornalismo pela Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, já tendo atuado como repórter, revisora, editora-assistente, adjunta e chefe. Atua na Veja desde 1999, após trabalhar

³³ Em Carta, a somatória das frequências dos autores é superior ao número de 88 textos. Isso se dá porque, em duas ocasiões, há textos que foram assinados por mais de um jornalista.

na revista Cine SET. De acordo com biografia disponível no *Portal dos Jornalistas*³⁴, “vive em Nova Iorque para facilitar o acesso aos filmes a serem lançados”. Além de escrever sobre cinema em *Veja*, Isabela também produz um *videocast* sobre cinema no site da revista.

De acordo com informações do Grupo Editorial Record³⁵, Jerônimo Teixeira possui mestrado em Teoria Literária pela PUC do Rio Grande do Sul. É autor do livro de crônicas e contos *Antes do Circo* e do romance *As Horas Podres*. Desde o final de 2018, integra a equipe de quatro redatores-chefes de *Veja*, juntamente com Fábio Altman, Maurício Lima e Policarpo Júnior.

Principal responsável pelos textos sobre música, Sérgio Martins também assina o *blog* *Veja Música*³⁶. Segundo o site da Fnac³⁷, Martins já trabalhou nas redações de *Notícias Populares*, *Bizz* e *Época*, além de colaborar com a revista estadunidense *Time* com artigo sobre Música Popular Brasileira.

Diferente de seus colegas de editoria, Marcelo Marthe não é especialista em cultura. No *blog*³⁸ que mantém no portal *Veja*, se dedica a ideias e práticas sobre jardinagem, paisagismo e botânica.

Em relação aos autores recorrentes de *Carta*, Jotabê Medeiros atua no jornalismo cultural desde 1986, quando iniciou sua trajetória na *Folha de Londrina*. Com passagens pelo *Caderno 2* d'O Estado de São Paulo e pela revista *SomTrês*, Jotabê é autor de dois livros sobre música: *O Bisbilhoteiro das Galáxias - No lado B da cultura Pop* e *Apenas um rapaz latino-americano, biografia do cantor Belchior*³⁹.

Pedro Alexandre Sanches começou a trabalhar na *Folha de São Paulo* em 1994. Em 2000, lançou o livro *Tropicalismo - Decadência bonita do samba*, pela editora Boitempo. Também é autor de *Como dois e dois são cinco*⁴⁰. Além de *Carta*, o jornalista também atua na revista *Trip*.

Eduardo Nunomura é editor de cultura de *CartaCapital* e professor da disciplina de Técnicas de Jornalismo na Faculdade Cásper Líbero. Atuou na revista *Veja* entre 1998 e 2000, chegando a ocupar o cargo de editor. Enquanto pesquisador, atua em áreas relacionadas a jornalismo, comunicação política e opinião pública⁴¹.

³⁴ Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/isabela-boscov-2>. Acesso em: 13 fev. 2019.

³⁵ Disponível em: http://www.record.com.br/autor_sobre.asp?id_autor=55. Acesso em: 13 fev. 2019.

³⁶ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/veja-musica/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

³⁷ Disponível em: <http://www.universofnac.com.br/evento/sergio-martins>. Acesso em 13 fev. 2019.

³⁸ Disponível em: <https://veja.abril.com.br/blog/jardineiro-casual/>. Acesso em: 13/02/2019.

³⁹ Disponível em: <https://www.portaldosjornalistas.com.br/jornalista/jotabe-medeiros/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

⁴⁰ Disponível em: <http://dicionariompb.com.br/pedro-alexandre-sanches/biografia>. Acesso em: 13 fev. 2019.

⁴¹ Disponível em: <https://casperlibero.edu.br/graduacao/jornalismo/eduardo-nunomura/>. Acesso em: 13 fev. 2019.

A partir destas breves biografias, é possível observar a especialização jornalística em Veja e CartaCapital. Dos sete autores, cinco são especialistas na área (três em Veja, dois em Carta).

O levantamento dos textos, dividido por meses, é apresentado na tabela seguinte:

Tabela 3 - Frequência mensal de textos			
Mês	Veja	CartaCapital	Total
Janeiro (5 edições)	18	20	38
Fevereiro (4)	14	16	30
Março (4)	12	13	25
Abril (4)	15	9	24
Maió (5)	21	16	37
Junho (4)	17	14	31
Totais	97	88	185

Fonte: Autoria própria (2018)

Esta divisão tem como intenção demonstrar a regularidade de textos nas editorias de cultura. De forma excepcional, em abril, CartaCapital apresentou apenas nove textos. Isso se deu, entretanto, devido à edição comemorativa de número 1000, na qual o veículo adotou um formato diferente do comum, utilizando apenas análises e reportagens desvinculadas de editorias. Contudo, esta edição apresentou um texto de cultura, que foi incluído na amostra.

A leitura prévia dos textos deu origem a um primeiro *codebook*, no qual foram identificados protagonistas, valorações e julgamentos⁴², além de elementos de quadro e subtemas. Uma segunda leitura promoveu alterações no *codebook*, e assim sucessivamente, até que a versão final fosse alcançada. Para fins de agrupamento dos textos, houve a divisão entre elementos de quadro e subtemas (o subtópico “política”, por exemplo, pode ter como subtemas “corrupção”, “governo Dilma”, “golpe”).

Agrupando os operadores analíticos que constituem os quadros, chegamos a sete elementos, cujos cruzamentos fornecerão os quadros deste trabalho. É importante ressaltar que, normalmente, cada texto traz mais de um elemento. Por exemplo, ao falar sobre determinado produto (elemento “produtos”), um texto pode trazer tanto uma perspectiva de agenda (elemento “agenda”: data de lançamento, disponibilidade em cinemas, TV, livrarias etc) quanto uma perspectiva política (elemento “política”: importância da obra para

⁴² Uma das vantagens do *framing* enquanto metodologia é a superação das valorações “positivo”, “neutro” e “negativo”. No caso deste trabalho, ressaltamos, tais valorações não protagonizam a análise, sendo utilizadas como suporte para a compreensão dos quadros.

determinado pensamento político, contexto político no qual a obra foi lançada - ou censurada - etc).

Os sete elementos encontrados são descritos na sequência:

-Agenda: datas de lançamento, período de exibição, locais, preço;

-Personagem: protagonismo, no texto, de determinada figura pública, como cineastas, cantores, cantoras, atores, atrizes etc;

-Identidade: discussões que envolvam minorias identitárias, como LGBTs, negros, indígenas;

-Política: admitida aqui em seu sentido *stricto*, com textos que falam sobre partidos, governos e governantes, espectros políticos;

-Políticas e processos culturais: leis e diretrizes relacionadas ao fomento cultural; proposta de soluções para questões de memória cultural, patrimônio etc; economia da cultura; trajetórias da cultura, como transformações temporais de determinada manifestação cultural, hibridizações, técnicas de produção;

-Produtos: foco em obras vendáveis, como livros, filmes, séries, discos, eventos etc.

-Outros: grupo que engloba temas que não se enquadram em outras categorias e, devido à sua baixa ocorrência, são insuficientes para a formação de quadros. Como exemplos temos religião, *fake news*, saúde mental, direitos dos animais, dentre outros.

A ocorrência dos elementos de *frame* está disposta no quadro a seguir:

Tabela 4 - Elementos de frame em Veja e CartaCapital

Elemento	Veja	CartaCapital	Total
Agenda	44	22	66
Personagem	11	3	14
Identidade	24	39	63
Política	27	42	69
Políticas e processos culturais	7	12	19
Produtos	84	49	133
Outros	16	28	44
Totais	213	195	408

Fonte: Autoria própria (2018)

O cruzamento entre estes elementos nos fornece os *frames* dos quais Veja e CartaCapital se utilizam para falar sobre cultura. O primeiro agrupamento de textos diz respeito àqueles nos quais o produto ou evento cultural encerra-se em si mesmo, ou seja, não há quaisquer discussões, nos textos, que insiram a cultura em outros contextos. Este primeiro quadro, de mero consumo, foi chamado de “consumo”. Os outros quadros, definidos a partir

do tema dominante nos textos - sem desconsiderar os subtemas - são “políticas e processos culturais”, “identidade” e “política”.

Em relação às rubricas (subeditorias), a divisão é a seguinte:

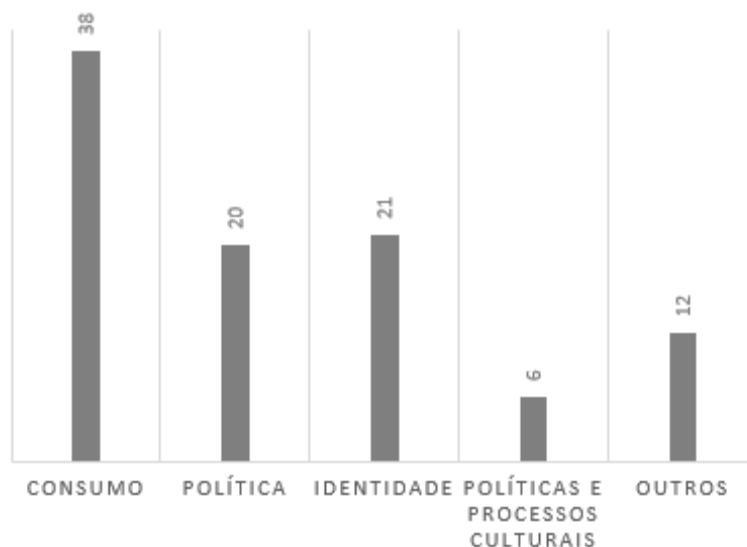
Tabela 5 - Subeditorias de Veja e CartaCapital

Rubrica	Veja (97 textos)	Carta (88 textos)
Arquitetura	0	1
Artes plásticas	4	11
Cinema	45	19
Literatura	23	22
Música	10	20
Políticas culturais	1	4
Teatro	1	8
TV	13	3

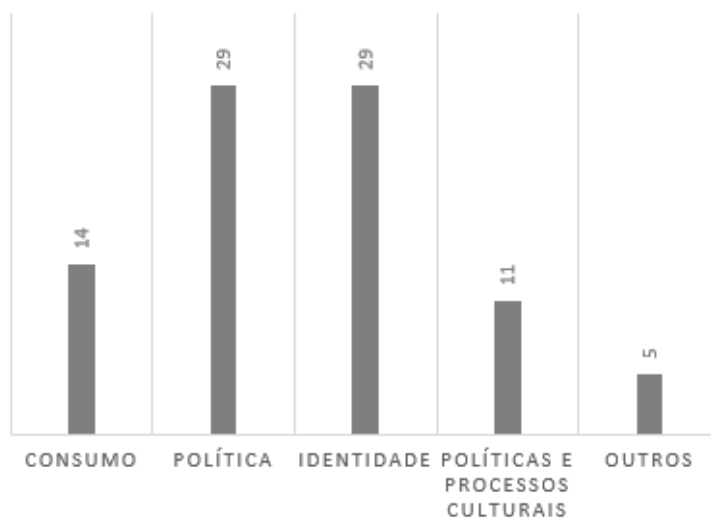
Fonte: Autoria própria (2018)

É possível perceber, nesta tabela, a predominância do cinema em Veja. Na coleta-piloto, que englobou o mês de janeiro, especulava-se que este protagonismo se devia à proximidade temporal com o Oscar, maior evento da indústria cinematográfica. Contudo, esta frequência se manteve nos meses posteriores. Carta, por sua vez, apresenta maior equilíbrio de editorias, com atenção muito similar a cinema, literatura e música.

Antes de analisarmos cada *frame*, seguem outros dados da análise, em números absolutos. Nos capítulos seguintes, estes dados serão detalhados.

Gráfico 1 - Distribuição de quadros em Veja

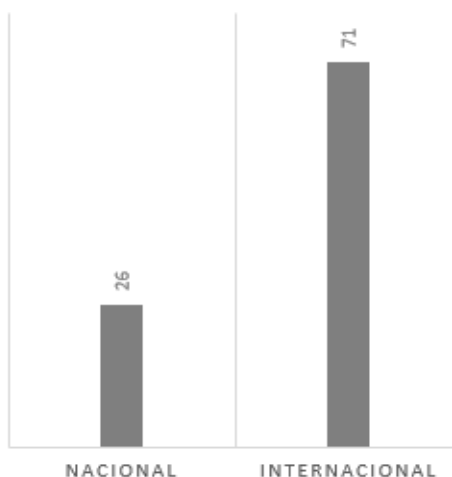
Fonte: Autoria própria (2018)

Gráfico 2 - Distribuição de quadros em CartaCapital

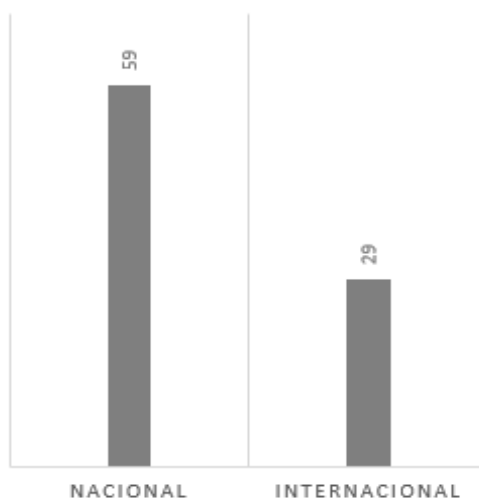
Fonte: Autoria própria (2018)

Os gráficos acima demonstram a preponderância do enquadramento do consumo em Veja, com 38 textos. Em seguida, em ordem decrescente, aparecem os quadros de identidade, política e, por fim políticas e processos culturais. Há, ainda, 12 textos cujos tópicos e temas não se encaixaram em quaisquer quadros.

Em Carta, os *frames* se apresentam com frequências distintas. Identidade e política predominam no veículo, com 29 ocorrências cada. O quadro do consumo, majoritário em Veja, aqui ocupa apenas a terceira posição. Por fim, há 11 textos enquadrados em políticas e processos culturais, além de cinco que não se compuseram quadros.

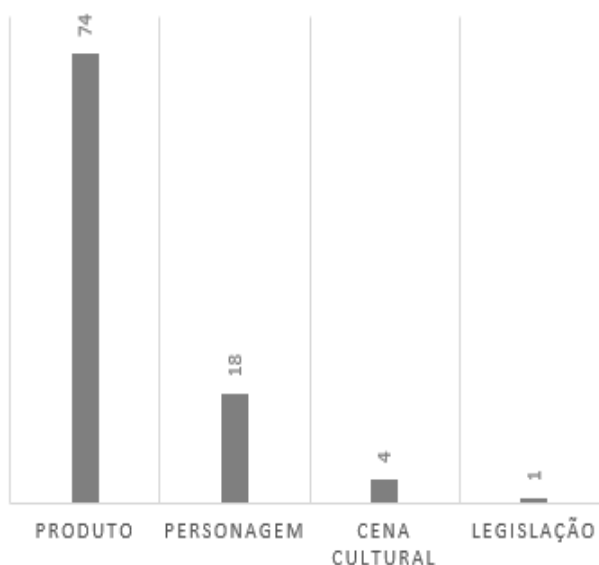
Gráfico 3 - Escopo em Veja

Fonte: Autoria própria (2018)

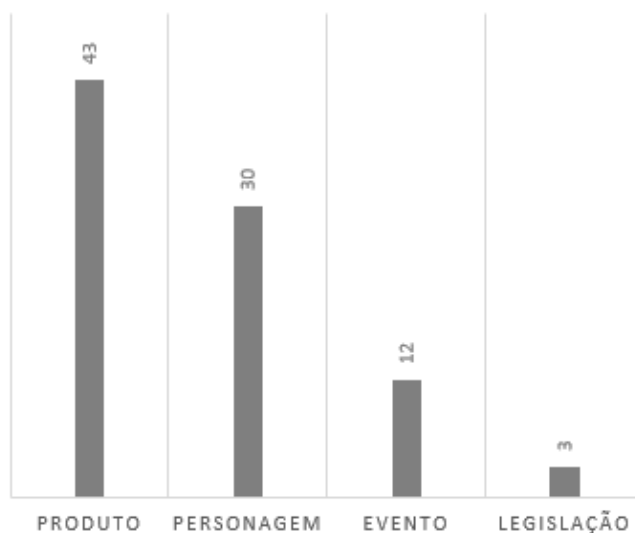
Gráfico 4 - Escopo em CartaCapital

Fonte: Autoria própria (2018)

Em relação ao escopo, há também diferenças essenciais: enquanto, em Veja, são priorizadas as produções internacionais, com 71 dos 97 textos, Carta tem uma preponderância de textos com produtos, eventos e personagens da cultura brasileira, com 59 dos 88 textos. Há, portanto, maior visibilização da cultura nacional em Carta, o que, aliado às outras perspectivas deste trabalho, nos ajuda a compreender o que é cultura para Veja e CartaCapital.

Gráfico 5 - Protagonismo em Veja

Fonte: Autoria própria (2018)

Gráfico 6 - Protagonismo em CartaCapital

Fonte: Autoria própria (2018)

O protagonismo apresenta semelhanças em Veja e Carta. Nos dois casos, há um foco em produtos como origem da pauta - embora, em Veja, a porcentagem seja maior em relação aos outros protagonistas. Carta dá maior atenção a personagens, com 30 ocorrências, contra 18 em Veja. Há uma diferenciação na terceira posição das ocorrências: Veja dedica quatro textos a cenas culturais, ausentes em Carta, enquanto esta traz 12 textos sobre eventos, que não aparecem como protagonistas em Veja.

A informação sobre protagonismo deve se cruzar com outras, como os subtópicos, para que seja possível a identificação de quadros. Contudo, os protagonistas trazem consigo alguns indícios: um texto centrado em produtos tende a se relacionar ao consumo, por exemplo, enquanto o foco em personagens pressupõe a humanização de relatos, histórias de vida, trajetórias culturais, em detrimento do mero consumo.

6 OS QUADROS DE VEJA E CARTACAPITAL

Nas próximas páginas, apresentaremos o que foi encontrado em cada quadro de Veja e CartaCapital. Há, de início, uma primeira grande divisão, na qual são observados os textos que se enquadraram apenas como mero consumo. Os tópicos subsequentes trarão detalhes do segundo grande grupo, aquele no qual não se prescinde do consumo, mas este aparece atrelado a outras questões.

No início da apresentação de cada quadro há um resumo de protagonistas, escopo, editoria, valorações, posicionamentos e assinatura. Estas informações são posteriormente interpretadas e, no capítulo da meta-análise, avaliamos a pertinência de cada uma delas para os resultados desta dissertação.

6.1 ENQUADRAMENTO DO CONSUMO

Tabela 6 - Resumo dos elementos de consumo

	Veja	CartaCapital
Textos	38 (39,1% do total)	14 (15,9% do total)
Protagonista	-Personagem (15,8%) -Produto (84,2%)	-Evento (28,6%) -Personagem (35,7%) -Produto (35,7%)
Escopo	-Nacional (18,5%) -Internacional (81,5%)	-Nacional (57,2%) -Internacional (42,8%); -Artes plásticas (14,2%)
Editoria	-Cinema (63,2%) -Literatura (15,8%) -Música (15,8%) -TV (5,2%)	-Cinema (21,5%) -Literatura (21,5%) -Música (35,7%) -Teatro (7,1%)
Valorações	-Positiva (81,6%) -Neutra (7,9%) -Negativa (10,5%)	-Positiva (85,7%) -Neutra (14,3%)
Posicionamentos	Ênfase em produções <i>mainstream</i> ; valorização da tradição; legitimação da obra através de faturamento e premiações.	Defesa da gratuidade de eventos culturais; valorização do hibridismo cultural; crítica à elitização cultural e à dinâmica das premiações; crítica aos excessos estéticos em detrimento da substância.
Assinatura	Eduardo Wolf (2,6%), Filipe Vilicic (2,6%), Isabela Boscov (52,7%), Jerônimo Teixeira (7,9%), Marcelo Marthe (13,2%), Maria Carolina Maia (2,6%), Maria Clara Vieira (2,6%), Nelson Ascher (2,6%), Raquel Carneiro (5,2%), Sérgio Martins (8%).	Eduardo Nunomura (28,6%); Jotabê Medeiros (35,7%); Pedro Alexandre Sanches (35,7%).

Fonte: Autoria própria (2019)

A cultura é apresentada como mero consumo nas seguintes condições: a) textos que têm “produtos” como único elemento de frame; b) textos que têm “agenda” como único elemento de frame; c) textos que têm apenas “produtos” e “agenda” como elementos de frame. Em todos os casos, consequentemente, não são apresentados subtópicos. O caráter descritivo é acentuado, por vezes aparecendo em conjunto com informações como período em cartaz, data de lançamento e, em menor frequência, preço.

A divisão destes textos se apresenta da seguinte forma:

Tabela 7 - Elementos do quadro de consumo

Elementos	Veja	Carta	Total
Produtos	16	8	22
Agenda	0	6	6
Produtos + agenda	22	0	20
Totais	38	14	48

Fonte: Autoria própria (2018)

Em termos percentuais, 39,1% dos textos de Veja se dedicam exclusivamente ao consumo, enquanto em Carta o índice é de 15,9%. As rubricas (subeditorias) nos quais os textos se inserem estão apresentadas abaixo:

Tabela 8 - Subeditorias do quadro de consumo

Rubrica	Veja	Carta
Artes plásticas	0	2
Cinema	24	3
Música	2	5
Literatura	6	3
Teatro	0	1
TV	6	0

Fonte: Autoria própria (2018)

A primeira informação a saltar aos olhos no enquadramento de consumo é a preponderância da editoria de cinema em Veja, que ocupa 63,2% do total deste quadro. Artes plásticas e teatro, por sua vez, não apresentaram ocorrências enquanto consumo - o que, em Carta, ocorreu com a TV.

Quais são os produtos e eventos apresentados para consumo em Veja e CartaCapital? As duas ocorrências de CartaCapital em relação às artes plásticas dizem respeito a exposições de Yutaka Toyota e Arthur Bispo do Rosário (apresentadas em texto único), além do evento Paulista Cultural, composto por uma série de atrações das quais o autor, Eduardo Nunomura, enfatiza a gratuidade ou os preços acessíveis, como nos trechos "o Masp terá entrada gratuita o dia todo" ou "os cinemas da região terão ingressos a valores de meia-entrada ou até 2 reais".

O cinema enquanto mero consumo surge em três ocasiões em CartaCapital: uma mostra de filmes que têm em comum trilhas sonoras compostas por Ennio Morricone; o festival Varilux, dedicado ao cinema francês; e uma crítica conjunta dos filmes O Destino de uma nação e Dunkirk, ambos indicados ao Oscar. Contudo, mesmo nesta ocasião em que CartaCapital se dedica ao circuito *mainstream* do cinema, há ressalvas aos artifícios da

indústria. As obras são elogiadas em seu conjunto, mas Dunkirk "peca pelo uso excessivo de recursos dos *blockbusters*⁴³".

Dos 24 textos que Veja dedicou ao consumo de cinema, seis ressaltam filmes indicados ao Oscar de 2018. A franquia Deadpool aparece em dois textos. Outros títulos do circuito mainstream se fazem presentes, como Vingadores, Jurassic World e Player nº1. Diferente de CartaCapital, Veja apresenta também informações como o favoritismo em premiações ("Estreia no país nesta quinta-feira com treze indicações ao Oscar - cinco a mais que o segundo colocado, Dunkirk⁴⁴", sobre A forma da água) e faturamento ("Como o primeiro filme, de 2016, foi um arrasa-quarteirão - faturou 1350% do seu orçamento enxutíssimo de 58 milhões de dólares", sobre Deadpool 2). O parâmetro de 58 milhões de dólares⁴⁵ como "enxutíssimo" dá indícios da inclinação do veículo ao circuito das megaproduções.

A música, enquadrada apenas enquanto consumo, aparece em duas ocasiões em Veja. Na primeira, o novo disco de Almir Sater e Renato Teixeira é apresentado de maneira elogiosa, com a defesa da tradição. Sérgio Martins escreve que "Renato Teixeira e Almir Sater são de uma era em que a canção de sucesso era fruto do trabalho artesanal, e não da linha industrial com que compositores hoje criam hits para duplas sertanejas⁴⁶". A segunda ocorrência tem Bruce Dickinson, vocalista do Iron Maiden, como protagonista, em texto que passa por sua carreira como músico, escritor e empreendedor.

No mesmo período, Carta apresentou cinco ocorrências relacionadas ao consumo musical. Se enquadraram no consumo, principalmente, as resenhas conjuntas apresentadas na última página da editoria de cultura. Há uma valorização de artistas consolidados da música brasileira, como Aírto Moreira, Hermeto Pascoal, o "pessoal do Ceará" (Rodger, Têti, Rogério Franco, Dalwton Moura), A Cor do Som, Gilberto Gil, Nando Reis e Gal Costa. A hibridização aparece como mote no texto sobre Aírto e Hermeto, exaltando a fusão de ritmos brasileiros ao *jazz*. O mesmo acontece com a banda Boogarins, "uma mistura do grupo Jefferson Airplane com a Tropicália⁴⁷".

Em relação ao consumo de literatura, Veja e CartaCapital evitam os títulos *mainstream*. Em Veja, por exemplo, nenhuma das obras apresentadas na subeditoria de literatura está presente na lista de livros mais vendidos publicada pelo veículo em todas as

⁴³ "História e política nas telas", edição 987, p. 57.

⁴⁴ "Qualquer forma de amor", edição 2567, p. 88.

⁴⁵ "Sujo, malvado - e irresistível", edição 2583, p. 102.

⁴⁶ "Inspiração caipira", edição 2571, p. 88.

⁴⁷ "Lisergia do cerrado", edição 986, p. 52.

edições. Das cinco obras apresentadas por Veja, apenas uma é brasileira: O pai da menina morta, de Tiago Ferro. Assim como no cinema, as premiações surgem como elemento legitimador de autores e obras - no caso, em texto sobre o sueco Tomas Tranströmer, morto em 2015.

Carta, por sua vez, traz duas obras nacionais e uma internacional (2001: uma odisseia no espaço, de Michael Benson). Noções como o hibridismo, o *sampling*, a mixagem, também aparecem nesta subeditoria. Ao resenhar Copo de Luz, Pedro Alexandre Sanches decreta que, positivamente, “somos da era da colagem, da *samplagem*⁴⁸”. Isis Rost, autora de *O risco do berro* (terceira obra literária deste quadro), é elogiada pelo mesmo Pedro Alexandre Sanches por “jogar o livro de graça na internet⁴⁹”.

Embora com baixa ocorrência no quadro de consumo (apenas uma, em CartaCapital), o teatro contribui na análise com uma entrevista do dramaturgo Anders Lustgarten a Jotabê Medeiros, no qual afirma que “80% do teatro é punheta burguesa⁵⁰” e “toda a merda sobre prêmios e premiêres e astros não pode afetar o nosso diagnóstico e o nosso julgamento sobre a sociedade⁵¹”. Ao selecionar e salientar estas falas, Carta se orienta de maneira contrária à elitização das artes e as premiações.

Por fim, em relação à TV, há cinco ocorrências, todas em Veja. As séries estadunidenses são responsáveis por três ocorrências, com *Legion*, *Black Mirror* e a nova versão de *Perdidos no Espaço*⁵², com “locações (digitais) impressionantes, tecnologia convincente e enredo um tantinho menos estapafúrdio⁵³”. As novelas Segundo Sol, da Globo, e As aventuras de Poliana, do SBT - produtos de consumo massivo -, completam esta subeditoria.

Ao apresentar a cultura enquanto consumo, Veja enfatizou as produções do circuito cultural dominante, o “fluxo principal” (ou *mainstream*). As grandes premiações aparecem como um fator de legitimação de qualidade da obra. Houve, também, uma valorização da tradição, especificamente na música.

Carta, por sua vez, seguiu um caminho quase todo antagônico. Ao falar da cultura enquanto consumo, a revista destacou eventos gratuitos ou com valores reduzidos, criticou os

⁴⁸ “A cor e a ausência dela”, edição 997, p. 51.

⁴⁹ “Suicídio nosso de cada dia”, edição 991, p. 51.

⁵⁰ “O incendiário de Londres”, edição 1005, p. 53.

⁵¹ Idem.

⁵² Embora estas produções sejam séries da Netflix, com um modelo de distribuição distinto da TV, foram incluídas na subeditoria Televisão devido a seu formato, derivado de produções televisivas, além de terem sido publicadas em Veja nesta subeditoria.

⁵³ “Náufragos no planeta Família”, edição 2577, p. 106.

excessos de produção, a elitização e as premiações. O hibridismo, que em certa medida pode ser encarado como o antônimo da tradição, esteve presente na música e na literatura.

6.2 CULTURA PARA ALÉM DO CONSUMO IMEDIATO

O quadro do consumo imediato ocorre em 39,1% dos textos de Veja e em 15,9% dos textos de CartaCapital. Estes textos, conforme apresentado, são aqueles em que ocorrem exclusivamente os elementos de agenda e produto, isolados ou em conjunto. Não há, nestes textos, subtemas que insiram a cultura em seu contexto mais amplo, relacional, ou que discutam as condições de produção e circulação culturais, legislações, políticas.

Há dois quadros principais nesta análise: o da cultura enquanto mero consumo e o da cultura enquanto algo que supera o consumo, embora não prescindia dele. Os tópicos a seguir descreverão os detalhes deste segundo grande quadro.

6.2.1 Enquadramento de Políticas e Processos Culturais

Tabela 9 - Resumo dos elementos de políticas e processos culturais

	Veja	CartaCapital
Textos	6 textos (6,2% do total)	11 textos (12,5% do total)
Protagonista	-Personagem (50%) -Legislação (16,7%) -Cena cultural (33,3%)	-Evento (18,2%) -Legislação (27,3%) -Personagem (54,5%)
Escopo	-Nacional (83,3%) -Internacional (16,7%)	- Nacional (100%)
Editoria	-Artes plásticas (50%) -Música (50%)	-Arquitetura (9,1%) -Artes plásticas (27,2%) -Música (9,1%) -Políticas Culturais (36,4%) -Teatro (18,2%)
Valorações	-Positiva (66,7%) -Negativa (33,3%)	-Positiva (63,6%) -Neutra (9,1%) -Negativa (27,3%)
Posicionamentos	Acesso universal à cultura; crítica aos modismos (valorização da tradição); valorização do hibridismo; crítica ao engajamento na cultura; crítica ao uso de recursos públicos para eventos culturais.	Crítica ao conservadorismo e aos governos de direita na gestão de políticas culturais; valorização da arte através de políticas públicas, especialmente a Lei Rouanet; necessidade de gestão pública do patrimônio cultural; defesa da gratuidade de eventos culturais; crítica às grandes gravadoras e seus produtos.
Assinatura	Marcelo Marthe (50%), Sérgio Martins (50%).	Eduardo Nunomura (18,2%); Jotabê Medeiros (63,6%); Nirlando Beirão (9,1%); Pedro Alexandre Sanches (9,1%).

Fonte: Autoria própria (2019)

A cultura é enquadrada como políticas e processos culturais quando os textos possuem apenas um destes elementos de *frame* - “política cultural” ou “processo cultural” - ou quando estes aparecem em conjunto com outros, como identidade, política etc, mas têm um caráter dominante no texto, constituindo-se como tema principal.

Em relação ao total dos textos observados, em Veja a cultura aparece enquadrada como política ou processo cultural em apenas 6,2% das vezes. No caso de CartaCapital, o percentual é de 12,5%. As editorias que tratam deste quadro são as seguintes:

Tabela 10 - Subeditorias do quadro de políticas e processos culturais

Rubrica	Veja	Carta
Arquitetura	0	1
Artes plásticas	2	3
Música	3	1
Políticas culturais	1	4
Teatro	0	2

Fonte: Autoria própria (2018)

Enquanto no enquadramento do consumo, dez autores assinaram textos de *Veja*, agora apenas dois - Marcelo Marthe e Sérgio Martins - foram identificados. A ausência mais notada é a de Isabela Boscov, responsável principalmente pela editoria de cinema e autora de 40% do total de textos do semestre.

No único texto que fala especificamente sobre políticas culturais, Marcelo Marthe critica a nova política tarifária dos aeroportos em relação às obras internacionais que chegam ao país para exposição. Antes, estas obras se enquadravam como itens destinados a eventos cívico-culturais. Mas uma reinterpretação da lei passou a cobrar tarifas com base no valor de cada obra, o que inviabilizaria boa parte das exposições. Marthe exemplifica:

Tome-se a retrospectiva do americano Jean-Michel Basquiat, vista por 282000 pessoas em São Paulo e em cartaz em Brasília. A taxa sobre o acervo superaria o orçamento de 15 milhões de reais da exposição - que felizmente estreou em janeiro, antes da nova política" e encerra com um questionamento que recomenda o acesso universal à cultura: "Eventos 'cívico-culturais' seriam apenas os de caráter patriótico, ou cabe - como é razoável - uma noção mais ampla, em que o acesso à cultura seja visto como um ganho civilizatório para o país? (VEJA, ed. 2587, p. 102)

O exemplo é curioso. Meses antes, quando da exposição de Basquiat, o mesmo Marthe afirmou que "sua obra muitas vezes exhibe uma feiura à beira do mau gosto"⁵⁴. Em texto que discute o milionário mercado das artes plásticas, o autor afirma que "seu desaparecimento precoce [o de Basquiat, morto por overdose aos 28 anos] o bafejaria com a aura de gênio rebelde dos pincéis"⁵⁵. Em texto que, de forma subjacente, defende certo tradicionalismo da arte, Marthe questiona se "a obra de Basquiat mantém alguma relevância ou caiu na vala comum dos modismos da arte contemporânea"⁵⁶.

⁵⁴ "Glamour marginal", edição 2566, p. 94.

⁵⁵ Idem.

⁵⁶ Idem.

Ainda no segmento das artes plásticas, Marcelo Marthe perfila o restaurador Flavio Capitulino, em texto intitulado “o Dândi do sertão⁵⁷”. Capitulino, paraibano de origem humilde, é criticado no meio acadêmico das artes por utilizar de meios pouco ortodoxos em suas restaurações, como casca de ovo e cera de abelha.

Os três textos restantes, assinados por Sérgio Martins, têm a música como tema. Em reportagem sobre a renovação do frevo, o autor vê com bons olhos a hibridização e modernização do estilo musical. “Chega de saudade - e de sombrinhas e de vassourinhas⁵⁸”, encerra, criticando a nostalgia do tradicionalismo. A cena musical paraense, objeto de outro texto, segue na mesma linha. De forma elogiosa, Martins afirma que o guitarrista Pio Lobato, “ao mesmo tempo em que promoveu o resgate das raízes regionais, procurou reinventá-las por meio do cruzamento com tendências modernas⁵⁹”, em um processo considerado uma “transmutação qualitativa da música paraense⁶⁰”.

Por fim, Sérgio Martins perfila Geraldo Vandrê, em texto que perpassa a carreira do cantor e a relaciona com a cultura deste período. Há ênfase no desinteresse atual do cantor pela política: “[Vandrê] não gosta que a definam [Para não dizer que não falei de flores] como hino de esquerda: “Caminhando é um chamamento, uma crônica da realidade. Canção de protesto é coisa de americano⁶¹”. Esta espécie de recomendação de distanciamento de artistas e questões políticas aparecerá em outros textos de Sérgio Martins. De forma meio deslocada no texto, Martins também informa ao leitor que “Vandrê está desde dezembro em João Pessoa, a convite da secretaria estadual da Cultura - uma iniciativa que custou cerca de 68.000 reais aos cofres públicos⁶²” - a visão negativa da gestão cultural por órgãos públicos também é tema recorrente.

Em Carta, as políticas culturais são protagonistas deste quadro. Tendo o teatro como pano de fundo, Eduardo Nunomura critica a ineficiência de políticas culturais e o atual momento político do país. Ao falar sobre uma releitura de Romeu e Julieta, protagonizada por Renato Borghi e Miriam Mehler, o autor afirma que “a montagem faz um tributo amoroso a dois veteranos da dramaturgia e, por extensão, ao teatro brasileiro, maduro por sua história e juvenil pelas condições em que muitas peças ainda são produzidas no país⁶³”. Em entrevista, Renato Borghi declara: “Enxergo este momento como tão difícil ou mais do que na ditadura

⁵⁷ Edição 270, p. 89-92.

⁵⁸ “O novo passo do frevo”, edição 2568, p. 93.

⁵⁹ “Pop ao tucupi”, edição 2586, p. 101.

⁶⁰ Idem.

⁶¹ “Ele já não fala de flores”, edição 2580, p. 103.

⁶² Idem.

⁶³ “O amor é muito jovem”, edição 988, p. 48.

[...] Há uma tendência direitista muito clara e o teatro precisa dialogar ainda mais para expor o risco desse fechamento⁶⁴”.

No texto seguinte, Nunomura repete a crítica à precariedade com que se faz teatro (e, por extensão, arte) no Brasil: “Um cabaré, considerado um subgênero do teatro, é montado para servir como instrumento de oposição à precariedade do fazer artístico no país⁶⁵”.

Outros autores mantêm uma unidade de pensamento nesta questão. Jotabê Medeiros, ao falar sobre a exposição *A Construção do Patrimônio*, afirma que as 150 obras reunidas para a mostra, “não raro, estão em edifícios com problemas de manutenção e em precariedade de gestão⁶⁶”. Evocando o governo Temer, Jotabê ressalta que o evento acontece em um momento “de grande apreensão com o descaso e a negligência das autoridades para com o patrimônio nacional - especialmente nos últimos dois anos⁶⁷”. Jotabê Medeiros recorda do caso Geddel Vieira Lima, no qual o então ministro “investiu contra o Iphan da Bahia para demolir regras de proteção e erguer um edifício de especulação em Salvador⁶⁸”. O autor também ressalta que o último concurso público para técnicos do Iphan foi em 2008. A curadoria da mostra é de Luiz Fernando Almeida, que “foi presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan) na gestão iluminista de Gilberto Gil⁶⁹”.

Três locais aparecem como protagonistas em textos, todos de Jotabê Medeiros: O Museu do Rio São Francisco, a residência-manifesto de Gregori Warchavchik e o Sesc Avenida Paulista. O primeiro, prestes a entrar em funcionamento, é chamado de “o maior centro de referência sobre o Rio São Francisco e sua história⁷⁰”, sediado em “um casarão que, em tempos áureos, chegou a hospedar o presidente Getúlio Vargas em visita oficial à cidade, muito semelhante à Casa do Cosme Velho que pertenceu a Machado de Assis (e que o Rio não soube preservar)⁷¹”.

As críticas à gestão pública do patrimônio seguem no texto sobre a residência modernista de Gregori Warchavchik. Construída em 1928, a residência deveria se tornar, de acordo com a prefeitura de São Paulo, um “centro de referência do movimento modernista⁷²”,

⁶⁴ Idem, p. 50.

⁶⁵ “A diversidade no palco”, edição 1010, p. 57.

⁶⁶ “Pérolas do patrimônio”, edição 985, p. 55.

⁶⁷ Idem.

⁶⁸ Idem.

⁶⁹ Idem.

⁷⁰ “Um rio que passa em nossas vidas”, edição 992, p. 53.

⁷¹ Idem.

⁷² “Casa Modernista, 90 anos”, edição 1003, p. 53.

o que não aconteceu. No julgamento do autor, “faltam interesse, relevo e reverência⁷³” por parte do poder público.

A inauguração da unidade do Sesc na Avenida Paulista, por sua vez, recebe um texto elogioso: “Aquilo que vem se constituindo como o maior corredor cultural da América Latina (e um dos principais do mundo) vai ganhar notável reforço neste domingo, 29⁷⁴”, com a inauguração do local.

A Lei Rouanet, “demonizada nos anos petistas⁷⁵”, protagoniza um texto no qual é apresentada como o “principal mecanismo de fomento à cultura vigente no Brasil até o presente⁷⁶”. O autor ressalta que “nos anos em que Luiz Inácio Lula da Silva e Dilma Rousseff presidiram o Brasil, a Lei Rouanet foi objeto de um sinistro movimento de criminalização⁷⁷”. Jotabê afirma que antigos detratores da lei - “mesmo os mais abonados, os privatistas históricos e outros adeptos da retirada total do Estado da gestão da coisa pública⁷⁸” - estão passando a utilizá-la. De forma irônica, exemplifica com o cantor Fagner: “‘Nunca achei que devesse recorrer à lei de incentivo’, disse Fagner, antes de mudar de ideia⁷⁹”.

A relação entre gestão pública e políticas culturais se faz ainda mais evidente em textos que trazem o Ministério da Cultura e a Secretaria de Cultura de São Paulo como protagonistas. Jotabê Medeiros dispara, na abertura do texto sobre o MinC:

Sem qualquer lastro democrático, o governo Temer assinala que ainda pode contribuir mais para aprofundar o conceito de política subterrânea. Nos últimos dias, o principal subsídio tem vindo do seu Ministério da Cultura (MinC), que consegue ir além da irrelevância: afunda o que já era agonizante (CARTACAPITAL, edição 1010, p. 48).

A crítica tem como gancho a criação do Fundo Nacional de Segurança Pública, que utilizou recursos das loterias federais, antes utilizados para o sistema desportivo brasileiro e o Fundo Nacional de Cultura.

A “irrelevância” em que o MinC foi transformado devido a gestões desastrosas volta a dar o tom no texto sobre a Secretaria de Cultura de São Paulo: “Sem repercussão, a gestão

⁷³ Idem.

⁷⁴ “A Paulista se avista”, edição 1001, p. 57.

⁷⁵ “A lei é para todos”, edição 996, p. 50.

⁷⁶ Idem.

⁷⁷ Idem, p. 51.

⁷⁸ Idem.

⁷⁹ Idem, p. 50.

no estado de São Paulo torna-se irrelevante, embora palco de ações inexplicáveis⁸⁰. Há ênfase no despreparo de Romildo Campello para a pasta. Na voz de uma produtora cultural, que não é nomeada no texto, o secretário “é um cara que nunca passou nem perto da cultura, deve ter ido ao cinema umas duas vezes na vida⁸¹”. O autor reforça esta posição: “Se alguém perguntar ao paulista qual o nome do seu secretário da Cultura, é pouco provável que o porcentual dos que sabem o nome seja superior às intenções de voto no ex-governador Geraldo Alckmin. Romildo Campello é um ilustre desconhecido, mas sua prática de gestor é completamente coerente com o recente histórico enevoado da secretaria⁸²”.

Em texto sobre disco conjunto lançado por Dori Caymmi, Edu Lobo e Marcos Valle, o autor Pedro Alexandre Sanches traça um rápido panorama da música brasileira a partir dos três artistas: “Após o sucesso inicial, os três participaram da diáspora musical brasileira dos anos 1960, na revoada de artistas primeiro devido ao sucesso internacional da bossa nova, depois no bojo da repressão da ditadura civil-militar⁸³”. Dando voz a Dori Caymmi, há críticas à música contemporânea e à indústria cultural:

“Quando o cara fala MPB me sinto ofendido. Esse popular aí está fora de cogitação. Tom Jobim e Dorival Caymmi é música brasileira. Zezé di Camargo & Luciano é música popular brasileira. Quando se fala em sofrência, nesse material que a Som Livre (gravadora da Globo) está lançando hoje, é música popular brasileira”⁸⁴

Na edição de número 1000 de CartaCapital, Nirlando Beirão traz reportagem sobre o “estado da arte” da cultura brasileira. O cenário, para ele, é desolador: “Era o que faltava ao Brasil: num cenário de mediocridade, a volta da censura e da intolerância contra os poucos que ainda ousam pensar e criar”⁸⁵. Ao longo de cinco páginas, a análise de conjuntura apresentada por Beirão sintetiza o pensamento de CartaCapital sobre a situação da cultura no Brasil. Há críticas ao governo (“o governo ilegítimo prefere comprar votos do que subvencionar pesquisas”⁸⁶ ou “os grafiteiros brasileiros - OsGemeos, Kobra, Zezão, Bueno, Crânio - acabaram adquirindo espaço internacional, se bem que tiveram ainda recentemente

⁸⁰ “Na solidão paulista”, edição 1010, p. 51.

⁸¹ Idem.

⁸² Idem.

⁸³ “Os filhos da bossa”, edição 1007, p. 50.

⁸⁴ Idem, p. 51.

⁸⁵ “A cultura estilhaçada”, edição 1000, p. 62.

⁸⁶ Idem, p. 63.

de enfrentar a sana higienista de Doria, o Breve, o prefeitinho de cashmere, o qual mandou cobrir a contundente *street art* de São Paulo com mimosas camadas de tinta cinza⁸⁷), à ascensão do conservadorismo (“A cultura, assim como a educação, ou o que sobra dela enquanto não triunfa o cerceamento da 'Escola sem Partido', seria o território de resistência contra a exclusão social a que querem circunscrevê-la”⁸⁸ ou “Já que covardes, os dissimulados da Bíblia usam a tropa de choque do *MBL*, composta por indivíduos desqualificados e truculentos”⁸⁹), ao cerceamento de minorias (“Os poderes monopolistas buscam patrulhar, com o amparo midiático, as manifestações, mínimas que sejam, de singularidade: dos negros, dos índios, dos homossexuais, das mulheres, dos dissidentes de todos os matizes”⁹⁰), à indústria cultural (“o cinema finge-se de moderno quando sugere o caminho do *streaming* no Netflix, como acontece com este *O Mecanismo*, do irremediável José Padilha. A exaltação da violência policial, racista e fascistizante, com direito à adulteração de verdades históricas em nome de uma suposta liberdade ficcional, leva a decifrar o porquê daquele invariável figurino do diretor hollywoodiano”⁹¹).

⁸⁷ Idem.

⁸⁸ Idem, p. 64.

⁸⁹ Idem.

⁹⁰ Idem.

⁹¹ Idem, p. 65.

6.2.2 Enquadramento Identitário

Tabela 11 - Resumo dos elementos identitários

	Veja	CartaCapital
Textos	21 textos (21,6% do total)	29 textos (32,9% do total)
Protagonista	-Personagem (14,3%) -Produto (81%) -Cena cultural (4,7%)	-Evento (18,2%) -Legislação (27,3%) -Personagem (54,5%)
Escopo	-Nacional (19%) -Internacional (81%)	-Nacional (62%) -Internacional (38%)
Editoria	-Cinema (52,6%) -Literatura (28,6%) -Música (9,4%) -Teatro (4,7%) -TV (4,7%)	-Artes plásticas (13,8%) -Cinema (31%) -Literatura (20,7%) -Música (20,7%) -Teatro (6,9%) -TV (6,9%)
Valorações	-Positiva (71,5%) -Neutra (9,5%) -Negativa (19%)	-Positiva (79,3%) -Neutra (3,4%) -Negativa (17,3%)
Posicionamentos	Críticas ao “politicamente correto”, ao machismo na cultura <i>mainstream</i> , ao feminismo e pós-feminismo, à violência policial e à desigualdade social, ao uso de “cotas raciais” na TV. Defesa da inclusão de mulheres e negros em produções e premiações, da emancipação feminina, do ativismo negro.	Defesa de maior presença de negros em produções culturais; importância do enfrentamento ao racismo; necessidade de redefinição de paradigmas, tendo o negro como figura central na história do Brasil e das Américas; críticas à indústria cultural, aos Estados Unidos, ao conservadorismo e ao machismo.
Assinatura	Bruno Meier (4,7%), Isabela Boscov (47,7%); Jerônimo Teixeira (14,4%); José Francisco Botelho (9,4%); Marcelo Marthe (4,7%); Rinaldo Gama (4,7%); Sérgio Martins (14,4%).	Eduardo Nunomura (13,8%); Jotabê Medeiros (38%); Nirlando Beirão; Pedro Alexandre Sanches (48,2%).

Fonte: Autoria própria (2019)

O enquadramento identitário se faz presente quando há, nos textos, o elemento de frame “identidade”, isolado ou em conjunto com outros elementos. Este quadro apresentou proximidade percentual nos veículos. Do total dos textos de Veja, 21,6% trouxeram discussões identitárias em algum nível, enquanto em CartaCapital o percentual foi de 32,9%. As editorias que apresentam o quadro identitário ficaram distribuídas da seguinte forma:

Tabela 12 - Subeditorias do quadro identitário

Rubrica	Veja	Carta
Artes plásticas	0	4
Cinema	10	9
Literatura	6	6
Música	2	6
Teatro	1	2
TV	1	2

Fonte: Autoria própria (2018)

Em relação à assinatura dos textos, há, neste enquadramento, o predomínio de Isabela Boscov (que escreve quase exclusivamente sobre cinema), com dez textos assinados. Também estão presentes Bruno Meier (1), Jerônimo Teixeira (2), José Francisco Botelho (2), Marcelo Marthe (1), Rinaldo Gama (1) e Sérgio Martins (3).

Os assuntos mais recorrentes em Veja, neste enquadramento, são questões de gênero e raça. No primeiro caso, há certa ambiguidade: alguns temas vinculados ao feminismo - como as denúncias de abuso e assédio sexual praticados por Kevin Spacey e outros figurões de Hollywood, a importância de personagens femininas fortes na literatura, a presença de um maior número de mulheres em premiações do cinema - são visibilizados de maneira positiva. Contudo, o movimento feminista, quando assim nomeado, recebe tratamento distinto.

No único texto em que assina neste quadro, Bruno Meier perfila e entrevista o publicitário Washington Olivetto, tendo como gancho o lançamento de sua autobiografia - positivamente avaliada. Ao discorrer sobre relações de gênero na atualidade, mais especificamente o movimento feminista, Olivetto fala sobre a “chatice do politicamente correto” e conjectura: “Toda hora inventam um clichê que circula pelos meios. O último mais propagado é o 'empoderamento'. O garoto Bombril nasceu para tratar a dona de casa com respeito, valorizá-la. Ele gostava da mulher bem-sucedida e feliz. Era, afinal, uma boa ideia⁹²”.

Uma releitura da ópera Carmen, apresentando um viés feminista, é negativamente avaliada por Sérgio Martins. Na obra, em vez de morrer pelas mãos de Don José, Carmen o mata a tiros. Embora apresente dados sobre a violência contra a mulher na Itália - “uma em cada três italianas já teria sofrido abuso físico ou sexual”⁹³-, o autor se posiciona de maneira contrária à alteração no desfecho da ópera: “[Para o diretor Cristiano Chiarot], uma representação fiel da obra-prima de Bizet seria uma forma de 'legitimar' essa violência - como

⁹² “Memórias de um sedutor”, edição 2577, p. 102.

⁹³ “Cigana feminista”, edição 2565, p. 94.

se a encenação ficcional de um crime fosse em si mesmo um ato criminoso⁹⁴”, concluindo que “em Florença, o público deu seu parecer: aplaudiu os intérpretes, mas vaiou os encenadores Cristiano Chiarot e Leo Muscato⁹⁵”.

Na resenha do filme *Operação Red Sparrow*, Isabela Boscov critica a “problematização” em torno da personagem de Jennifer Lawrence, que utiliza a sexualização como arma. Para a autora, as críticas feministas à personagem revelam “um dos paradoxos do viés puritano que se vem imiscuindo no pós-feminismo⁹⁶”. O termo, um tanto específico, ressurge em outra resenha de Boscov, sobre o filme *Uma escala em Paris*, no qual “a obsessão de uma mulher por um homem que não a deseja e apenas se valeu dela momentaneamente é um tabu para o pós-feminismo, por supor uma fraqueza e uma dependência vexaminosas⁹⁷”. Na crítica negativa sobre *Os Incríveis 2*, a autora afirma que “empoderamento feminino e troca de tarefas no lar são tópicos do momento - mas a Pixar não costumava ser assim tão óbvia nas suas abordagens⁹⁸”.

O feminismo ressurge com Jerônimo Teixeira, que ironiza “o espírito feminista que hoje anima Hollywood⁹⁹” na resenha de *Oito mulheres e um segredo*, filme que “traz um time de mulheres que supera os bofes liderados pelo Danny Ocean de Clooney¹⁰⁰”.

Se o feminismo, quando assim nomeado, não empolga os críticos de Veja, as relações de gênero subjacentes aos produtos têm tratamento distinto, voltando a aparecer em uma série de textos que concorreram ao Oscar de 2018. Apesar da crítica negativa a *Lady Bird*, Isabela Boscov ressalta a necessidade da inclusão de mulheres em premiações afirmando que “é certo e necessário haver uma mulher na categoria de direção, mas a Academia retificou uma injustiça cometendo outra: Dee Rees, de *Mudbound*, que ficou de fora, é muito mais cineasta¹⁰¹”. Ainda sobre Dee Rees, a questão de gênero se conjuga à racial, embora haja um “mas” que torna o posicionamento da autora um pouco nebuloso:

⁹⁴ Idem.

⁹⁵ Idem.

⁹⁶ O pós-feminismo parte da premissa de que as ondas feministas anteriores já teriam alcançado seus objetivos, constituindo-se em uma espécie de conceituação crítica ao feminismo, embora não se oponha a ele. Para saber mais: <https://azmina.com.br/colunas/vivemos-no-pos-feminismo>. Acesso em: 31 jan.19.

⁹⁷ “A paixão é uma loucura”, edição 2584, p. 111.

⁹⁸ “Os mais ou menos”, edição 2588, p. 98.

⁹⁹ “O crime compensa (e entedia)”. edição 2586, p. 105.

¹⁰⁰ Idem.

¹⁰¹ “Cobertor curto”, edição 2569, p. 91.

É lamentável que [Dee Rees] não esteja disputando o Oscar. Não é porque é mulher e negra, uma conjunção rara entre realizadores, mas porque tem um talento natural e exuberante, e o disciplina com grande coesão visual e narrativa. E porque, ao fazer a adaptação do romance homônimo da americana - branca - Hillary Jordan (pela qual, aí sim, concorre ao Oscar), fez uma escolha instigante (VEJA, edição 2569, p. 89).

A resenha de *Todo o dinheiro do mundo*, também de Isabela Boscov, deixa o filme em segundo plano para tratar do caso Kevin Spacey, ator que recebeu diversas denúncias de acusação de abuso sexual. A violência contra a mulher, atrelada à questão social, dá a tônica da resenha de *I, Tonya*, na qual Isabela Boscov enfatiza como um ambiente hostil pode acabar se tornando “a regra da normalidade¹⁰²” para quem nele vive.

Na literatura, a presença feminina é ressaltada em duas ocasiões por José Francisco Botelho, em resenhas sobre os livros *Ele que o abismo viu*: Epopeia de *Gilgamesh* e *A assombração da casa da colina*. No primeiro, há a menção a “pelo menos três personagens femininas fortíssimas: a prostituta Shámhat, a taberneira Shidúri e a implacável deusa Ishtar¹⁰³”, em texto clássico que desapareceu antes do início da era cristã e ressurgiu no século XIX. No segundo, o foco está na biografia da autora Shirley Jackson, nascida em uma “família abastada mas pouco propensa às artes”¹⁰⁴, cujo casamento “revelou-se uma segunda prisão¹⁰⁵”, pois “o marido era infiel, rancoroso e parasitário¹⁰⁶”. Ainda na literatura, Jerônimo Teixeira volta a mencionar o feminismo no obituário de Philip Roth: “Mais tarde, viria o rótulo de misógino, que a crítica feminista após a seus livros povoados de personagens priápicos”¹⁰⁷.

A questão racial se faz presente em menor número nos textos sob o enquadramento identitário. Em *Han Solo - uma história Star Wars*, a presença de Donald Glover, ator e rapper (conhecido, neste caso, como Childish Gambino), é utilizada como gancho para relembrar o debate racial provocado por seu clipe *This is America*. A segunda ocorrência é *Pantera Negra*, reconhecido como um “divisor de águas” por representar uma minoria étnica como protagonista. A presença deste em premiações e os recordes de bilheteria, assim como no quadro de consumo, também são utilizados como elementos legitimadores do filme.

As ocorrências literárias apresentam questões raciais históricas e contemporâneas, atreladas à segurança pública e desigualdades sociais que se perpetuam. A coletânea de contos

¹⁰² “Sempre bruxa, jamais princesa”, edição 2569, p. 90.

¹⁰³ “A mãe de todas as histórias”, edição 2564, p. 92

¹⁰⁴ “O monstro oculto”, edição 2582, p. 101.

¹⁰⁵ Idem.

¹⁰⁶ Idem.

¹⁰⁷ “O ultraje final”, edição 2584, p. 103.

O sol na cabeça, de Geovani Martins, é objeto de texto de Jerônimo Teixeira, no qual “os dramas cotidianos que o jovem autor examina também frequentam o noticiário, sobretudo em dias de intervenção federal na segurança pública do Rio, processo que o escritor observa com ceticismo e preocupação¹⁰⁸”. Na voz de Geovani: “Não consigo explicar por que a polícia age assim, mas ela age assim e precisa parar¹⁰⁹”. Por fim, a resenha do Dicionário da escravidão e liberdade, único texto assinado por Rinaldo Gama no semestre, é contundente ao afirmar que

em que pese o marco histórico que inegavelmente o 13 de Maio constitui, é óbvio que a Lei Áurea, ao não se ocupar de nenhuma perspectiva de inclusão social para os que libertava, representou o primeiro sinal de que as desigualdades alimentadas pela prática escravocrata iriam, perversamente, perdurar. que diga o racismo velado persistente na sociedade brasileira, na qual os afrodescendentes são os que ganham menos, vivem pior, morrem mais cedo (VEJA, edição 2582, p. 102).

Embora, em entrevista com Roger Waters¹¹⁰, Sérgio Martins tenha insinuado que artistas não devem se envolver com questões políticas, o autor é elogioso em relação ao ativismo negro na cultura pop norte-americana: “Meter-se em política é uma boa política, mas, hoje em dia, é preciso saber encarar a pancadaria”, escreve em O novo ativismo pop¹¹¹. O texto traz críticas ao reacionarismo (“O rapper Kanye West, ao abraçar o reacionarismo, tornou-se a versão americana de Lobão¹¹²”), elogios a Childish Gambino (cujo vídeo This is America “coroa o momento de furor politizado das estrelas da música negra na era Trump¹¹³”) e à relação entre cultura e debates contemporâneos (“Até a Motown, gravadora notabilizada por seguir uma linha apolítica - e, portanto, mais palatável à classe média branca -, teve seu quinhão de protesto¹¹⁴”).

Marcelo Marthe encerra este quadro ao falar sobre a novela Segundo Sol, criticada nas redes sociais por apresentar um elenco majoritariamente branco em uma trama ambientada em Salvador. Escreve Marthe:

¹⁰⁸ “Muito próximo e muito distante”, edição 2572, p. 91.

¹⁰⁹ Idem, p. 93.

¹¹⁰ A entrevista é detalhada no quadro político.

¹¹¹ Edição 2584, p. 109.

¹¹² Idem, p. 107.

¹¹³ Idem.

¹¹⁴ Idem.

Na semana passada, a escalção ensejou debates sobre cotas raciais na TV: Segundo sol incorreria em discriminação ao valer-se de atores brancos para representar uma cidade de população majoritariamente negra. De fato, sete em cada dez habitantes de Salvador declaram-se negros ou pardos, e apenas meia dúzia dos trinta personagens centrais (ou 20% do total) são negros. Mas a gritaria revela uma certa hipocrisia misturada com desinformação. Cobrar paridade estatística na novela é como exigir que o axé tenha mais estrelas negras (VEJA, edição 2581, p. 101).

Ao falar sobre identidade, CartaCapital abrange um maior número de questões, como a migratória (Em Here and now, três dos filhos do casal são "adotados de 'países que os Estados Unidos foderam': um do Vietnã, outro da Libéria e o terceiro da Colômbia"¹¹⁵), além de críticas à indústria cultural ("O mercado de arte tem um funcionamento muito específico e uma lógica que não necessariamente possui relação com o valor cultural de uma obra"¹¹⁶ ou "Pantera Negra é uma tentativa de domesticar a revolução. Apalermá-la"¹¹⁷) e formas de fomento da cultura para além dos circuitos tradicionais ("O documentário foi contemplado no programa Rumos Itaú Cultural 2015-2016, iniciativa marcada pelo incentivo a obras que saem do script do comércio de grandes produções artísticas"¹¹⁸).

A crítica mais ácida à indústria do entretenimento é apresentada na voz da cineasta Lucrecia Martel, que

considera, por exemplo, as séries de tevê como um retorno ao romance do século XIX: 'O que eu digo é que essas séries dependem demasiadamente do argumento. Têm estrutura mecânica e construções visuais e sonoras pouco interessantes' [...] 'Netflix é uma empresa que quer ganhar dinheiro. Não importa o que vai mostrar. É uma produção feita em um lugar que nunca nos favoreceu muito, historicamente, e que fala para uma maioria predominantemente classe média branca. Também não me parece que Tropa de Elite seja uma produção que reflita de algum modo sobre o Brasil. Contém uma afirmação sobre a maldade que haveria acerca da favela, da brutalidade dos pobres' (CARTACAPITAL, edição 997, p. 50).

As questões de gênero também encontram ressonância mais ampla em Carta. A revista trata de temas ausentes em Veja, como o "preconceito contra as minorias entre as minorias"¹¹⁹, relacionado aos transexuais; "a demonização por parte de ultraconservadores"¹²⁰

¹¹⁵ "Papai, mamãe, titia", edição 991, p. 55.

¹¹⁶ "A convulsão de Basquiat", edição 987, p. 52.

¹¹⁷ "A diluição da pantera", edição 989, p. 52.

¹¹⁸ "Os nossos tabus", edição 1001, p. 52.

¹¹⁹ "Os nossos tabus", edição 1001, p. 52.

¹²⁰ "O direito à luz do dia", edição 1010, p. 53

contra a filósofa Judith Butler e “os sofrimentos a que estão expostos cotidianamente os que não pertencem à categoria sexual majoritária (a heterossexualidade exclusiva)¹²¹”.

Em Carta, a defesa do feminismo se manifesta no ataque ao machismo, que surge de forma recorrente, como nos exemplos a seguir:

-“Quatro peças em cartaz traduzem a urgência de uma arte de mulheres engajadas num país feminicida”¹²²;

-“Uma mulher lindíssima com pouquíssima roupa flana pelo deserto, o que, ao trio de machos caçadores, parece evocar aquela famosa máxima: se não estivesse com saia tão curta, não teria havido violência”¹²³;

-“Raiva, revolta, rebeldia, rebelião e radicalismo são algumas das senhas primordiais para o trabalho de Linn, que dirige à fragilidade da masculinidade forçada grande parte de seus armamentos e munições”¹²⁴;

-“Elza Soares [...] tematiza o sentimento que prevalece no Brasil de 2018 por uma perspectiva 100% feminina, negra, gay e esquerdista, [...] reivindicando poder em confronto direto com o branco-heterossexismo de Michel Temer & demais golpistas amestrados”¹²⁵;

-“Segundo a diretora, parte das atrizes que trabalharam no filme ficou de fora do resultado final, devido ao veto de homens de suas vidas - maridos, namorados, irmãos, líderes comunitários”¹²⁶.

A questão racial traz uma das poucas pautas coincidentes com Veja, sobre a novela Segundo Sol. Se, no caso de Veja, as críticas sofridas devido à baixa representatividade negra são descritas como “gritaria” e “hipocrisia misturada com desinformação”, em Carta a abordagem é distinta. Em texto intitulado “A Bahia fica branca”¹²⁷, Pedro Alexandre Sanches dá voz a negros para construir seu argumento: na voz da socióloga negra Mariana Antoniazzi: “A boa notícia é que estão acontecendo mudanças. A população não está mais se calando. Como uma novela feita na Bahia, onde 75% da população se declara negra ou parda, não tem nem pelo menos um núcleo negro?”¹²⁸; na voz do mestre em jornalismo e afrodescendente Juarez Tadeu de Paula Xavier: “No Brasil ainda precisamos construir essa narrativa: qual é o

¹²¹ “O fim do armário”, edição 993, p. 51.

¹²² “Elas por elas”, edição 996, p. 53.

¹²³ “O gosto amargo da desforra, edição 1007, p. 54.

¹²⁴ “Identidades musicais em chamadas”, edição 988, p. 55.

¹²⁵ “Deus é negra”, edição 1006, p. 53.

¹²⁶ “Juliana, Jaqueline, Mariquinha, Andreia, Leid, Esperança”, edição 1008, p. 54.

¹²⁷ Edição 1005, p. 50-51.

¹²⁸ “A Bahia fica branca”, edição 1005, p. 51.

papel que os meios de comunicação têm na legitimação da violência contra o negro?¹²⁹". O autor conclui que "A Rede Globo reflete a violência institucional contra a população negra numa novela sobre axé *music* com protagonistas loiros e brancos"¹³⁰.

Outra pauta coincidente com abordagem discordante é o filme *Pantera Negra*. Enquanto em *Veja* ele é apresentado como um "divisor de águas" por apresentar o protagonismo negro, em *Carta* a produção é negativamente avaliada no texto *A diluição da pantera*, no qual a produção hollywoodiana é descrita como um "filme construído sobre a história do ativismo racial nos Estados Unidos"¹³¹ que "acaba sendo um desfile de gente bonita e de ação esquizofrênica"¹³².

Outro tema recorrente no veículo é a necessidade de reconhecimento da participação negra na história brasileira e latino-americana, algo identificado em trechos como:

- "Viver em um Brasil excludente, escravocrata, mestiço e racista faz de todos nós partes integrantes dessa questão que nos impede de progredir", sobre a peça *Isto é um negro?*¹³³, que "desnuda o silêncio de uma sociedade que não enfrenta o racismo";

- "Identificado com o ativismo, ele [o quadrinista Marcelo D'Saete] refuta a ideia de que seu enfoque seja principalmente a história do negro na vida brasileira. 'Meu foco é a história do Brasil como um todo. Mas, para entender o Brasil, você precisa entender a história do negro no Brasil'¹³⁴;

- "'Não posso retratar negros e índios com precisão. Eu tento. Mas os brancos, sim. Eu sou branca, conheço nossos pecados', diz a diretora [Lucrecia Martel]¹³⁵";

- "O reconhecimento da impressionante força e importância do negro nas Américas ainda está muito aquém do merecido e quase sempre é implícito e pontual¹³⁶";

- "O livro deixa claro que, no decorrer dos primeiros 400 anos do Brasil, até a morte do compositor Carlos Gomes (1836-1896), a presença de negros e mulatos é dominante em nossa música clássica¹³⁷";

¹²⁹ Idem.

¹³⁰ Idem

¹³¹ "A diluição da pantera", edição 989, p. 52.

¹³² Idem.

¹³³ Edição 994, p. 52

¹³⁴ "As batalhas de Palmares", edição 991, p. 50.

¹³⁵ "O futuro é mentira, edição 997, p. 50.

¹³⁶ "O filtro de Walter Firmo", edição 1001, p. 53.

¹³⁷ "O esqueleto de sal", edição 1008, p. 50.

6.2.3 Enquadramento Político

Tabela 13 - Resumo dos elementos políticos

	Veja	CartaCapital
Textos	20 textos (20,6% do total)	29 textos (32,9% do total)
Protagonista	-Personagem (10%) -Produto (90%)	-Evento (10,3%) -Personagem (37,9%) -Produto (51,8%);
Escopo	-Nacional (30%) -Internacional (70%)	-Nacional (69%) -Internacional (31%)
Editoria	-Cinema (35%) -Literatura (40%) -Música (10%) -TV (15%)	-Artes plásticas (6,9%) -Cinema (24,1%) -Literatura (41,4%) -Música (17,3%) -Teatro (10,3%)
Valorações	-Positiva (85%) -Neutra (5%) -Negativa (10%)	-Positiva (93,1%) -Negativa (6,9%)
Posicionamentos	Críticas a Donald Trump, às pautas identitárias liberais, a governos de esquerda - especialmente o PT, que “transformaria o Brasil numa Venezuela”, criminalização da esquerda, elogios à Operação Lava-Jato.	Crítica à criminalização da arte, ao governo Temer, a movimentos de viés conservador - como Movimento Brasil Livre (MBL) e Escola Sem Partido; necessidade de estabelecimento de um paradigma de esquerda na história brasileira.
Assinatura	Augusto Nunes (10%), Eduardo Wolf (5%), Isabela Boscov (35%); Jerônimo Teixeira (15%); Joel Pinheiro da Fonseca (10%); Marcelo Marthe (10%); Nelson Ascher (5%); Sérgio Martins (10%).	Eduardo Nunomura (31%); Jotabê Medeiros (31%); Márcia Bechara (3,4%); Pedro Alexandre Sanches (34,4%); Sergio Lirio (3,4%). ¹³⁸

Fonte: Autoria própria (2019)**Tabela 14 - Subeditorias do quadro político**

Rubrica	Veja	Carta
Artes plásticas	0	2
Cinema	7	7
Literatura	8	12
Música	2	5
Teatro	0	3
TV	3	0

Fonte: Autoria própria (2018)

¹³⁸ A somatória ultrapassa 100% devido à assinatura conjunta de um dos textos.

Em *Veja*, os temas recorrentes do quadro político são os Estados Unidos e o Partido dos Trabalhadores (PT). No primeiro caso, predominam as relações entre temas tratados no cinema e a política estadunidense atual. Isabela Boscov, ao resenhar o filme *The Post*, o classifica como “a exortação de Spielberg contra as *fake news* e as 'versões oficiais' com que o governo de Donald Trump tenta desacreditar o jornalismo independente. Nixon detestava a imprensa com a mesma intensidade que Trump - e foi vencido, é o que o diretor deixa subentendido¹³⁹”. A população “interiorana, branca, pobre, conservadora, religiosa e portadora de armas¹⁴⁰” retratada em Três anúncios para um crime é vista como uma representação cinematográfica daquela responsável pela eleição de Trump. A série *Wild Wild Country*, ambientada nos anos 1970, é trazida para a atualidade por “trafegar por campos minados do debate público contemporâneo nos Estados Unidos: limites da liberdade religiosa, laicidade do Estado, leis de imigração, direito ao porte de armas de assalto¹⁴¹”.

Ainda sobre política estadunidense, escreve Eduardo Wolf, na resenha do livro *Hillbilly - era uma vez um sonho*, em tom de crítica às pautas adotadas principalmente pelo Partido Democrata: “A pauta identitária que os liberais adotaram, efeito do isolamento dos progressistas americanos nos câmpus universitários e em bolhas sociais sem contato com a massa de eleitores levou [...] a uma “abdição” da política¹⁴²”, concluindo que “os dilemas americanos não cabem todos na narrativa das conquistas das minorias¹⁴³”. Jerônimo Teixeira, resenhando *A mente imprudente*, adota tom semelhante:

[Mark Lilla] alude a uma preocupação que o tem assolado desde a vitória eleitoral de Donald Trump: o modo como pautas identitárias cada vez mais atomizadas têm distanciado a esquerda americana (que a esquerda brasileira tantas vezes segue de perto) dos anseios coletivos mais amplos do povo americano, facilitando a ascensão do populismo de direita (VEJA, edição 2563, p. 93).

Nomes históricos do pensamento de esquerda, como Marx e Stalin, também se fazem presentes neste quadro. O primeiro “não apenas influenciou a história do pensamento: também foi transformado na ideologia oficial de regimes que governaram metade do globo e de partidos e movimentos que ainda hoje lutam avidamente pelo poder¹⁴⁴”; o segundo é apresentado como “o mais implacável, temido e poderoso comandante da União Soviética, o

¹³⁹ “E vamos aos fatos”, edição 2566, p. 100.

¹⁴⁰ “Na margem oposta”, edição 2569, p. 87.

¹⁴¹ “Choque de civilizações”, edição 2577, p. 104.

¹⁴² “Visões de uma nova América”, edição 2569, p. 94.

¹⁴³ Idem.

¹⁴⁴ “Marx antes do marxismo”, edição 2581, p. 104.

homem responsável pela morte de milhões¹⁴⁵”. Leonardo Coutinho, jornalista da Veja, tem seu livro *Hugo Chávez - o espectro* resenhado por Joel Pinheiro da Fonseca. O grande mérito da obra, segundo o crítico, é “reunir evidências dispersas pelo globo e contar em detalhes como se deu a rede clandestina de sustentação e promoção do chavismo, na Venezuela e no mundo¹⁴⁶”.

Sérgio Martins, que havia defendido a intersecção entre cultura e política ao falar sobre o ativismo negro dos Estados Unidos, traz posicionamento distinto no texto *Animal político*,¹⁴⁷ no qual entrevista Roger Waters. O ex-Pink Floyd “é um grande compositor - mas hoje parece só interessado em brigar com seus pares por causa de Israel¹⁴⁸”. Apesar de seu envolvimento com a causa palestina, Waters “ainda faz música, e boa música, concorde-se ou não com a pregação humanitária das letras¹⁴⁹”. Ou seja, diferente do observado em relação ao ativismo pop negro, Waters ainda faz boa música “apesar” de suas convicções políticas.

Há um silenciamento em relação ao período da ditadura brasileira. A menção mais próxima diz respeito ao Estado Novo, na resenha do livro *O homem mais perigoso do país*. No texto, Augusto Nunes afirma que “todas as ditaduras são igualmente repulsivas, mas há um cósmico buraco negro a separar o III Reich do Estado Novo¹⁵⁰”. Em Carta, como veremos adiante, a ditadura brasileira e seus efeitos são temas recorrentes.

Por fim, o quadro político de Veja dedica alguns de seus textos ao Partido dos Trabalhadores, seja no tom humorístico de Marcelo Marthe ao criticar a novela Deus salve o Rei (“Desde que estreou, em 9 de janeiro, as falas de seus personagens evocam mais os discursos de saudação à mandioca da ex-presidente Dilma Rousseff¹⁵¹”) ou nas relações de Lula com a Venezuela, apresentadas na supracitada obra de Leonardo Coutinho:

O Brasil não poderia ficar de fora da festa. Lula considerava a manutenção do poder chavista nas eleições de 2012 um momento decisivo para a esquerda latino-americana. Ofereceu a expertise brasileira em campanhas políticas, na figura de João Santana, bem como doações generosas via Odebrecht e Andrade Gutierrez. (VEJA, edição 2574, p. 95).

¹⁴⁵ “Pastelão comunista”, edição 2585, p. 106

¹⁴⁶ “Painel da catástrofe”, edição 2574, p. 94.

¹⁴⁷ Edição 2563, p. 94-95.

¹⁴⁸ Idem, p. 94.

¹⁴⁹ Idem, p. 95.

¹⁵⁰ “A banalidade do mal”, edição 2564, p. 94.

¹⁵¹ “Falta soltar os quadris”, edição 2571, p. 94.

No diagnóstico de Coutinho, o Brasil “por pouco não seguiu o mesmo caminho da Venezuela. Quem nos salvou foi o fisiologismo do MDB¹⁵²”.

A série *O Mecanismo*, de José Padilha, recebe crítica de Marcelo Marthe, na qual o autor elogia a produção por transformar “o escândalo brasileiro em entretenimento global - sem corromper sua essência¹⁵³”. O viés antipetista da obra não é criticado pelo autor, mas sim a troca do nome dos personagens, exigência da Netflix para evitar problemas jurídicos. Para solucionar este problema, o texto apresenta infográfico no qual cada personagem é identificado com seu correspondente real. Mas, segundo Marthe, “mesmo o expediente boboca da troca do nome de Lula e Dilma tem algo a ensinar: na lógica do mecanismo, os políticos são só fantoches para se usar e descartar¹⁵⁴”. A Operação Lava-Jato, motor da série, mudou, na opinião do crítico, uma realidade na qual “os corruptos ainda se moviam à luz do dia sem medo de ser felizes¹⁵⁵”.

Em *Carta*, muitos dos temas políticos apresentados em *Veja* se repetem, mas com abordagens distintas. Trump, criticado em *Veja*, é o ponto de aproximação entre elas. Em *Carta*, o presidente estadunidense é apresentado, na voz de Philip Roth, como “uma fraude e um megalomaniaco¹⁵⁶”. O *blockbuster* *Vingadores: Guerra Infinita*, que também figura na editoria de cinema de *Veja*, ganha aqui comparações com a política atual dos Estados Unidos: “Thanos é Trump, é o xerife analfabeto do universo¹⁵⁷”; “A lição de *Vingadores: Guerra Infinita* é que acordamos tarde para a ameaça. Não é sempre que o Mal pode ser vencido. Muitas vezes ele chega com um discurso de justiça e ordem, constrói muros para separar e bombardeia em nome da paz¹⁵⁸”.

A ditadura brasileira e suas consequências também são lembradas. Na voz de Denise Stoklos: “A tal da anistia é altamente discutível porque se anistiaram os assassinos, que permaneceram usando seu poder mesmo que não fosse nominal [...] Hoje entendo que esse tipo de pressão e repressão é mais intenso, porque se introjetou¹⁵⁹”. Em entrevista, Egberto Gismonti também traz comparações entre o período da ditadura e o atual: “[Hoje] está um

¹⁵² “Painel da catástrofe, edição 2574, p. 95

¹⁵³ “O mundo assiste à Lava-Jato”, edição 2574, p. 88.

¹⁵⁴ *Idem*, p. 92

¹⁵⁵ *Idem*.

¹⁵⁶ “Roth e o ocaso do romance”, edição 1005, p. 54.

¹⁵⁷ “Thanos, o deus reacionário”, edição 1002, p. 54.

¹⁵⁸ *Idem*

¹⁵⁹ “A extinção de tudo”, edição 1003, p. 52.

horror. Eu não chamaria de ditadura, porque ditadura a gente conhece. Neste momento, nós não temos sequer algo para admirar em contrapartida ao que a gente odeia¹⁶⁰”.

Sobre o livro *Cativeiro sem fim*, que conta a história de crianças sequestradas durante a ditadura, Jotabê Medeiros afirma que "no Brasil do golpe de 2016, a intervenção militar entra em campo de novo com esse intuito, de afirmar um governo sem apoio popular e que apregoa uma falsa recuperação econômica. A decorrência disso é censura, manipulação de informações e violência¹⁶¹”.

O golpe e subsequente governo Temer, aliás, são os temas principais do quadro político de Carta, identificados em trechos como:

- "Tevê ligada diante das câmeras, a família assiste à condução coercitiva de Lula por determinação do paranaense Sergio Moro, ídolo do pai. 'Me tira do sério essa Rede Globo', a filha desabafa. O pai chama Dilma, presidenta deposta, de 'a moça'. A filha se enfurece. A mãe deixa a sala¹⁶²”.

- “A esta altura do campeonato, só mesmo golpistas não admitem que Michel Temer é um presidente ilegítimo e o mandato popular de Dilma Rousseff foi roubado por eles¹⁶³”;

- "Tempos de cigarro sem filtro é uma obra de susto, porque foi parida antes da hora. O golpe e a intervenção federal no Rio precipitaram o lançamento por uma editora de resistência¹⁶⁴”

- "Com a velha rebeldia renovada pela situação política do país, o Armada estreia com pelo menos um clássico pós-golpe, *O ódio venceu*¹⁶⁵”;

- “[...] o livro é mais um esforço no sentido de clarear o debate que o Brasil levantou nos últimos 40 anos, e que parece que está sendo triturado por um rolo compressor de regressismo e reacionarismo nos últimos tempos¹⁶⁶”

- "Por fim aparece o rosto do piauiense Moreira Franco, atual homem forte do governo de 'intervenção militar constitucional' e 'Gato Angorá' dos grampos e delações de Michel Temer [...] o amigo Angorá está no poder, que arrancou a fórceps de um útero feminino¹⁶⁷”;

¹⁶⁰ “O homem à janela”, edição 990, p. 50.

¹⁶¹ “Os meninos perdidos”, edição 995, p. 50.

¹⁶² “As entranhas de concreto”, edição 1004, p. 53.

¹⁶³ “O golpe midiático” edição 994, p. 48.

¹⁶⁴ “As horas sombrias”, edição 995, p. 51.

¹⁶⁵ “Rock é só rock mesmo”, edição 990, p. 55.

¹⁶⁶ “O teorema de Sócrates”, edição 993, p. 52.

¹⁶⁷ “A voz do morto que grita”, edição 994, p. 51.

O livro *Elite do Atraso*, de Jessé Souza, toca em alguns pontos já levantados pelo jornalismo cultural de CartaCapital. A obra é apresentada elogiosamente como "único título à esquerda em rankings da situação, como o da revista *Veja*"¹⁶⁸. Há, tanto na obra como no texto, uma recomendação clara: a necessidade de um novo paradigma de compreensão do Brasil, partindo das classes populares. "Sempre foi a direita que estabeleceu os paradigmas"¹⁶⁹ afirma Jessé.

6.2.4 Outros Temas

Neste tópico, trazemos alguns temas que apresentaram frequência insuficiente para a constituição de quadros, mas complementam a compreensão dos conteúdos anteriormente apresentados.

Nestes textos "sem quadro", Carta, por exemplo, traz elementos contrários à elitização cultural em dois momentos. Em *Hit the road, Jack!*, sobre o guitarrista Jack Broadbent, Jotabê Medeiros afirma que "sua fama no estilo *slide guitar* foi crescendo e o garoto barbado, nascido num ambiente rural da Inglaterra, começou a invadir os teatros de cadeiras de feltro escovado da burguesia"¹⁷⁰. O caráter elitista da bossa nova é apresentado por Pedro Alexandre Sanches em *Princesinha da Canção*: "Ao subir para o apartamento de frente para o mar, o samba virou bossa nova e voltou as costas para o samba-canção e o 'sambolero'". O estilo musical de João Gilberto e Tom Jobim já havia sido criticado em outros momentos por Sanches, como no texto *O pianista do sambalanço*¹⁷¹, no qual o autor afirma que "ninguém gosta, até hoje, de falar da branquitude praieira classista e elitista da bossa nova"¹⁷².

Veja, por sua vez, toca em temas como segurança ("a prisão de El Chapo abriu um vácuo que foi imediatamente preenchido por outros bandidos. Ainda não surgiu outro pop star do crime como El Chapo, mas, como todo mundo sabe, é só uma questão de tempo"¹⁷³), religião ("Os criacionistas continuam em cena e fazem algum barulho, sobretudo nos Estados Unidos, mas já não conhecem o respeito intelectual que Agostinho tinha em seu tempo"¹⁷⁴) e saúde mental ("A safra atual de histórias sobre adolescentes exhibe um diferencial marcante:

¹⁶⁸ "O golpe dos burros", edição 985, p. 48.

¹⁶⁹ *Idem*

¹⁷⁰ "Hit the road, Jack!", edição 988, p. 52.

¹⁷¹ "Princesinha da canção", edição 989, p. 49.

¹⁷² "O pianista do sambalanço", edição 1007, p. 53.

¹⁷³ "A caçada nunca acaba", edição 2579, p. 102.

¹⁷⁴ "Pais de todas as lendas", edição 2582, p. 99.

além de expressarem o sentimento de inadequação típico dessa fase da vida, elas se debruçam sobre transtornos bem definidos nos manuais de psiquiatria¹⁷⁵).

Como Fishmann (1980) apresentou em seu relato sobre a “onda de crimes” contra idosos, o quadro se desenvolve a partir do agrupamento de notícias por sua similaridade. Os textos brevemente apresentados acima se constituem exceções temáticas em suas respectivas editorias de cultura, não constituindo, portanto, uma imagem recorrente para *Veja* e *CartaCapital*. Apesar disso, foi possível observar algumas inclinações recorrentes dos veículos nestes textos remanescentes, como a crítica à elitização da cultura em *Carta* e a preocupação com a segurança pública em *Veja*.

6.3 INTERPRETAÇÕES E HIPÓTESES

Os tópicos anteriores objetivaram, principalmente, apresentar e descrever os quadros identificados durante a análise de *Veja* e *CartaCapital*. Agora, serão apresentadas algumas interpretações destes dados e levantadas possíveis hipóteses, além de serem observados outros elementos que não participam diretamente dos quadros, mas os complementam - como, por exemplo, o escopo.

O agrupamento de recomendações, julgamentos e soluções de *Veja* e *Carta* permitem a identificação de alguns (poucos) pontos em comum entre os veículos, com a predominância de discordâncias que vão além dos pontos de vista sobre determinados temas. *Veja* e *Carta* não se limitam a oferecer olhares distintos sobre determinadas obras: a diferença entre os veículos se inicia na própria escolha da pauta, ou seja, quais produtos/eventos/personagens devem receber visibilidade. De forma mais ampla, esta distinção pode ser observada, por exemplo, no escopo de cada revista: mais de 73% do total dos textos de *Veja* tem escopo internacional, enquanto em *Carta* este índice é de aproximadamente 33%¹⁷⁶. Há portanto, maior valorização da cultura nacional em *Carta* - e, por consequência, menor atrelamento às grandes indústrias do entretenimento global.

Em relação à coincidência de pautas, ao longo do semestre observado, em apenas seis ocasiões *Veja* e *Carta* trataram do mesmo acontecimento. De forma ilustrativa, estes

¹⁷⁵ “Papo-cabeça”, edição 2582, p. 101.

¹⁷⁶ Embora não seja o objeto desta dissertação, algumas subdivisões podem ser realizadas neste escopo. O escopo internacional de *Carta*, por exemplo, traz um número maior de obras latino-americanas, enquanto em *Veja* predominam produtos estadunidenses.

casos ajudam na percepção dos distanciamentos entre os veículos. Segue, abaixo, um resumo destas ocorrências, levando em consideração apenas os elementos discordantes:

Acontecimento: exposição de Jean-Michel Basquiat

	Veja	Carta
Elemento de quadro dominante	Processo cultural	Identidade
Valoração	Negativa	Positiva

Ao falar sobre a exposição das obras de Basquiat no Brasil, Carta ressalta que o evento aconteceria no Centro Cultural Banco do Brasil. O artista é descrito pela “assertividade de sua negritude¹⁷⁷” e pela influência de sua obra, “chegando até o grafite paulistano¹⁷⁸”. Basquiat é, para Carta, “o artista norte-americano que redefiniu as fronteiras entre arte africana, grafite e pichação¹⁷⁹”.

Em Veja, a ênfase se encontra no enriquecimento de um artista pretensamente marginal (“De marginal, Basquiat só tinha a casca¹⁸⁰”) cuja obra “muitas vezes exibe uma feiura à beira do mau gosto¹⁸¹”. O processo criativo do artista se desenvolvia em “um espaçoso ateliê no SoHo nova-iorquino, onde ele trabalhava a peso de ouro para a *marchande*, ouvindo música e fumando maconha com os amigos¹⁸²”. No texto, sua obra acaba por ceder espaço para observações sobre o mercado de arte contemporânea e seus modismos.

Acontecimento: lançamento do filme Vingadores: Guerra Infinita

	Veja	Carta
Elemento de quadro dominante	Consumo	Política

Apesar de os dois veículos apresentarem valoração positiva para o filme *Vingadores: Guerra Infinita*, as críticas assumem caminhos distintos: enquanto Veja destaca o lançamento do filme e se dedica às cifras do filão cinematográfico de heróis (“Dos 8% da bilheteria mundial que abocanharam em 2016 e também em 2017, os heróis da Marvel podem saltar

¹⁷⁷ “A convulsão de Basquiat”, edição 987, p. 50.

¹⁷⁸ Idem

¹⁷⁹ Idem, p. 52.

¹⁸⁰ “Glamour marginal”, edição 2566, p. 97.

¹⁸¹ Idem, p. 94.

¹⁸² Idem, p. 95.

para uma fatia de 10% ou até 15%¹⁸³”), apresentando inclusive o infográfico “As superbilheterias da Marvel”, Carta coloca a obra em uma perspectiva relacional com a política atual (“Ao lado do vilão estão os *MBLs* da vida, puxa-sacos de aluguel em busca das sobras do saqueador¹⁸⁴”; “Thanos é Trump, é o xerife analfabeto do ¹⁸⁵universo”).

Acontecimento: lançamento do filme Pantera Negra

	Veja	Carta
Valoração	Neutra	Negativa

Para falar sobre Pantera Negra, os dois veículos partem de uma perspectiva identitária. apresenta pontos positivos e negativos do filme, mas ressalta que o protagonismo negro do filme é um “divisor de águas¹⁸⁶” na indústria cinematográfica. Carta é menos elogiosa. Em sua crítica, Pantera Negra “é uma tentativa de domesticar a revolução. Apalermá-la¹⁸⁷”. O filme é descrito como “um desfile de gente bonita e de ação esquizofrênica¹⁸⁸”.

Acontecimento: morte de Philip Roth

	Veja	Carta
Elemento de quadro dominante	Identidade	Política

O obituário do escritor Philip Roth, tanto em Veja quanto em Carta, dedica-se a contar a trajetória do autor. Contudo, há diferenças de abordagem que fizeram com que os textos se enquadrassem em *frames* distintos: em Veja, há destaque para a relação conturbada entre Roth e o feminismo, com rápida menção à vinculação do autor com o Partido Democrata, “a despeito da fama de besta-fera do patriarcado conservador¹⁸⁹”. Em Carta, são salientadas as críticas de Roth a Donald Trump, que ele considerava “uma fraude e um megalomaniaco¹⁹⁰”.

¹⁸³ “Ninguém está a salvo”, edição 2580, p. 97.

¹⁸⁴ “Thanos, o deus reacionário”, edição 1002, p. 54.

¹⁸⁵ Idem.

¹⁸⁶ “Bagunça interessante”, edição 2570, p. 94.

¹⁸⁷ “A diluição da pantera”, edição 989, p. 52.

¹⁸⁸ Idem.

¹⁸⁹ “O ultraje final”, edição 2584, p. 105.

¹⁹⁰ “Roth e o ocaso do romance”, edição 1005, p. 54.

Acontecimento: novela *Segundo Sol*

	Veja	Carta
Valoração	Positiva	Negativa

Para falar sobre a novela global *Segundo Sol*, os dois veículos adotaram a perspectiva identitária, mas com abordagens opostas. Veja reconhece a discrepância étnica entre a Bahia real e a representada na tela, mas contemporiza. Contudo, as críticas a esta representação deturpada são consideradas “hipocrisia misturada com desinformação¹⁹¹”. Para o crítico Marcelo Marthe, “cobrar paridade estatística na novela é como exigir que o axé tenha mais estrelas negras¹⁹²”.

Carta, desde o título da crítica - A Bahia fica branca -, ataca exatamente a ausência de paridade estatística. Há destaque para o alto índice de audiência da semana de estreia do produto global, equiparada à sua antecessora, O outro lado do paraíso, que “também contou com altos índices de audiência e de branquitude¹⁹³”. Na escolha das fontes, Carta opta por uma socióloga e um mestre em Jornalismo, ambos negros. A opinião de Juarez Tadeu de Paula, mestre em Jornalismo, é de que os meios de comunicação ajudam a legitimar a violência contra negros no Brasil.

Acontecimento: filme *Górgona*

	Veja	Carta
Elemento de quadro dominante	Consumo	Identidade
Protagonista	Personagem	Produto
Valoração	Neutra	Negativa

O documentário *Górgona* conta a história da atriz Maria Alice Vergueiro, que se tornou conhecida do grande público pelo vídeo viral Tapa na pantera. Em Veja, o documentário assume segundo plano, com o protagonismo do texto dedicado à carreira da atriz. Em Carta, o documentário é protagonista, avaliado negativamente: “Como retrato de Maria Alice e do Brasil de 2018, é uma bomba atômica¹⁹⁴”, sentencia Pedro Alexandre Sanches. Nos momentos em que fala da carreira da atriz, o texto ressalta seu combate ao

¹⁹¹ “É preciso ter sangue quente”, edição 2581, p. 101.

¹⁹² Idem.

¹⁹³ “A Bahia fica branca, edição 1005, p. 50.

¹⁹⁴ “O trabalho em tempos de cólera”, edição 997, p. 55.

machismo: “Sem papas na língua, [Maria Alice] critica os machos com quem conviveu em 5 mil anos de teatro, do ex-parceiro Zé Celso Martinez Corrêa [...] a Antônio Fagundes¹⁹⁵”.

O principal protagonista dos textos, tanto em Veja quanto em Carta, são os produtos. Contudo, a diferença percentual é relevante. Em Veja, 76% dos textos têm um produto como origem, o que reforça o caráter de consumo identificado na análise dos quadros. Em Carta, este percentual é de 49%.

Enquanto os produtos costumam apontar para o consumo, os personagens apontam para a humanização de relatos, a apresentação de histórias de vida que ilustram determinada situação política, trajetórias da (e na) cultura, curiosidades - ou seja, nos textos focados em personagens, a noção de consumo geralmente ultrapassa a mera troca financeira. Proporcionalmente, a utilização de personagens em CartaCapital é próxima do dobro do utilizado em Veja, com 34% dos textos tendo um personagem como protagonista, contra 18,5% de Veja. Também se destaca a presença de 13,5%, em Carta, de textos nos quais um evento é protagonista - com ênfase em eventos gratuitos ou com ingressos a preços reduzidos. Em Veja, não foram encontrados eventos como protagonistas no período observado.

Em relação à assinatura, a maior diversidade de autores em Veja poderia ser apontada como a razão pela heterogeneidade de posicionamentos. Entretanto, apesar da alta frequência de autores, quatro deles - Isabela Boscov, Sérgio Martins, Jerônimo Teixeira e Marcelo Marthe - são responsáveis por 79% dos textos. Em Carta, seis autores foram identificados, mas três deles - Jotabê Medeiros, Pedro Alexandre Sanches e Eduardo Nunomura - respondem por 96,5% das assinaturas do período.

Nos tópicos seguintes, que constituem a penúltima fase desta análise, sintetizaremos os quadros apresentados anteriormente, de modo a evidenciar as aproximações e distanciamentos entre Veja e CartaCapital.

6.4 O QUE OS QUADROS DIZEM

No período analisado, Veja transforma acontecimentos em notícia principalmente através dos canais oficiais, do fluxo principal. No cinema, por exemplo, isso se materializa com a legitimação de uma obra através de características como faturamento e indicações a premiações; na TV, com a resenha de séries que se encontram sob os holofotes, como os carros-chefe da Netflix.

¹⁹⁵ Idem

Editoria preponderante na análise, com 45 textos, o cinema em *Veja* apresentou dezoito filmes que concorreram em alguma categoria do Oscar, além de megaproduções como *Deadpool 2*, *Jurassic World*, *Player Nº 1* e *Vingadores: Guerra Infinita*. Dos 45 textos sobre cinema, apenas dois tratam de filmes nacionais. *Carta*, com uma ocorrência consideravelmente menor de textos sobre cinema (19), pauta o cinema nacional em oito ocasiões. Filmes que concorreram ao Oscar estão presentes em apenas dois textos; *blockbusters* têm três ocorrências - duas delas com valorações negativas. Alguns dos filmes apresentados em *Carta* são ilustrativos de como sua editoria de cultura mantém uma relação de proximidade com a identidade proposta pelo veículo. Como exemplos temos documentários que contam histórias sobre Torquato Neto, a Guerrilha do Araguaia, a ditadura chilena, a vida das mulheres em periferias; além de festivais independentes, como o Varilux.

Em *Veja*, prepondera o consumo. Este quadro foi responsável por 39,1% das ocorrências (contra 15,9% de *Carta*). Neste quadro, foi possível identificar que os veículos têm diferentes concepções da cultura enquanto consumo: em *Veja*, como já mencionado, as obras sugeridas para consumo são aquelas que se legitimaram através de premiações e altos faturamentos, oriundas de grandes indústrias, como a hollywoodiana (o cinema predomina neste quadro em *Veja*). A literatura também se legitima por premiações¹⁹⁶. O veículo também acena para uma defesa da tradição, especialmente quando fala do consumo musical.

Carta, neste quadro em específico, segue caminho diametralmente oposto: o veículo enfatiza (e defende) eventos culturais gratuitos, ao mesmo tempo em que questiona a importância e os critérios de premiações. A elitização cultural, tema recorrente nos quadros de *Carta*, é criticada, da mesma forma que os excessos das produções milionárias de Hollywood. Ao falar sobre música, *Carta* defende o hibridismo, por exemplo, exaltando as “sonoridades indígenas e a fusão de ritmos brasileiros ao jazz¹⁹⁷” de Hermeto Pascoal.

A cultura enquanto consumo foi o primeiro quadro a ser analisado neste trabalho, o que fez com que este se tornasse uma espécie de “termômetro” para os quadros seguintes, nos quais seriam observadas a permanência ou não de determinados posicionamentos. Como veremos nos parágrafos seguintes, *Carta* manteve, ao longo do semestre, uma unidade de pensamento sobre determinados temas, enquanto *Veja* transitou por posicionamentos distintos e, com frequência, antagônicos. Não há, neste trabalho, a intenção de se aprofundar nos

¹⁹⁶ “E George Saunders [...] parece ter sido possuído ao escrever este vigoroso primeiro romance, vencedor do prêmio *Man Booker* do ano passado” (Lincoln no limbo).

¹⁹⁷ “A diáspora volta pra casa”, edição 986, p. 51.

porquês destes antagonismos - nosso foco é o como, não o por quê -, embora algumas hipóteses possam ser levantadas.

Em relação às políticas e processos culturais, Veja evidencia o caráter liberal da publicação apresentado por Augusto Nunes. Neste quadro também surgem as primeiras posições discordantes no interior do veículo. A tradição musical, observada no quadro do consumo, aqui dá lugar à defesa do hibridismo em gêneros musicais brasileiros, como o frevo pernambucano e a guitarrada paraense. Nas artes plásticas, por outro lado, há a crítica aos chamados “modismos” da arte contemporânea - uma defesa velada da tradição. O engajamento na cultura é criticado na voz de Geraldo Vandré, que afirma que “canção de protesto é coisa de americano¹⁹⁸”. O autor do texto, Sérgio Martins, ressalta também que Vandré não faz parte “da turma que chama impeachment de golpe¹⁹⁹”.

Embora haja o posicionamento de que “o acesso à cultura seja visto como um ganho civilizatório para o país²⁰⁰”, o uso de recursos públicos para a promoção da cultura é visto com preocupação. Por exemplo, retornando ao texto sobre Vandré, Sérgio Martins ressalta que a presença do artista em João Pessoa “custou cerca de 68.000 reais aos cofres públicos²⁰¹”. Diferente do que acontece em Carta, iniciativas culturais de acesso gratuito não são visibilizadas pelo veículo.

Além de apresentar eventos gratuitos neste quadro, como já havia feito no enquadramento do consumo, CartaCapital tece críticas aos produtos massivos da indústria cultural. Contudo, sua ênfase está na gestão pública da cultura e do patrimônio material do país. A arte, para o veículo, deve ser valorizada através de políticas públicas, com especial destaque para a Lei Rouanet, considerada por Jotabê Medeiros o “principal mecanismo de fomento à cultura vigente no Brasil até o presente²⁰²”, alvo de “um sinistro movimento de criminalização²⁰³” durante os governos petistas. A gestão liberal da cultura, personificada nas gestões Temer e Alckmin, também é criticada. Neste quadro também se desenha a criminalização da arte, realizada por governos de viés conservador e por movimentos como Escola sem Partido e MBL.

As discordâncias internas de Veja se tornam mais evidentes no quadro identitário. Ao mesmo tempo em que há a defesa da inclusão de mulheres e negros em produções e

¹⁹⁸ “Ele já não fala de flores”, edição 2580, p. 103.

¹⁹⁹ Idem.

²⁰⁰ “Voo cego”, edição 2587, p. 102.

²⁰¹ “Ele já não fala de flores”, edição 2580, p. 103

²⁰² “A lei é para todos”, edição 996, p. 50.

²⁰³ Idem.

premiações, e posicionamentos favoráveis ao ativismo negro na cultura pop e à emancipação feminina, além da exposição do machismo vigente na indústria hollywoodiana, há textos que criticam o “politicamente correto” e o feminismo. A demanda do público por um maior número de negros na novela *Segundo Sol*, ambientada na Bahia, é ironicamente chamada de “cotas raciais na TV²⁰⁴” por Marcelo Marthe, que critica a cobrança por paridade estatística em produtos televisivos.

O quadro identitário de Veja se apresenta como o mais complexo para análise. Estes posicionamentos contraditórios - que podem, inclusive, partir de um mesmo autor - abrem margem para diversas interpretações, podendo ser encarados como pluralidade ou inconsistência. O plural se justificaria por posições dissonantes de diferentes autores, como Isabela Boscov (que reitera a importância de negros em posições de destaque do cinema, área na qual é especializada) e Marcelo Marthe (que considera a demanda por inclusão de mais atores negros em uma novela “uma certa hipocrisia misturada com desinformação²⁰⁵”). Contudo, o argumento da pluralidade se dilui a partir do momento em que um mesmo autor apresenta posicionamentos dissonantes em diferentes contextos. Isabela Boscov, por exemplo, é crítica da cultura machista de Hollywood e vê com bons olhos a presença de mulheres concorrendo aos prêmios principais do Oscar, ao mesmo tempo em que critica o feminismo.

Embora não faça parte deste quadro, vale outro exemplo como ilustração: Marcelo Marthe dedica quatro páginas de pesadas críticas a Jean-Michel Basquiat e sua obra (“Seu desaparecimento precoce o bafejaria com a aura de gênio rebelde dos pincéis²⁰⁶”; “Depois de trinta anos, a obra de Basquiat mantém alguma relevância ou caiu na vala comum dos modismos da arte contemporânea²⁰⁷?”; “sua obra muitas vezes exhibe uma feiura à beira do mau gosto²⁰⁸”; “De marginal, Basquiat só tinha a casca²⁰⁹”). Quatro meses depois, ao falar sobre as novas políticas tarifárias dos aeroportos, Marthe diz:

²⁰⁴ “É preciso ter sangue quente”, edição 2581, p. 101.

²⁰⁵ Idem.

²⁰⁶ “Glamour marginal”, edição 2566, p. 94.

²⁰⁷ Idem, p. 97.

²⁰⁸ Idem, p. 94.

²⁰⁹ Idem, p. 97.

Tome-se a retrospectiva do americano Jean-Michel Basquiat, vista por 282000 pessoas em São Paulo e em cartaz em Brasília. A taxaço sobre o acervo superaria o orçamento de 15 milhões de reais da exposição - que felizmente estreou em janeiro, antes da nova política²¹⁰.

O quadro identitário de CartaCapital, por sua vez, apresenta uma coerência interna em relação aos outros quadros. A indústria cultural volta a ser criticada, juntamente com o conservadorismo e o machismo. Há a percepção de um respeito ao lugar de fala neste quadro. Os textos, assinados apenas por homens, não tentam se aprofundar na questão feminista: a busca por equidade se dá por outras maneiras, como a crítica recorrente ao machismo.

Assim como em Veja (em um dos poucos momentos de concordância), Carta também defende a maior presença de negros em produções culturais, além da necessidade de enfrentamento do racismo. Contudo, o veículo vai além, ao apresentar a necessidade de redefinição paradigmática da sociedade brasileira (e latino-americana), trazendo a população negra para uma posição central neste processo.

Outro ponto de concordância dos veículos, em relação à política, são as críticas a Donald Trump. Em Veja, o quadro político apresenta críticas ao atual presidente estadunidense, mas sua ascensão acaba por ser creditada ao fracasso das pautas liberais, em especial as identitárias. Em relação à política brasileira, as críticas recorrentes ao Partido dos Trabalhadores fazem com que a editoria de cultura de Veja esteja em consonância com o restante do veículo. Há, inclusive, a repetição do bordão de que o partido “transformaria o Brasil numa Venezuela²¹¹”. A esquerda é, inclusive, criminalizada, como nas sugestões da existência de uma “rede clandestina de sustentação e promoção do chavismo²¹²”, em texto de Joel Pinheiro da Fonseca, cuja assinatura foi encontrada em apenas dois textos - que seguem a mesma tônica. No segundo deles, o autor afirma que o pensamento de Marx “foi transformado na ideologia oficial de regimes que governaram metade do globo e de partidos e movimentos que ainda hoje lutam avidamente pelo poder²¹³”.

As críticas ao Partido dos Trabalhadores se repetem nos elogios à Operação Lava-Jato, aqui apresentada através da série O Mecanismo, da Netflix. Por vezes criticada em outros veículos por suas inconsistências, em Veja a série é avaliada positivamente, por “transformar o escândalo brasileiro em entretenimento global - sem corromper sua

²¹⁰ “Voo cego”, edição 2587, p. 102.

²¹¹ “Painel da catástrofe”, edição 2574, p. 95.

²¹² Idem

²¹³ “Marx antes do marxismo”, edição 2581, p. 105

essência²¹⁴”. Michel Temer, presidente em exercício durante o período desta análise, passou incólume no semestre observado.

O mesmo não ocorre em Carta, no qual Temer protagonizou o quadro político, sendo apresentado como “presidente vampirão usurpador²¹⁵” e “presidente ilegítimo²¹⁶”. Voltam a ser criticados os movimentos Escola sem Partido e MBL, cujo crescimento foi observado durante o golpe, na esteira da ascensão do conservadorismo no país. Este conservadorismo, inclusive, é apontado como o responsável pela criminalização da arte nos tempos atuais.

Se, no quadro identitário, CartaCapital defendeu um novo paradigma para o país, com centralidade negra, agora há a defesa, tendo o livro *A Elite do Atraso* como mote, do estabelecimento de um paradigma de esquerda no Brasil. A ditadura civil-militar brasileira, ignorada em Veja, assume protagonismo nas opções discursivas de CartaCapital. Ilustrativa deste posicionamento é a escolha do livro *Cativeiro sem fim* como texto de destaque da edição 995. A obra, que conta a história de crianças raptadas durante a ditadura e entregue a famílias ligadas aos militares, sequer possuía editora no momento em que foi resenhada.

No período analisado foi possível observar que, em Veja e em Carta, embora com frequências distintas, o jornalismo cultural se atrela a questões contemporâneas, não se restringindo ao consumo. Os quadros, como mencionado no capítulo metodológico, não foram definidos *a priori*, mas construídos a partir dos textos das revistas. Com a adoção desta metodologia, havia a possibilidade de que Veja e Carta apresentassem quadros distintos. A coincidência entre os quadros ilustra um esforço de ambos os veículos em apresentar questões contextuais, especialmente aquelas vinculadas a questões políticas e identitárias, que têm sido recorrentes no debate público contemporâneo.

No último capítulo, realizaremos uma meta-análise das escolhas metodológicas e de sua aplicação empírica, apontando seus pontos fortes e eventuais fragilidades.

6.5 META-ANÁLISE: AVALIANDO A APLICAÇÃO METODOLÓGICA

Como observado no capítulo metodológico, as opções adotadas neste trabalho objetivaram sanar algumas lacunas comuns na utilização *da framing analysis*: a primeira delas é a falta de clareza na transposição dos elementos teóricos para os operadores analíticos; a segunda, consequência da primeira, é o excesso de subjetividade nas análises de

²¹⁴ “O mundo assiste à Lava-Jato”, edição 2574, p. 88.

²¹⁵ “Censura na faixa”, edição 992, p. 52.

²¹⁶ “O golpe midiático”, edição 994, p. 48.

enquadramento. Por estas razões, houve um esforço na definição e detalhamento conceitual-metodológico, visando descrever a “cozinha” da pesquisa e definir os *frames* a partir de elementos dos textos, não aprioristicamente.

A construção do *codebook*, processo que foi se lapidando através da leitura e releitura dos textos analisados, em conjunto com os dispositivos teóricos apresentados, originou o roteiro dos elementos estruturais dos *frames*, disponível no tópico 4.2. Retomaremos, agora, cada um dos elementos presentes no roteiro, observando suas contribuições individuais para a consecução de nossos objetivos.

O principal tema, “tópico”, se subdividiu nos elementos “assunto ou subtópico”, “ator social protagonista”, “escopo” e “editoria”. Todos estes elementos tiveram sua contribuição para que pudéssemos compreender os quadros de Veja e CartaCapital, mas “assunto ou subtópico” e “editoria” se mostraram preponderantes na definição e interpretação dos *frames*. Observar de onde parte o protagonismo - produtos, personagens, eventos - nos traz uma faceta do jornalismo cultural praticado pelos veículos analisados (o foco em produtos costuma apontar para o consumo, por exemplo), mas os resultados obtidos com este elemento foram, em boa parte, redundantes, pois outros elementos já haviam indicado as respostas. Os subtópicos e subtemas (que serão avaliados abaixo), portanto, se mostraram suficientes para responder a boa parte do que o protagonismo apresentou.

O escopo, por sua vez, também teve contribuição na percepção de cultura apresentada pelos veículos, pois este elemento sintetizou quais mercados culturais foram visibilizados por Veja e Carta. O escopo seria passível de maior aprofundamento - com detalhes, por exemplo, de quais produtos internacionais foram apresentados -, mas chegou-se à conclusão de que o esforço que seria dispendido neste caminho acabaria por ter pouca pertinência direta em relação aos quadros. Acreditamos, portanto, que bastou, para fins do propósito deste trabalho, a identificação da primeira camada, dividida em “nacional” e “internacional”.

O elemento seguinte, dos subtemas, se revelou, em cruzamento com os subtópicos, a espinha dorsal deste trabalho²¹⁷. Foi esta conjunção de elementos que nos permitiu que, em consonância com nossas escolhas teóricas, fosse possível observar Veja e CartaCapital tanto pela perspectiva textual quanto pela perspectiva cultural, de entorno. Em nosso primeiro

²¹⁷ A proximidade entre os termos pode causar alguma confusão. Embora tenham sido descritos ao longo do trabalho, ressaltamos ilustrativamente sua distinção: “política”, por exemplo, é um subtópico (o tópico principal é sempre a cultura), enquanto “governo Temer”, “ditadura”, “marxismo” são subtemas (o tema principal é determinado produto, personagem, evento).

codebook, não havia sido identificada a necessidade de distinção clara entre estes elementos, o que só foi percebido no início das sistematizações da coleta, cujos resultados estavam se apresentando de forma truncada. Esta separação, portanto, nos permitiu identificar camadas que, de outra forma, não ficariam tão evidentes.

A utilização de valorações acabou por se mostrar pouco frutífera. O alto índice de valorações positivas (78,3% em *Veja* e 82,9% em *Carta*) suscita algumas hipóteses, como a influência das assessorias nas editorias de cultura ou a autonomia do crítico, que opta por visibilizar obras com as quais ele ou o veículo têm afinidade²¹⁸. Contudo, o aprofundamento na análise destas hipóteses demandaria dispositivos metodológicos que não se encaixavam na proposta deste trabalho, como entrevistas com os críticos e análise de rotina, por exemplo. Mesmo pensando, desde o início, que as valorações surgiriam de maneira complementar - afinal, a análise pretendia ultrapassar o caráter valorativo dos textos -, estas poderiam ser excluídas em uma eventual reutilização desta metodologia, sem consequências significativas nos resultados obtidos.

Devido à abordagem ampla do objeto desta dissertação - o jornalismo cultural de dois veículos semanais -, não havia um tema específico para análise, como nos casos dos trabalhos apresentados em nosso estado da arte. Por consequência, não dispusemos de questões explicitamente polêmicas, o que acarretou, em alguns dos textos observados, na ocultação (ou inexistência) de todos os elementos apresentados por Entman - recomendações, soluções, julgamentos. Por esta razão, tais elementos de *frame* foram agrupados em um elemento único, chamado de “posicionamentos”. Esta escolha se mostrou acertada para a operacionalização metodológica: em nossa primeira codificação, um dos principais obstáculos foi identificar, em cada texto, a presença de todos os elementos supracitados. Posteriormente, em uma segunda leitura, foi identificado que tais elementos, aplicados a este objeto em específico, acabavam por responder às mesmas perguntas. Concluiu-se, admitindo as especificidades metodológicas demandadas pelo objeto, que o agrupamento em elemento único seria o mais eficaz para a consecução dos objetivos.

Por fim, a assinatura dos textos também nos trouxe alguns indícios complementares. A partir das assinaturas, e da rápida observação da trajetória dos principais autores, pudemos perceber que as editorias de cultura de *Veja* e *CartaCapital* constituem-se em espaços de fato

²¹⁸ Um exemplo que pode ser utilizado em defesa desta hipótese é a crítica positiva ao livro *Cativeiro sem Fim*, que aparece em *Carta Capital* apesar de não ter sido lançado e sequer possuir editora no momento em que o texto foi publicado.

especializados de produção jornalística. Em um primeiro momento de construção desta dissertação, ainda durante a definição do objeto, constatou-se que outras revistas semanais, como *Época* e *IstoÉ*, oferecem espaços distintos para a divulgação da cultura do que os aqui analisados: além da baixa frequência de textos culturais nestes veículos (ou mesmo da inexistência de uma editoria de cultura, no caso de *IstoÉ*), também foi possível identificar que as editorias destes veículos eram compostas majoritariamente por jornalistas sem especialização na área, que escreviam em outros espaços das revistas e, eventualmente, em cultura.

A observância das assinaturas, entretanto, poderia ser melhor explorada na análise de dados caso houvesse alguma metodologia complementar, como entrevistas ou estudos de trajetórias. Ou seja, a observância das assinaturas neste trabalho teve sua parcela de contribuição nos resultados, mas não se mostrou essencial para responder aos questionamentos trazidos pelas escolhas metodológicas.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou compreender, a partir da análise do primeiro semestre de 2018 das editorias de cultura das revistas *Veja* e *CartaCapital*, como revistas generalistas semanais abordam conteúdos culturais. Desde as primeiras discussões sobre os objetos de pesquisa da turma de 2017 do programa de Mestrado em Jornalismo da Universidade Estadual de Ponta Grossa, uma questão pertinente a este trabalho foi apresentada por colegas e professores: por que estudar cultura em revistas generalistas, ao invés de veículos especializados em cultura? A resposta vinha em forma de outro questionamento: Por que não?

A cultura não é o carro-chefe de *Veja* ou de *CartaCapital*. As duas revistas se notabilizaram - e fidelizaram públicos - por seus posicionamentos políticos. Contudo, ambas apresentam editorias de cultura estruturadas, que ocupam considerável espaço físico em cada edição e, presume-se, sejam consumidas pelo público, contribuindo para seus repertórios, gostos e visões de mundo. Havia também, desde a fase embrionária desta pesquisa, a curiosidade em observar se dois veículos tão distintos em termos políticos também o seriam ao falar sobre cultura.

A definição do objeto levou ao passo seguinte: a busca por uma metodologia que pudesse suprir as dúvidas suscitadas. Após uma série de testes mais ou menos bem sucedidos, e dos apontamentos trazidos pela banca de qualificação, pela orientadora e pelo co-orientador, optamos, um pouco tardiamente, pela *framing analysis*, que forneceu os operadores analíticos necessários para a consecução dos objetivos. Em um momento posterior, de refinamento metodológico, surge a perspectiva de análise indireta dos quadros. Com destaque para o texto, mas sem abrir mão dos elementos contextuais, esta metodologia trouxe as respostas necessárias a questionamentos persistentes. Foram superadas as noções apriorísticas das valorações dos textos, que, inicialmente, ocupavam lugar de destaque na análise, sendo posteriormente deslocadas para um papel secundário - e, como observado em nossa breve meta-análise, tiveram papel bastante reduzido nos resultados.

Dado o caráter abstrato dos quadros, a subjetividade é frequentemente identificada como uma fragilidade das pesquisas que utilizam o paradigma do enquadramento. Por esta razão, a análise indireta se mostrou benéfica para a pesquisa. Neste formato, como destacamos em nossos tópicos metodológicos, são os textos nos trazem os quadros. Por isso, nas primeiras incursões ao objeto, sabemos pouco sobre o que nos aguarda. As leituras teóricas que traçam panoramas sobre o jornalismo cultural contemporâneo traziam um

indício: a preponderância do consumo, do entretenimento descolado de outras questões. De fato, em *Veja* esta perspectiva se confirmou: o quadro com maior percentual é aquele dedicado exclusivamente ao consumo.

Contudo, se levarmos em conta a oposição entre “mero consumo” e “além do consumo”, há mais textos que trazem questões que extrapolam os limites da obra do que aqueles que se focam apenas nela. Estes resultados demonstram que as editorias de cultura de *Veja* e *CartaCapital* estão em consonância com a linguagem e os contratos tácitos que se estabelecem entre uma revista e seu público. Embora exista uma diluição da crítica em sua acepção clássica, o jornalismo cultural não se furta de questões sociais, políticas, identitárias.

O formato híbrido identificado por Golin (2009), típico do jornalismo cultural, contribui para uma noção simplista de fim da crítica. Análise, interpretação, informação e opinião encontraram-se amalgamadas nos textos de *Veja* e *CartaCapital*, com autores transitando entre os papéis de jornalista e crítico cultural. Apesar destas transformações - da ordem da linguagem, dos formatos -, o jornalismo cultural mantém sua reflexividade (ANCHIETA, 2009), com um deslocamento de eixo no qual as discussões de caráter estético-conceitual cedem espaço para uma perspectiva contextual, com a cultura amplificando questões de natureza social e política.

Os resultados desta pesquisa demonstram aquilo que Kellner (2001) identifica como característica dos textos da cultura na mídia: estes não se apresentam apenas como engrenagens de uma ideologia dominante ou mera diversão. Há, na verdade, a incorporação de discursos de ordem social, que se articulam com aquilo que *Veja* e *CartaCapital* pensam, em termos editoriais, sobre si próprias.

A análise trouxe resultados que confirmaram uma hipótese que norteou este trabalho: a de que veículos tão diferentes na tematização de editorias como política e economia também o seriam ao falar sobre cultura. *Veja*, defensora de políticas e visões de mundo liberais, dedica-se com maior ênfase ao consumo de produtos do mercado hegemônico da cultura. O liberalismo econômico também se faz presente nas visões da revista sobre questões como gestão do patrimônio cultural e leis de fomento.

Carta, com sua “alternativa ao pensamento único”, dá visibilidade a autores sem editora, produtores independentes, filmes de baixo orçamento. A cultura, neste caso, se apresenta como resistência ao mercado, embora não prescindia dele. As críticas recorrentes às cifras do grande mercado da cultura demonstram que *Carta* busca, também, ser alternativa ao “pensamento único” do consumo e da gestão cultural. Ao contrário da visão empresarial de *Veja*, temos aqui a defesa do papel do Estado no fomento e na gestão cultural.

A metodologia utilizada neste trabalho é consagrada nos estudos em Jornalismo, mas a perspectiva indireta foi inspirada, como mencionado anteriormente, na pesquisa de Ana Carolina Vimieiro sobre a temática da deficiência. Diferentes objetos demandam diferentes metodologias, portanto, foram necessárias adaptações teóricas e metodológicas. Seria exagero afirmar que este trabalho apresentou uma nova metodologia para análise do jornalismo cultural, mas é possível destacar o potencial que as adaptações metodológicas aqui apresentadas oferecem para futuros estudos sobre o jornalismo cultural. A metodologia foi suficiente para responder às perguntas de pesquisa, mas, como o tópico da meta-análise demonstrou, é possível (e desejável) que futuras pesquisas retrabalhem, lapidem os dispositivos metodológicos aqui apresentados.

A descrição e interpretação dos resultados reforçou o potencial da análise indireta de *frames* para a pesquisa em jornalismo cultural: a partir dela, existem inúmeros cruzamentos possíveis de dados e elementos, com capacidade para responder a perguntas que não estiveram presentes nesta dissertação. Elementos que, aqui, se tornaram secundários - como a assinatura - podem retomar a centralidade em outros trabalhos, tendo a mesma base metodológica como eixo norteador.

De forma ilustrativa, voltemos aos quadros: sem conhecê-los de antemão, havia a possibilidade de que Veja e CartaCapital adotassem quadros diferentes entre si, o que não prejudicaria a análise em si, mas tornaria mais difícil a apresentação dos resultados. A existência dos mesmos quadros nos dois veículos evidenciou a preocupação em tratar de questões que ultrapassam o mero consumo cultural. Política e identidade são temas que protagonizam não apenas outras editorias jornalísticas, mas o debate público em seus mais variados níveis, das conversas de bar às discussões sobre políticas públicas.

O primeiro semestre de 2018, período observado nesta dissertação, remete a um momento conturbado do país, com instabilidades políticas e o avanço de movimentos de viés conservador, cujas consequências foram percebidas nas eleições ocorridas quatro meses após o período escolhido para esta análise - cada qual à sua maneira, Veja e CartaCapital abordaram estas questões em suas editorias de cultura. Por esta razão, um exercício mental se apresentou de maneira involuntária ao término deste trabalho: como estarão se comportando, no primeiro semestre de 2019, as editorias de cultura de Veja e CartaCapital?

REFERÊNCIAS

ALBERTI, V. **Revista VEJA impressa e on-line: dois meios, dois discursos**. São Paulo: USP, 2015.

ANCHIETA, I. Jornalismo cultural: por uma formação que produza o encontro da clareza do jornalismo com a densidade e a complexidade da cultura. *In: Sete propostas para o jornalismo cultural: reflexões e experiências*. São Paulo: Miró, 2009.

ANTUNES, E. Enquadramento: considerações em torno de perspectivas temporais para a notícia. **Galáxia**, São Paulo, n. 18, dez. 2009.

ASSIS, F. Jornalismo cultural brasileiro: aspectos e tendências. **Revista de Estudos da Comunicação**, Curitiba, v. 9, n. 20, p. 183-192, 2008.

AZUBEL, L. Jornalismo de revista: um olhar complexo. **Rumores**, v. 7, n. 13, p. 257-274, 2013.

BALLERINI, F. **Jornalismo cultural no século 21: a história, as novas plataformas, o ensino e as tendências na prática**. São Paulo: Summus, 2015.

BONONE, L. M. **Privatizando a opinião: um estudo sobre enquadramento nas revistas Veja e CartaCapital**. São Paulo, 2013.

BRAGA, J. L. **A sociedade enfrenta sua mídia: dispositivos sociais de crítica midiática**. São Paulo: Paulus, 2006.

BRIGGS, A.; BURKE, P. **Uma história social da mídia: de Gutenberg à internet**. Rio de Janeiro: Zahar, 2006.

CANCLINI, N. G. **Diferentes, desiguais e desconectados**. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 2005.

CASADEI, E. B. **Os códigos padrões de narração e a reportagem: por uma história da narrativa do jornalismo de revista no século XX**. São Paulo, 2013.

ENTMAN, R. Framing: toward clarification of fractured paradigm. **Journal of Communication**, v. 43, n. 4, p. 51-58, 1993.

ENTMAN, R.; MATTHES, J.; PELLICANO, L. Nature, sources and effects of news framing. *In: WAHL-JORGENSEN, K.; HANITZSCH, T. The Handbook of Journalism Studies*. New York: Routledge, 2009.

FARO, A. L. **A Construção da Imagem Midiática nas Eleições Presidenciais de 2002: Lula e Serra por Veja e CartaCapital**. Programa de pós-graduação em artes visuais UFRJ Escola de Belas Artes, 2014.

FARO, J. S. Jornalismo cultural: informação e crítica, mais que entretenimento. **Metodista**, 2007.

FISHMANN, M. **La fabricación de la noticia**. Buenos Aires: Três Tiempos, 1980.

GADINI, S. L. **Interesses cruzados**: a produção da cultura no jornalismo brasileiro. São Paulo: Paulus, 2009

GITLIN, T. **The whole world is watching**: mass media in the making & unmaking of the new left. Berkeley: University of California Press, 1980.

GOFFMAN, E. **Os quadros da experiência social**: uma perspectiva de análise. Petrópolis: Vozes, 2012.

GOLIN, C. **7 Propostas para o jornalismo cultural**: reflexões e experiências. Local: Miró Editorial, 2009.

GOMES, T. G. **A construção dos escândalos de corrupção**: repertórios interpretativos das revistas Veja e Carta Capital sobre a operação Lava-Jato. 2016. 109 f. Dissertação (Mestrado em Administração) - Universidade Federal de Uberlândia, Uberlândia (MG), 2016.

INSTITUTO Itaú Cultural. **O que dizem as capas dos cadernos culturais dos principais jornais brasileiros**. Disponível em <http://d3nv1jy4u7zmsc.cloudfront.net/wp-content/uploads/2013/12/Relatorio-Caderno-de-Cultura-Itau-Cultural.pdf>. Acesso em 10/02/2019.

KELLNER, D. **A cultura da mídia**. Bauru: Edusc, 2001.

MATTHES, J.; KOHRING, M. The content analysis of media frames: toward improving reliability and validity. **Journal of Communication**, v. 58, p. 258-279, 2007.

MEDITSCH, E. O Jornalismo é uma forma de conhecimento? *In*: SOUSA, J. P. **Jornalismo: história, teoria e metodologia da pesquisa - perspectivas luso-brasileiras**. Porto (PORT): Edições UFP, 2008.

PIZA, D. **Jornalismo cultural**. São Paulo: Contexto, 2003.

PORTO, M. Enquadramentos da mídia e política. *In*: RUBIM, A. C. (Ed.). **Comunicação e política**: conceitos e abordagens. Salvador; São Paulo: Edufba; Edunesp, 2004.

REESE, Stephen D. **Framing public life**: perspectives on media and our understanding of the social life. New Jersey: Lawrence Erlbaum Publishers, 2001.

REIS, T. A. **A cultura nos diários maranhenses**: uma análise editorial dos jornais O Estado do Maranhão, O Imparcial, Pequeno e O Progresso. 2017. 143 f. Dissertação (Mestrado em Jornalismo) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, 2017.

RODRIGO A. M. **A Construção da notícia**. Petrópolis: Vozes, 2009.

SCALZO, M. **Jornalismo de revista**. São Paulo: Contexto, 2003.

SCHEUFELE, D.; TEWKSBURY, D. Framing, agenda setting and priming: the evolution of three media effects models. **Journal of Communication**, v. 57, p. 9-20, 2007.

SCHOENHERR, R. **Disputas sociais na crítica musical jornalística**: o potencial polêmico da Folha de São Paulo. 2005. 244 f. Dissertação (Mestrado em Ciências da Comunicação) - Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Rio dos Sinos (RS), 2005.

SILVA, L. G. **O discurso da cobertura da eleição presidencial de 2014**: uma análise das posições ideológicas de Veja e CartaCapital. 2016. 102 f. Dissertação (Mestrado em Letras) - Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul, Campo Grande, 2016.

SCHWAAB, R. T.; TAVARES, F. M. B. O tema como operador de sentidos no jornalismo de revista. In: ENCONTRO DA COMPÓS, 18., **Anais...** Belo Horizonte, 2009.

STRECKER M.; VENTURA, Z. Cadernos culturais. In: RITO, L.; ARAÚJO, M. E.; ALMEIDA, C. J. M. (Orgs.). **Imprensa ao vivo**. Rio de Janeiro: Rocco, 1989. p. 93-108.

VIMIEIRO, A. C. S C. **Cultura pública e aprendizado social**: a trajetória dos enquadramentos sobre a temática da deficiência na imprensa brasileira (1960-2008). Belo Horizonte: UFMG, 2009.

APÊNDICE A - Livros de Códigos (Veja)

Edição	Título	Páginas	Editoria	Escopo	Protagonista	Valoração	Posicionamentos	Assinatura	Elementos de quadro	Subtemas
2563	O tirano interior	92-93	Literatura	Internacional	Livro A mente imprudente, de Mark Lilla	Positiva	"alude a uma preocupação que o tem assolado desde a vitória eleitoral de Donald Trump: o modo como pautas identitárias cada vez mais atomizadas têm distanciado a esquerda americana (que a esquerda brasileira tantas vezes segue de perto) dos anseios coletivos mais amplos do povo americano, facilitando a ascensão do populismo de direita"	Jerônimo Teixeira	Produtos; política	governo Trump
2563	Animal político	94-95	Música	Internacional	Roger Waters	Negativa	Há, na visão de Martins, uma incompatibilidade entre arte e engajamento. Waters ainda faz boa música APESAR de suas visões políticas. A cultura, para Martins (ao menos no presente texto) deve se distanciar de questões contemporâneas.	Sérgio Martins	Política; celebridade	Israel; Palestina
2563	O negócio não pode parar	91	Cinema	Internacional	Filme O rei do show	Neutra	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-
2563	Um futuro onipresente	88-90	TV	Internacional	Black Mirror	Positiva	Descritivo	Marcelo Marthe	Produtos; agenda	-
2564	A banalidade do mal	94-95	Literatura	Nacional	Livro O homem mais perigoso do país	Positiva	"todas as ditaduras são igualmente repulsivas, mas há um cósmico buraco negro a separar o III Reich do Estado Novo"	Augusto Nunes	Produtos; política	Ditadura; jornalismo

2564	Custe o que custar	88-91	Cinema	Internacional	O destino de uma nação	Positiva	"Mas não se pode culpar o Churchill de O destino de uma nação por às vezes parecer idealizado. No mundo em que o americano Donald Trump e o norte-coreano Kim Jong-Un discutem pelo Twitter quem ostenta o botão nuclear mais avantajado, aparenta mesmo ser coisa de ficção um chefe de Estado munido de tal lucidez - e para quem a coragem de lutar pelos princípios vale mais que a sobrevivência política e a conveniência pessoal somadas"	Isabela Boscov	Produtos; política; agenda	Oscar; governo Trump
2564	A mãe de todas as histórias	92-93	Literatura	Internacional	Livro Ele que o abismo viu: Epopeia de Gilgamesh	Positiva	"que o mais antigo dos relatos heroicos apresenta pelo menos três personagens femininas fortíssimas: a prostituta Shámhat, a taberneira Shidúri e a implacável deusa Ishtar"	José Francisco Botelho	Produtos; identidade	gênero; indústria cultural
2565	Apolo Embriagado	88-90	Cinema	Internacional	Filme Me chame pelo seu nome	Positiva	"Me chame pelo seu nome renova uma premissa perene, a da Itália como lugar em que as estruturas cedem em meio ao dolce far niente e à liberdade e multiculturalismo milenar da península"	Isabela Boscov	Produtos; identidade; agenda	Oscar; gênero
2565	Cigana Feminista	94	Teatro	Internacional	Releitura da ópera Carmen	Negativa	"Para sustentar a mudança, o diretor, Cristiano Chiarot, cita estatísticas sobre a violência contra a mulher na Itália - uma em cada três italianas já teria sofrido abuso físico ou sexual"	Sérgio Martins	Identidade; processos culturais	gênero
2565	O peso das animações	91-93	Cinema	Internacional	Filme O Touro Ferdinando	Positiva	Descritivo	Maria Clara Vieira	Produtos; agenda	-

2566	A esperança triunfa	102	Literatura	Nacional	Livro Lua de mel em Kobane	Positiva	"Ele, um repórter que saíra do país [Síria] para escapar à repressão movida pelo governo de Bashar Assad contra quem luta pela independência curda" "Ela, uma estudante que interrompera o curso de direito na Universidade de Aleppo para distanciar-se da violência alimentada por extremistas religiosos"	Augusto Nunes	Produtos; política	ditadura; religião
2566	E vamos aos fatos	98-100	Cinema	Internacional	Filme The Post	Neutra	"a exortação de Spielberg contra as fake news e as 'versões oficiais' com que o governo de Donald Trump tenta desacreditar o jornalismo independente. Nixon detestava a imprensa com a mesma intensidade que Trump - e foi vencido, é o que o diretor deixa subentendido"	Isabela Boscov	Produtos; política; agenda	Oscar; governo Trump; jornalismo;
2566	De ilusão também se vive	101	Cinema	Internacional	Filme O artista do desastre	Positiva	"O filme às vezes é hilariante. Até por constatar que muitos dos nomes de Hollywood começam munidos apenas disso mesmo - confiança cega e talvez injustificada em si mesmos. Alguns apenas são mais iludidos do que outros"	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-
2567	Feito de granito	91	Cinema	Internacional	Todo o dinheiro do mundo	Positiva	"Cerca de um mês antes do pré-lançamento do filme nos Estados Unidos, vieram à tona pesadas acusações de abuso e assédio sexual contra Spacey - acusações de teor tão tóxico que o diretor Ridley Scott julgou que Todo o dinheiro... morreria antes de nascer"	Isabela Boscov	Produtos; identidade; agenda	Oscar; gênero

2567	Vingadora da pátria	94	TV	Nacional	Novela O outro lado do paraíso	Positiva	"Até coisa de dois meses atrás, a novela O outro lado do paraíso parecia uma bomba prestes a explodir no colo dos executivos da Globo [...] Pressentindo um incêndio, a direção de teledramaturgia da emissora convenceu Carrasco a acelerar a narrativa, para chegar logo ao clímax: a senda de vingança de Clara contra os figurões de uma fulgurante elite de Palmas"	Marcelo Marthe	Produtos; sociedade; política; identidade	gênero; corrupção; vingança
2567	Esmagado pelo tempo	92-93	Literatura	Internacional	Doutor Jivago	Positiva	"O reconhecimento precoce como poeta foi uma das razões pelas quais Pasternak sobreviveu aos piores anos do comunismo e à tirania stalinista, que vitimou muito de seus amigos e contemporâneos, sem ter de sujeitar sua lira à propaganda político-ideológica"	Nelson Ascher	Produtos; política	censura; ditadura
2567	Qualquer forma de amor	88-90	Cinema	Internacional	A forma da água	Positiva	"estreia no país nesta quinta-feira com treze indicações ao Oscar - cinco a mais que o segundo colocado, Dunkirk"	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-
2568	A mãe cruel	94	Cinema	Internacional	Sem Amor	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Política; produtos; agenda	Oscar
2569	Visões de uma nova América	92-95	Literatura	Internacional	Hillbilly - Era uma vez um sonho	Positiva	"A pauta identitária que os liberais adotaram, efeito do isolamento dos progressistas americanos nos câmpus universitários e em bolhas sociais sem contato com a massa de eleitores levou [...] a uma "abdição" da política"	Eduardo Wolf	Produtos; política;	governo Trump
2569	Na margem oposta	87-88	Cinema	Internacional	Três anúncios para um crime	Positiva	"Três Anúncios... Ostenta sua ambientação na América interiorana, branca, pobre, conservadora, religiosa e portadora de armas - na percepção geral, a que elegeu Donald Trump"	Isabela Boscov	Produtos; política; sociedade; agenda	Oscar; governo Trump; classe

2569	Das coisas que nunca mudam	89	Cinema	Internacional	Mudbound	Positiva	"é lamentável que não esteja disputando o Oscar. Não é porque é mulher e negra, uma conjunção rara entre realizadores, mas porque tem um talento natural e exuberante, e o disciplina com grande coesão visual e narrativa. E porque, ao fazer a adaptação do romance homônimo da americana - branca - Hillary Jordan (pela qual, aí sim, concorre ao Oscar), fez uma escolha instigante"	Isabela Boscov	Produtos; identidade; sociedade; agenda	Oscar; raça; gênero; indústria cultural
2569	Sempre bruxa, jamais princesa	90	Cinema	Internacional	I, Tonya	Positiva	"Eu, Tonya [...] atinge tão em cheio um nervo exposto que a crítica americana acusou o golpe: Eu, Tonya seria "complicado" - um jeito de dizer que o filme tem bons argumentos, mas estes ofendem certas sensibilidades"	Isabela Boscov	Produtos; identidade; sociedade; agenda	Oscar; gênero; governo Trump
2569	Cobertor curto	91	Cinema	Internacional	Lady Bird	Negativa	"É certo e necessário haver uma mulher na categoria de direção, mas a Academia retificou uma injustiça cometendo outra: Dee Rees, de Mudbound, que ficou de fora, é muito mais cineasta"	Isabela Boscov	Produtos; identidade; agenda	Oscar; gênero
2570	Um filminho com um problemão	93	Cinema	Internacional	Pequena grande vida	Negativa	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; sociedade; agenda	classe
2570	Bagunça interessante	94	Cinema	Internacional	Pantera Negra	Neutra	"Embora não seja a primeira aventura estrelada por um super-herói negro [...], Pantera Negra é, sim, a primeira na escala agigantada da Marvel e da era em que protagonizar uma produção dessas representa, para uma minoria étnica ou de gênero, um divisor de águas"	Isabela Boscov	Produtos; identidade; agenda	gênero; raça

2571	Falta soltar os quadris	94	TV	Nacional	Deus salve o Rei	Negativa	"Desde que estreou, em 9 de janeiro, as falas de seus personagens evocam mais os discursos de saudação à mandioca da ex-presidente Dilma Rousseff e as mesóclises de seu sucessor, Michel Temer"	Marcelo Marthe	Produtos; política	Dilma; Temer
2571	Inspiração caipira	88-90	Música	Nacional	Almir Sater e Renato Teixeira	Positiva	"Renato Teixeira e Almir Sater são de uma era em que a canção de sucesso era fruto do trabalho artesanal, e não da linha industrial com que compositores hoje criam hits para duplas sertanejas";	Sérgio Martins	Produtos;	-
2571	Fala que eu escuto	91	Cinema	Internacional	A Grande Jogada	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-
2571	Sublimes obsessões	92-93	Cinema	Internacional	Trama Fantasma	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-
2572	Bravura indômita	94	Cinema	Internacional	Projeto Flórida	Positiva	"E, num desfecho que ao mesmo tempo enleva o espectador e parte seu coração, entende como a fantasia, seja ela espontânea ou pré-fabricada, às vezes parece ser a única solução contra o que a realidade tem de inóspito"	Isabela Boscov	Produtos; sociedade	Oscar; classe
2572	Bandeira vermelha	95	Cinema	Internacional	Operação Red Sparrow	Positiva	"Já está assim de gente 'problematizando' a heroína - mais até pelo que ela faz como 'pardal' do que pelos abusos que sofre no início. É um dos paradoxos do viés puritano que se vem imiscuindo no pós-feminismo: aplaude-se Charlize Theron pela maneira como usa o corpo para distribuir violência em Atômica, e deplora-se que Jennifer use a sexualização como arma em Red Sparrow"	Isabela Boscov	Produtos; identidade	Oscar; gênero

2572	Muito próximo e muito distante	88-93	Literatura	Nacional	Geovani Martins	Positiva	"Os estudantes de instituições privadas próximas olhavam para Geovani e seus colegas como 'bandidos uniformizados'; 'Tal como o autor, o protagonista do conto desce da favela para estudar na Gávea, e não consegue conciliar essas duas realidades tão contrastantes'"	Jerônimo Teixeira	Produtos; sociedade; política; identidade	Raça; segurança pública; classe
2573	Furacão de olhos azuis	90-91	Artes plásticas	Nacional	Tônia Carrero	Positiva	"De vez em quando, a bela sabia ser fera [...] Nos anos 50, teve um barraco com o jornalista Paulo Francis. Ele não perdia a chance de chamá-la de 'sexy' - ou seja, apenas mais uma atriz bonitinha - nas suas críticas teatrais"	Marcelo Marthe	Celebridades	Colonismo social; obituário
2573	Reis da balada global	84-89	Música	Nacional	Música eletrônica	Positiva	"A música eletrônica já não é mais uma cultura de gueto ou 'tribo', como foi no tempo das raves clandestinas. Sua conversão às massas propiciou colaborações entre DJs célebres e artistas de outros gêneros"; "Somos pop", diz Medrado, definindo o novo som eletrônico made in Brazil: cabe de tudo para chegar ao sucesso".	Sérgio Martins	Celebridades;	Hibridização; indústria cultural
2573	Na própria pele	92-93	Cinema	Internacional	15h17 - Trem para Paris	Negativa	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos	-
2574	Painel da catástrofe	94-95	Literatura	Internacional	Hugo Chávez - O espectro	Positiva	"Coutinho mostra com clareza quão mergulhado no crime estava o governo de Hugo Chávez, e quão ridículos soam as declarações de amor à humanidade e os ideais igualitários que supostamente guiavam os líderes bolivarianos em sua guerra pelo poder"	Joel Pinheiro da Fonseca	Produtos; política;	PT; corrupção, socialismo; crime

2574	O mundo assiste à Lava-Jato	88-92	Televisão	Nacional	Série O Mecanismo	Positiva	"O delegado da série é fictício, mas seu alvo se inspira num personagem real e familiar: o doleiro Alberto Youssef, cuja prisão faria deslanchar a maior operação contra a corrupção vista até hoje no Brasil"; "O Mecanismo exhibe certo ponto fraco. No caso dos partidos, a série dá nome aos bois - PT, MDB e PSDB são citados. Mas troca-se o nome de personagens, mesmo aqueles amplamente conhecidos, o que às vezes lança a série no campo da caricatura pueril"; "O expediente covarde foi exigência da Netflix, pelo temor de problemas jurídicos"	Marcelo Marthe	Produtos; Agenda; política;	PT; Lava-Jato; sexismo; corrupção
2575	Geleia geral do pop	94-97	Cinema	Internacional	Jogador nº 1	Positiva	"Jogador Nº 1 é o diretor na sua melhor veia de entertainer - fluente, brincalhão, leve no toque"	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-
2575	Na toca da pantera	98-99	Cinema	Nacional	Maria Alice Vergueiro	Neutra	"O estouro do curta Tapa na Pantera [...] acabou por congelar Maria Alice na imagem de velha que não vive sem um cigarrinho ilegal [...] A propósito: sim, Maria Alice, aos 83 anos, ainda dá seus tapas na pantera";	Maria Carolina Maia	Agenda; produtos;	-
2575	Autópsia de uma ausência	100-101	Literatura	Nacional	O pai da menina morta	Positiva	Descritivo	Jerônimo Teixeira	Produtos;	-
2575	Roqueiro acidental	102	Música	Internacional	Bruce Dickinson	Positiva	"Em maio, ele volta ao Brasil - para dar palestras sobre... empreendedorismo. Bruce Dickinson é um roqueiro acidental"	Sérgio Martins	Produtos;	-
2576	Na calada da noite	101	Cinema	Internacional	Um lugar silencioso	Positiva	"Seu filme é cinema B de ótima qualidade, feito com pulso, com inventividade visual"	Isabela Boscov	Produtos;	-
2576	A desventura	100	Cinema	Internacional	Zama	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos;	-

	colonial									
2576	Democracia espiritual	102-103	Literatura	Internacional	Lincoln no limbo	Positiva	Descritivo	Jerônimo Teixeira	Produtos;	-
2576	De mente aberta	96-99	TV	Internacional	Série Legion	Positiva	Descritivo	Marcelo Marthe	Produtos; agenda;	-
2577	Memórias de um sedutor	102-103	Literatura	Nacional	Washington Olivetto	Positiva	"Só a irreverência sem grosseria, diz Olivetto [...], nos salva da chatice do politicamente correto e nos conduz ao 'politicamente saudável'"	Bruno Meier	Produtos; celebridades; identidade; política	gênero
2577	Paz Faudulenta	107	Cinema	Internacional	1945	Positiva	"A Hungria de hoje faz o que pode para barrar o trânsito de refugiados, e a Polônia baixa lei para se isentar do Holocausto. Mas a última imagem de 1945 atesta que certas culpas, mesmo quando se dispersam, continuam lavradas em cartório"	Isabela Boscov	Agenda; produtos; política	refugiados
2577	Choque de civilizações	104-105	TV	Internacional	Série Wild Wild Country	Positiva	"Minoria religiosa que pratica meditação e prega a liberação sexual instala-se em um grotão desértico dos Estados Unidos; habitantes do lugarejo próximo - americanos brancos e cristãos - mobilizam-se para expulsar os recém-chegados"	Jerônimo Teixeira	Produtos; política; sociedade	Religião; laicidade; imigração; armas

2577	Maestro-espetáculo	98-101	Música	Internacional	Maestro Leonard Bernstein	Positiva	"A produção de Lenny, como gostava de ser chamado, é abrangente: vai de musicais da Broadway a peças eruditas, e mesmo nestas ele incluía elementos da música popular de seu tempo - no caso, o jazz e o rock"; "como era de esperar de um expoente dos círculos progressistas de Nova York, Bernstein enfronhou-se na cultura política daqueles anos. Posicionou-se contra a Guerra do Vietnã. Em uma festa famosa de 1970, recebeu em seu apartamento membros dos Panteras Negras, movimento negro revolucionário"	Sérgio Martins	Agenda; política	Hibridização; Guerra do Vietnã; Panteras Negras
2577	Náufragos no planeta Família	106	TV	Internacional	Perdidos no Espaço	Positiva	"A alteração mais substantiva, porém, está no tom conflituoso e quase sinistro, que corteja o público que se rendeu a Stranger Things"	Isabela Boscov	Agenda; produtos	-
2578	Com o dedo no gatilho	96-97	Cinema	Internacional	7 Dias em Entebbe	Positiva	"Tendo recolhido o passaporte de todos, os guerrilheiros procederam a uma chamada tenebrosa: judeus para um lado, não judeus para outro. Os alemães Brigitte Kuhlmann e Wilfried Böse só então se deram conta de que qualquer ideal marxista que quisessem proclamar estava, na percepção pública, soterrado a partir daquele momento"	Isabela Boscov	Agenda; produtos; política;	
2578	Meninas de ouro	90-95	TV	Nacional	Atrizes mirins do SBT	Positiva	"Reynaldo Boury [...] traduz a fórmula. 'O que não pode é mostrar coisas ruins - ou seja, o Brasil de hoje. E tem de ter crianças mazinhas, que lá adiante vão se regenerar'; 'O Rap da água, em que a Juju de Carinha de Anjo dá uma de militante ecológica, tem quase 20 milhões de visualizações';	Marcelo Marthe	Produtos; celebridades;	Indústria cultural

2578	Adeus às trevas	98	Música	Internacional	Ozzy Osbourne	Positiva	"Entre outras maldades, arrancou a cabeça de uma pomba e de um morcego a dentadas [...], aspirou uma fileira de formigas (os militantes da Peta devem adorá-lo) e redecorou as paredes do quarto de um hotel com excrementos"	Sérgio Martins	Agenda; celebridades;	
2579	A caçada nunca acaba	102	Literatura	Internacional	Em busca de El Chapo	Neutra	"Depois de deixar a DEA acreditando ter cumprido ali a maior de todas as missões que um agente antidrogas poderia ter realizado, ele constatou que a prisão de El Chapo abriu um vácuo que foi imediatamente preenchido por outros bandidos. Ainda não surgiu outro pop star do crime como El Chapo, mas, como todo mundo sabe, é só uma questão de tempo"	Leonardo Coutinho	Produtos; sociedade	violência; tráfico
2579	Retrato de um vampiro	94-97	TV	Internacional	Série Genius	Positiva	"A postura do espanhol era mais complexa do que faz crer o fla-flu entre os admiradores, que louvam sua coragem e engajamento contra o nazismo, e os detratores, que o acusam de oportunismo e alienação"; "Quando o amigo e poeta Max Jacob, judeu e homossexual, foi preso, Picasso negou-se a assinar um abaixo-assinado pela libertação dele, alegando que sua própria liberdade era um símbolo de resistência e seria ameaçada com isso"	Marcelo Marthe	Produtos; agenda; identidade; política	gênero; nazismo
2579	O mais incomum dos leitores	98-101	Literatura	Internacional	George Steiner	Positiva	"Como leitor, foi sempre aquele menino fascinado com o poder da palavra, das ideias e das imagens humanas; como professor, dedicou mais de cinco décadas a conduzir os nossos dedos pelas letras mágicas dos textos mais importantes da cultura ocidental"	Eduardo Wolf	Produtos;	-

2580	Ninguém está a salvo	94-99	Cinema	Internacional	Vingadores: Guerra Infinita	Positiva	"Dos 8% da bilheteria mundial que abocanharam em 2016 e também em 2017, os heróis da Marvel podem saltar para uma fatia de 10% ou até 15%"	Isabela Boscov	Produtos; agenda;	-
2580	O maior enigma da física	100-101	Literatura	Internacional	A ordem do tempo	Positiva	"Essa imagem pode ser difícil de digerir, mas Rovelli lembra de outras grandes certezas há muito superadas: 'Assim com um dia tivemos de combater percepções rasteiras para compreender que a Terra não é plana, precisamos começar a observar tudo o que acontece como uma sequência de eventos relativos'"	Filipe Vilicic	Produtos;	-
2580	Ele já não fala de flores	102-103	Música	Nacional	Geraldo Vandré	Positiva	"E vai se frustrar quem deseja saber se o cantor tão associado aos protestos contra a ditadura militar hoje é da turma que chama impeachment de golpe - Vandré, de 82 anos, não quer comentar os eventos políticos do dia"; "O autor não gosta que a definam [Para não dizer que não falei de flores] como hino de esquerda: 'Caminhando é um chamamento, uma crônica da realidade. Canção de protesto é coisa de americano'"	Sérgio Martins	Política; processos culturais; celebridades	golpe; esquerda; financiamento público
2581	Por entre as frestas	107	Cinema	Internacional	Ciganos da Ciambra	Positiva	"De livre, Pio não tem nada: está preso à pobreza, à ignorância (aos 14 anos, é analfabeto) e ao tribalismo dos códigos que o regem"	Isabela Boscov	Produtos; agenda; sociedade	classe
2581	Imersão na vulgaridade	102-103	Literatura	Nacional	A tirania do amor	Positiva	"Há alusões aos trejeitos éticos e políticos do governo Temer, embora o nome do presidente não seja mencionado"	Jerônimo Teixeira	Produtos; política;	esquerda; Temer

2581	Marx antes do marxismo	104-106	Literatura	Nacional	Karl Marx: uma biografia dialética	Positiva	"O filósofo alemão não apenas influenciou a história do pensamento: também foi transformado na ideologia oficial de regimes que governaram metade do globo e de partidos e movimentos que ainda hoje lutam avidamente pelo poder"	Joel Pinheiro da Fonseca	Produtos; política;	Marxismo
2581	É preciso ter sangue quente	98-101	TV	Nacional	Novela Segundo Sol	Positiva	"Na semana passada, a escalção ensejou debates sobre cotas raciais na TV: Segundo sol incorreria em discriminação ao valer-se de atores brancos para representar uma cidade de população majoritariamente negra. De fato, sete em cada dez habitantes de Salvador declaram-se negros ou pardos, e apenas meia dúzia dos trinta personagens centrais (ou 20% do total) são negros. Mas a gritaria revela uma certa hipocrisia misturada com desinformação. Cobrar paridade estatística na novela é como exigir que o axé tenha mais estrelas negras"	Marcelo Marthe	Produtos; identidade; sociedade	raça
2582	Pais de todas as lendas	96-99	Literatura	Internacional	Ascensão e queda de Adão e Eva	Positiva	"A posição final da Igreja foi definida por Santo Agostinho, que devotou quinze anos de trabalho a um malogrado ensaio sobre a verdade literal do Gênesis"; "Como a mulher foi a primeira a ouvir a serpente, só ela pode ser 'a causa de nossa ruína', dizia, na Idade Média, o beneditino São Pedro Damiano, em um texto repleto de impropérios contra as pecadoras: 'cadelas, porcas, corujas uivantes [...] meretrizes, prostitutas"	Jerônimo Teixeira	Produtos; sociedade	religião; ciência

2582	O monstro oculto	100-101	Literatura	Internacional	A assombração da casa da colina	Positiva	"Shirley Jackson nasceu [...] no seio de uma família abastada mas pouco propensa às artes [...] A escritora casou-se com um catedrático de literatura e foi viver em Nova York. O matrimônio, porém, revelou-se uma segunda prisão: o marido era infiel, rancoroso e parasitário";	José Francisco Botelho	Produtos; identidade	gênero
2582	História em mosaico	102-103	Literatura	Nacional	Dicionário da escravidão e liberdade	Positiva	"Pode-se compreender tamanho entusiasmo. Àquela altura, o Brasil era a única nação das Américas a manter o regime no qual a tez escura transformava seu portador em mercadoria"	Rinaldo Gama	Produtos; identidade; sociedade	raça; gênero; escravidão
2582	Charada cômica	106	Cinema	Internacional	A Noite do Jogo	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos;	-
2582	Um youtuber em Cannes	104-105	Cinema	Internacional	Joe Penna	Neutra	"A participação em Cannes é uma credencial que ainda não se obtém no Youtube: 'A sensação é de que eu tinha uma Ferrari, mas sem carteira de motorista. Agora que entrei em Cannes, consegui minha licença para dirigir'"	Raquel Carneiro	Produtos;	-
2583	Aventureiro cauteloso	100-101	Cinema	Internacional	Han Solo - uma história Star Wars	Neutra	"Solo e Qi'ra são órfãos; cresceram sendo explorados pela marginalidade, e estão habituados a adaptar-se a novos e inesperados expedientes para sobreviver"	Isabela Boscov	Produtos; agenda; identidade	raça
2583	O artista da brutalidade	104-105	Cinema	Internacional	Lars von Trier	Neutra	"Foi muito doloroso encarar uma acusação de apologia ao nazismo, que poderia até render prisão. Eu me senti ridículo. Não sou bom com entrevistas e coletivas de imprensa. Se eu tivesse feito aquele comentário na Dinamarca, meu país, teriam entendido a piada";	Raquel Carneiro	Celebridades;	Cannes

2583	A chama obscurantista	106	Cinema	Internacional	Fahrenheit 451	Negativa	"No ano passado, J.K. Rowling criticou Donald Trump no Twitter, e alguns de seus (ex) fãs, que são também partidários do presidente americano, prometeram fazer fogueiras com os livros da série Harry Potter"	Raquel Carneiro	Produtos; agenda; sociedade	censura; redes sociais; fake news
2583	Sujo, malvado - e irresistível	102-103	Cinema	Internacional	Deadpool 2	Positiva	"Como o primeiro filme, de 2016, foi um arrasa-quarteirão (faturou 1350% do seu orçamento enxutíssimo de 58 milhões de dólares)"	Isabela Boscov	Produtos; agenda;	-
2583	Bad boys nunca morrem	98-99	Cinema	Internacional	Han Solo e Deadpool	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-
2584	A paixão é uma loucura	111	Cinema	Internacional	Uma escala em Paris	Positiva	"A obsessão de uma mulher por um homem que não a deseja e apenas se valeu dela momentaneamente é um tabu para o pós-feminismo, por supor uma fraqueza e uma dependência vexaminosas"	Isabela Boscov	Produtos; agenda; identidade	gênero
2584	O ultraje final	102-105	Literatura	Internacional	Philip Roth	Positiva	"Mais tarde, viria o rótulo de misógino, que a crítica feminista após a seus livros povoados de personagens priápicos"; "A despeito da fama de besta-fera do patriarcado conservador, Roth era um homem de esquerda, eleitor do Partido Democrata"	Jerônimo Teixeira	Celebridades; identidade; política;	Memória; gênero; feminismo;
2584	O novo ativismo pop	106-109	Música	Internacional	Ativismo negro na cultura pop dos EUA	Positiva	"Em seus quatro minutos, o vídeo resume as agruras sofridas pelos negros americanos nos últimos quatro séculos, da escravidão nas lavouras do sul do país à era Trump"; "O clipe causou o barulho esperado: enquanto uns saudaram a coragem de Gambino, outros acusaram-no de só semear mais ódio"	Sérgio Martins	Identidade; política; sociedade	raça; governo Trump;
2584	Uma fada doméstica	110	Cinema	Internacional	Tully	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-

2585	Pastelão comunista	106	Cinema	Internacional	A morte de Stalin	Positiva	"Stalin, o mais implacável, temido e poderoso comandante da União Soviética, o homem responsável pela morte de milhões, passa desta para a próxima cheirando a mictório público"	Isabela Boscov	Produtos; política; agenda	comunismo
2585	Papo-cabeça	100-103	TV	Internacional	13 reasons why	Positiva	"A safra atual de histórias sobre adolescentes exibe um diferencial marcante: além de expressarem o sentimento de inadequação típico dessa fase da vida, elas se debruçam sobre transtornos bem definidos nos manuais de psiquiatria"	Marcelo Marthe	Produtos; sociedade	saúde mental
2585	Dois por um	107	Cinema	Nacional	As boas maneiras	Negativa	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; agenda;	-
2585	Um gênio da ausência	108	Cinema	Internacional	Onde está você, João Gilberto?	Positiva	Descritivo	Sérgio Martins	Produtos; agenda	-
2585	Prata da casa	110-111	Literatura	Internacional	Tomas Tranströmer	Positiva	"Os literatos suecos [do Nobel] premiaram mais irrelevâncias ou obviedades do que gênios. A lista de omissões começa por Tolstói e Tchekov e chega até o recém-falecido Philip Roth"	Nelson Ascher	Produtos;	-
2585	Está rindo de quê?	104-105	TV	Nacional	As aventuras de Poliana	Positiva	"A empolgação do SBT com sua nova trama não configura otimismo vazio. Depois de vários sucessos reciclados da TV mexicana (Carrossel) ou argentina (Chiquititas), as aventuras de Poliana é a primeira investida juvenil com propriedade intelectual 100% da emissora"	Marcelo Marthe	Produtos;	-

2586	O crime compensa (e entedia)	105	Cinema	Internacional	Oito mulheres e um segredo	Negativa	No espírito feminista que hoje anima Hollywood, Oito Mulheres e um Segredo [...] traz um time de mulheres que supera os bofes liderados pelo Danny Ocean de Clooney; "As meliantes esbarram em percalços passageiros, mas nada capaz de fazer o espectador aproximar-se um centímetro sequer da beira da poltrona"	Jerônimo Teixeira	Produtos; identidade	gênero
2586	Um homem de ação	106	Literatura	Internacional	O dia em que o presidente desapareceu	Neutra	Descritivo	Jerônimo Teixeira	Produtos; celebridades	-
2586	Pop ao tucupi	100-104	Música	Nacional (Regional)	Cena musical paraense	Positiva	Em 1996, a guitarrada [...] tomou um banho de loja graças aos esforços de Pio Lobato, então líder do grupo Cravo Carbone [...] o guitarrista deflagrou uma renovação em duas vias: ao mesmo tempo em que promoveu o resgate das raízes regionais, procurou reinventá-las por meio do cruzamento com tendências modernas; "Ainda que o binômio raízes-modernidade dê o tom geral, a diversidade de propostas atesta a robustez do novo pop amazônico"	Sérgio Martins	Processos culturais;	Cultura regional; hibridização; cultura popular;
2587	A obscenidade de Deus	100-101	Literatura	Nacional	Da Prosa, de Hilda Hilst	Positiva	"Em O caderno rosa de Lori Lamby, por meio de uma narradora-menina de 8 anos, explorada pelos pais, Hilda formula uma crítica corrosiva à sociedade cuja disfunção produz uma erotização precoce ao mesmo tempo em que promove o combate à pedofilia"	João Cezar de Castro Rocha	Produtos; sociedade	sexualidade
2587	Um conto gótico	96-99	Cinema	Internacional	Jurassic World - Reino Ameaçado	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Agenda; produtos;	-

2588	Os mais ou menos	98	Cinema	Internacional	Os Incríveis 2	Negativa	"O primeiro Os Incríveis, de 2004, era um filme que se poderia chamar de revolucionário [...] a animação do diretor Brad Bird falava com contundência surpreendente da exaltação contemporânea da mediocridade, da dinâmica familiar da classe média americana, do ego frágil dos homens de meia-idade e da inoperância de um poder público tolhido pela burocracia e escravizado pela opinião popular"	Isabela Boscov	Produtos; agenda; identidade	gênero
2588	Classicismo pop	99	Música	Internacional	Clipe de Apeshit	Positiva	"O deslumbrante vídeo de Apeshit [...] levou a cultura e o protesto dos negros americanos para um grande templo artístico (e turístico) francês: o Museu do Louvre"	Sérgio Martins	Produtos; identidade	raça; resistência
2588	Balé de desencontros	96	Cinema	Internacional	Desobediência	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; agenda;	-
2588	Lucy no céu com diamantes	97	Cinema	Internacional	Oh Lucy!	Positiva	Descritivo	Isabela Boscov	Produtos; agenda	-
2588	Tropeçar é humano	92-95	TV	Nacional	Segundo Sol	Positiva	"Com o sucesso de Avenida Brasil, em 2012, o próprio Carneiro mostrou que era possível injetar tons de cinza nos personagens sem melindrar a audiência"	Marcelo Marthe	Produtos;	-